ÉPOCA
www.epoca.com.br
EDITORA GLOBO

EIKE ESCÂNDALO

O ex-bilionário foi da lista dos mais ricos do mundo à lista dos mais procurados da Interpol, consagrando-se como um dos maiores micos do capitalismo brasileiro

Eike Batista, que tentava ser o homem mais rico do mundo, teve sua prisão decretada na semana passada

Se deixar de acreditar não é uma opção, conte com o Crédito Itaú.

Tem planos que são tão importantes no seu momento de vida, que deixá-los para depois não é uma opção. Talvez você nem precise de crédito para realizá-los. Mas, se precisar, conte com o Itaú para ajudar você a encontrar o crédito adequado.

Entenda. Simule. Contrate. Acesse itau.com.br/credito

Sujeito à análise de crédito.

DM9

Itaú. Feito para você.

Itaú

SUMÁRIO

EDIÇÃO 971 | 30 DE JANEIRO DE 2017

PRIMEIRO PLANO

DA REDAÇÃO 12

PERSONAGEM DA SEMANA 13
Scott Pruitt, novo diretor da agência ambiental dos Estados Unidos

A SEMANA EM NOTAS 16

A SEMANA EM FRASES 18

EUGÊNIO BUCCI 20
A ameaça que paira sobre o país: a preguiça mental

EXPRESSO 22
Eike Batista registra quatro marcas no exterior

SUA OPINIÃO 24

NOSSA OPINIÃO 26

TEMPO

NOTÍCIAS DO FRONT 30
A batalha por Mossul, segunda maior cidade do Iraque

CRÔNICAS AMERICANAS 40
Donald Trump anuncia construção de muro na fronteira com o México

"Fatos alternativos" de Trump representam uma ameaça à democracia 44

FRONTEIRAS DOS NEGÓCIOS 46
A segunda queda de Eike Batista

TEATRO DA POLÍTICA 52
A escolha de substituto de Teori abre disputa de padrinhos nos bastidores

Temer e tucanos se acertam para empurrar julgamento no TSE 54

CENAS BRASILEIRAS 56
2017 pode bater o recorde de policiais mortos no Brasil

IDEIAS

OBSERVADOR DA EDUCAÇÃO 60
Um ano depois: qual o legado das ocupações nas escolas?

ENTREVISTA 64
Arminio Fraga, economista e ex-presidente do Banco Central

HELIO GUROVITZ 67
O livro preferido de Donald Trump

VIDA

MENTE ABERTA 68
A jovem pianista que recebia cartões do pintor Alberto da Veiga Guignard

JAIRO BOUER 71
A falta de ética nas redes antissociais

BRUNO ASTUTO 72
Aos 50 anos, Supla diz que ainda enfrenta dificuldades por seu "jeito livre de ser"

WALCYR CARRASCO 76
Homem também pode: Botox, laser, lipo...

MENTE ABERTA 78
Hollywood defende diversidade contra Trump

12 HORAS 80

RUTH DE AQUINO 82
Eike Batista, nem santo nem diabo

EDITORA GLOBO

DIRETOR GERAL Frederic Zoghaib Kachar
DIRETOR DE AUDIÊNCIA Luciano Touguinha de Castro
DIRETORA DE MERCADO ANUNCIANTE Virginia Any

ÉPOCA

Diretor de Redação: João Gabriel de Lima **epocadir@edglobo.com.br**
Editor-Chefe: Diego Escosteguy
Diretor de Arte Multiplataforma: Alexandre Lucas
Editores Executivos: Alexandre Mansur, Guilherme Evelin, Leandro Loyola, Marcos Coronato
Editores-Colunistas: Bruno Astuto, Murilo Ramos
Editores: Aline Ribeiro, Bruno Ferrari, Flávia Tavares, Flávia Yuri Oshima, Liuca Yonaha, Marcela Buscato, Marcelo Moura
Editores Assistentes: Isabela Kiesel, Bruno Calixto
Repórter Especial: Cristiane Segatto
Colunistas: Eugênio Bucci, Guilherme Fiuza, Gustavo Cerbasi, Helio Gurovitz, Ivan Martins, Jairo Bouer, Marcio Atalla, Ruth de Aquino, Walcyr Carrasco
Repórteres: Daniel Haidar, Gabriela Varella, Luís Lima, Nina Finco, Paula Soprana, Rafael Ciscati, Rodrigo Capelo, Ruan de Sousa Gabriel, Teresa Perosa
Vídeo: Pedro Schimidt; **Web Designer:** Giovana Tarakdjian;
Consultora de Marketing: Cássia Christe
Estagiários: Daniele Amorim, Daniela Simões, Bruna de Alencar, Giovanna Wolf Tadini, Guilherme Caetano, Nelson Niero Neto
SUCURSAIS | RIO DE JANEIRO: epocasuc_rj@edglobo.com.br
Praça Floriano, 19 – 8o andar – Centro – CEP 20031-050
Editor: Sérgio Garcia; **Repórteres:** Acyr Méra Júnior, Guilherme Scarpa, Marcelo Bortoloti;
Repórteres Especiais: Hudson Corrêa, Samantha Lima;
| BRASÍLIA: epocasuc_bsb@edglobo.com.br
SRTVS 701 – Centro Empresarial Assis Chateaubriand – Bloco 2 – Salas 701/716 – Asa Sul
Diretor: Luiz Alberto Weber;
Repórteres: Alana Rizzo, Ana Clara Costa, Barbara Lobato, Bruno Boghossian, Filipe Coutinho, Nonato Viegas, Talita Fernandes;
FOTOGRAFIA | Editor: André Sarmento; **Assistente:** Sidinei Lopes
DESIGN E INFOGRAFIA | Editor: Daniel Pastori; **Editora Assistente:** Aline Chica;
Designers: Alyne Tanin, Daniel Graf, Renato Tanigawa;
Estagiárias: Ana Carolina Takano Malavolta, Ana Paula do Prado Ribeiro
Editor de Infografia: Marco Vergotti
SECRETARIA EDITORIAL | Coordenador: Marco Antonio Rangel
REVISÃO | Coordenadora: Araci dos Reis Galvão de França; **Revisores:** Alice Rejaili Augusto, Elizabeth Tasiro, Silvana Marli de Souza Fernandes, Vergínia Helena Costa Rodrigues
CARTAS À REDAÇÃO | epoca@edglobo.com.br;
Assistente Executiva: Jaqueline Damasceno;
INOVAÇÃO DIGITAL | Diretor de Inovação Digital: Alexandre Maron;
Gerente de Estratégia de Conteúdo Digital: Silvia Balieiro;
TECNOLOGIA | Diretor de TI: Rodrigo Gosling;
Desenvolvedores: Everton Ribeiro, Fabio Alessandro Marciano, Jeferson Mendonça, Leandro Paixão, Marcelo Amêndola, Marcio Costa, Murilo Amendola;
Automação Editorial: Ewerton Paes, Ronaldo Nascimento;
Opec On-Line: Rodrigo Santana Oliveira, Danilo Panzarini, Higor Daniel Chabes, Rodrigo Pecoschi, Thiago Previero

MERCADO ANUNCIANTE | Segmentos – Financeiro, Imobiliário, TI, Comércio e Varejo | Diretor de negócios multiplataforma: Emiliano Morad Hansenn; **Gerente de negócios multiplataforma:** Ciro Hashimoto; **Executivos multiplataforma:** Cristiane Paggi, Selma Pina, Milton Luiz Abrantes, Christian Lopes Hamburg, Taly Czeresnia Wakrat; **Segmentos – Moda, Beleza e Higiene Pessoal | Diretor de negócios multiplataforma:** Cesar Bergamo; **Executivas multiplataforma:** Adriana Pinesi Martins, Ana Paula Boulos, Eliana Lima Fagundes, Juliana Vieira, Selma Teixeira da Costa, Soraya Mazerino Sobral; **Segmentos – Casa, Construção, Alimentos e Bebidas, Higiene Doméstica e Saúde | Diretora de negócios multiplataforma:** Luciana Menezes; **Executivos multipla taforma:** Giovanna Sellan Perez, Rodrigo Girodo Andrade, Valeria Glanzmann; **Segmentos – Mobilidade, Serviços Públicos e Sociais, Agro e Indústria | Diretor de negócios multiplataforma:** Renato Augusto Cassis Sinisoalco; **Executivos multiplataforma:** Andressa Aguiar, Diego Fabiano, Cristiane Soares Nogueira, João Carlos Meyer, Prisoila Ferreira da Silva; **| Segmentos – Educação, Cultura, Lazer, Esporte, Turismo, Mídia, Telecom e Outros | Diretora de negócios multiplataforma:** Sandra Regina de Melo Pepe; **Executivos multiplataforma:** Ana Silvia Costa, Guilherme Iegawa Sugio, Lilian de Marche Noffs, Dominique Petroni de Freitas; **| EGCN – Consultora de marcas EGCN:** Olivia Cipolla Bolonha; **| Escritórios Regionais | Gerente multiplataforma:** Larissa Ortiz; **Executiva multiplataforma:** Babila Garcia Chagas Arantes; **Gerente de Eventos:** Daniela Valente; **Coordenador Opec Off-Line:** José Soares; **| Unidades de Negócio – Rio de Janeiro – Gerente multiplataforma:** Rogerio Pereira Ponce de Leon; **Executivos multiplataforma:** Daniela Nunes, Lopes Chahim, Juliane Ribeiro Silva, Maria Cristina Machado, Pedro Paulo Rios Vieira dos Santos; **| Unidades de Negócio – Brasília – Gerente multiplataforma:** Barbara Costa Freitas Silva; **Executivos multiplataforma:** Camilla Amaral da Silva, Jorge Bicalho Felix Junior; **| Estúdio Globo – Diretor de Arte:** Rodolpho Vasconcelos; **Editora Executiva:** Vera Ligia Rangel Cavalieri

AUDIÊNCIA | Diretor de Marketing: Cristiano Augusto Soares Santos; **Diretor de Clientes e Planejamento:** Ednei Zampese; **Gerente de Vendas de Assinaturas:** Reginaldo Moreira da Silva; **Gerente de Criação:** Valter Bicudo Silva Neto; **Coordenadores de Marketing:** Eduardo Rocoato Almeida, Patricia Aparecida Fachetti

ANER IVC FIPP

ÉPOCA é uma publicação semanal da EDITORA GLOBO S.A. – Avenida 9 de Julho, 5229, São Paulo (SP), Jardim Paulista – CEP 01407-907. Distribuidor exclusivo para todo o Brasil: Dinap – Distribuidora Nacional de Publicações **GRÁFICAS: Plural Indústria Gráfica Ltda.** – Avenida Marcos Penteado de Ulhoa Rodrigues, 700 – Tamboré – Santana de Parnaíba, São Paulo, SP – CEP 06543-001.

O Bureau Veritas Certification, com base nos processos e procedimentos descritos no seu Relatório de Verificação, adotando um nível de confiança razoável, declara que o Inventário de Gases de Efeito Estufa – Ano 2012, da Editora Globo S.A., é preciso, confiável e livre de erro ou distorção e é uma representação equitativa dos dados e informações de GEE sobre o período de referência, para o escopo definido, foi elaborado em conformidade com a NBR ISO 14064-1:2007 e Especificações do Programa Brasileiro GHG Protocol.

Deseja falar com a Editora Globo?

TELEVENDAS
4003-9393

VENDAS CORPORATIVAS E PARCERIAS
11 3767-7226
parcerias@edglobo.com.br

PARA ANUNCIAR
SP: 11 3736-7128 | 3767-7447 3767-7942 | 3767-7889 3736-7205 | 3767-7557
RJ: 21 3380-5930 | 3380-5923
BSB: 61 3316-9584
publiepoca@edglobo.com.br

NA INTERNET
www.assineglobo.com.br/sac
4003-9393

ASSINATURAS
4003-9393
vendaspessoais@edglobo.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
O pedido será atendido através do jornaleiro ao preço da edição atual, desde que haja disponibilidade de estoque. Faça seu pedido na banca mais próxima.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
11 3767-7005
venda_conteudo@edglobo.com.br

Para se corresponder com a Redação: Endereçar cartas ao Diretor de Redação, ÉPOCA, Caixa Postal 66260, CEP 05315-999 – São Paulo, SP. Fax: 11 3767-7003 – E-mail: **epoca@edglobo.com.br**
As cartas devem ser encaminhadas com assinatura, endereço e telefone do remetente. ÉPOCA reserva-se o direito de selecioná-las e resumi-las para publicação.
Só podem ser incluídas na edição da mesma semana as cartas que chegarem à Redação até as 12 horas da quarta-feira.

Das 100 melhores escolas públicas de ensino fundamental do Brasil, 77 são do Ceará.

Nosso futuro agradece.

Há 10 anos o Governo do Ceará criou o PAIC – Programa de Alfabetização na Idade Certa. Uma iniciativa que revolucionou a educação do estado e inspirou todo o Brasil. Resultado: hoje, das 100 melhores escolas públicas de ensino fundamental do país, 77 são do Ceará. E dentre elas, as 24 primeiras do ranking também são cearenses. Mostramos a todo o país que, com união entre estado, prefeituras, professores, pais, alunos e demais profissionais da educação, investimentos, e uma política pública continuada, que valoriza o aprendizado, sim, é possível um estado do Nordeste estar entre os melhores do Brasil na Educação.

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Educação

Fonte: IDEB 2015.

Para tudo que é importante, faça um seguro primeiro.
Faça o seguro do brasileiro.

Seguro Residencial

- Assistência residencial 24h
- Indenização de eletrônicos em caso de curto-circuito
- Cobertura de incêndio, raio e explosão

Banco do Brasil Seguros

Acesse o site:
especialistaemseguros.com.br

@bancodobrasil /bancodobrasil bb.com.br

Central de Atendimento BB
4004 0001 ou 0800 729 0001

SAC
0800 729 0722

Deficiente Auditivo ou de Fala
0800 729 0088

Ouvidoria BB
0800 729 5678

Um produto da Aliança do Brasil Seguros S.A. – CNPJ 01.378.407/0001-10 comercializado pela BB Corretora de Seguros e Administradora de Bens S.A. Processo SUSEP 15414.003.077/2009-93. O registro desses planos na SUSEP não implica, por parte desta autarquia, incentivo ou recomendação à sua comercialização. SAC 0800 570 7042, SAC Deficiente Auditivo ou de Fala 0800 775 5045 (atendimento 24 horas, sete dias da semana). A Ouvidoria poderá ser acionada para atuar na defesa dos direitos dos consumidores, para prevenir, esclarecer e solucionar conflitos não atendidos pelos canais de atendimento habituais. Ouvidoria 0800 775 2345, Ouvidoria Deficiente Auditivo ou de Fala 0800 962 7373 (atendimento das 8h às 18h, de segunda a sexta-feira, exceto feriados). As condições contratuais e o manual de assistência do seguro estão disponíveis para consulta na íntegra no site bb.com.br Serviços de assistência da residência são prestados pela Brasil Assistência Ltda. – CNPJ 68.181.221/0001-47.

DANUBIO

Nova linha de cremes e queijos Danubio,
deliciosos e irresistíveis. O máximo do sabor.

Prove agora.

Prove com

DANUBIO.COM.BR

DANUBIO
QUEIJO TIPO
Cottage
QUEIJO TIPO COTTAGE
200g

DANUBIO
CREME DE
Queijo Frescal
ULTRAFILTRADO
CREME DE QUEIJO FRESCAL
ULTRAFILTRADO
200g

DANUBIO
CREME DE
Ricota
CREME DE RICOTA
200g

Lançamentos

PRATOS PRONTOS SEARA.

RECEITAS EXCLUSIVAS E DELICIOSAS,

COM SABOR DE INGREDIENTES FRESQUINHOS.

EXPERIMENTE SEARA.

A QUALIDADE

VAI TE SURPREENDER.

Seara

SEM ADIÇÃO DE CONSERVANTES

Imagens ilustrativas

WMcCANN SEARA

O abismo da vaidade

O que Eike Batista e Donald Trump têm em comum, além de uma preocupação hiperbólica com a juba? À primeira vista, não muito – ou quase nada. Um é presidente dos Estados Unidos. Parece ter conquistado a glória que tanto cobiçava. O outro é, nas palavras dos procuradores da Lava Jato, um partícipe na organização criminosa comandada pelo ex-governador do Rio de Janeiro Sérgio Cabral. Está foragido no exterior, procurado pela Interpol. Parece ter encontrado a ruína que nunca imaginara.

Os momentos de ambos não poderiam ser, portanto, mais distintos. Talvez precisamente por essa razão seja útil observar com mais atenção quem são e como agem esses dois homens. O arco entre a ascensão e a queda de um (Eike Batista) pode ensinar muito sobre o arco ainda incompleto do outro (Donald Trump). Apesar de suas inúmeras diferenças, Trump e Eike movem-se, ou moviam-se, no caso do brasileiro, pelo desejo irrefreável de alcançar, em vida, uma glória reservada a poucos mortais. Trata-se de uma ambição desmesurada, que obscurece a verdadeira dimensão dos obstáculos humanos e anula as reflexões éticas e mesmo pragmáticas para o sucesso de qualquer empreitada. É uma ambição que cega pela vaidade profunda. Cria ilusões, não sonhos.

Trump queria ser o homem mais poderoso do mundo. Por enquanto, conseguiu. Eike queria ser o homem mais rico do mundo. Quase chegou lá. Para quem observou de perto sua ascensão, a queda era, se não uma certeza, ao menos uma boa aposta. Eike acreditava, como Trump parece acreditar, que sua capacidade de fazer milagres era suficiente para superar qualquer problema. Que, por alguma razão cósmica, seus poderes intelectuais ou empresariais sobrepujariam qualquer encrenca. Que ele, Eike, sozinho, faria chover. Ou brotar petróleo.

EU SOZINHO
Eike Batista e Donald Trump. Eles acreditam ter força para subjugar o mundo aos seus caprichos

Lá atrás, quando seus assessores lhe diziam que as reservas de petróleo da OGX não eram tão boas quanto se pensava, Eike não refez planos. Redobrou as apostas. Agiu sozinho. Ao iniciar seu caminho rumo à ruína que hoje contempla, insistiu na ilusão que criara. Só no fim cedeu ao peso da realidade – dos credores e das autoridades, quando já não havia alternativa. Soçobrou junto a cascata do empresário que transformava tudo em ouro. Não ascendeu e caiu só como empresário dito visionário, sem ajuda do Estado. Corrompeu para subir. Caiu corrompido.

Em sua primeira semana como presidente, Trump prosseguiu em campanha – uma campanha populista e com traços autoritários. Das políticas domésticas às internacionais, optou por agir sozinho, sem consultar aliados. Seja ao decretar a construção do muro na fronteira com o México, seja ao declarar guerra à imprensa, entre tantas confusões que causou, Trump moveu-se, ao que tudo indica, na certeza de deter poderes ilimitados. É uma ilusão que derruba homens desde que homens podem ser derrubados. É a mesma ilusão que derrubou Eike Batista. A queda é diferente para cada um, sem dúvida, mas os erros que a provocam estão à vista de todos – menos dos que despencam no abismo da vaidade.

Diego Escosteguy
Editor-chefe

Fotos: Matt McClain/The Washington Post via Getty Images e Armando Paiva/Fotoarena/Folhapress

PERSONAGEM DA SEMANA

SCOTT PRUITT

O DEFENSOR DOS POLUIDORES

Um dos advogados mais ativos contra a proteção ambiental assume a agência de proteção ambiental nos Estados Unidos. O que isso significa para o mundo?

Foto: Nick Oxford/Reuters

Bruno Calixto e **Alexandre Mansur**

Em uma das sessões do Senado dos Estados Unidos que sabatinavam os nomeados pelo presidente Donald Trump para seu governo, o senador Sheldon Whitehouse, democrata de Rhode Island, resolveu inovar. Pediu para um de seus assessores segurar um grande cartaz enquanto fazia suas perguntas. No centro do cartaz, um círculo com o nome de Scott Pruitt. Ao redor, várias setas com nomes de empresas de energia, petróleo e carvão apontados para ele (lembra o famoso PowerPoint do Ministério Público Federal do Brasil na denúncia contra Lula). "O senhor pediu doações para sua associação a alguma dessas empresas?", perguntou o senador. Pruitt disse não se lembrar. Pruitt foi nomeado por Trump para chefiar a Agência de Proteção Ambiental dos Estados Unidos (EPA), o mais importante órgão ambiental do país. Seu nome não poderia ser mais simbólico. Ele carrega um histórico de decisões contrárias às medidas de meio ambiente e controle das mudanças climáticas e favoráveis a empresas poluentes. O grupo que ele chefiou, a Associação dos Procuradores-Gerais Republicanos, recebeu financiamento e doações dessas empresas. Se sua nomeação for confirmada, ele estará em posição de desfazer todas as medidas ambientais adotadas pelo ex-presidente Barack Obama. Como quer Trump.

Advogado de 48 anos, foi senador estadual de Oklahoma e, desde 2011, ocupa o posto de procurador-geral no estado. Ficou conhecido por promover uma cruzada contra as regulações ambientais aplicadas pelo ex-presidente Barack Obama. Uma de suas primeiras medidas como procurador foi criar um "escritório do federalismo", onde articulou ações contra regulações ambientais com outros estados. Para Pruitt, as regulações da EPA são um assalto do poder federal contra o federalismo e as atribuições dos estados, que é quem deveria ter a responsabilidade de criar regras ambientais. Seguindo essa lógica, Pruitt entrou com 14 ações na Justiça contra a EPA, o próprio órgão que ele foi agora nomeado para chefiar. O principal alvo dos ataques é o Plano de Energia Limpa, apresentado por Obama em 2015. O plano visa reduzir as emissões climáticas americanas, controlando, principalmente, as usinas termelétricas de carvão mineral, um dos combustíveis mais sujos. A maioria desses processos movidos por Pruitt contra a EPA foi derrotada antes mesmo de chegar às Cortes, mas pelo menos um continua em tramitação. Na audiência no Senado, Pruitt não viu conflito de interesses entre essa ação e seu futuro posto. Também não aprofundou como vê a ameaça climática. Questionado pelos senadores se concorda com a comunidade científica (que as mudanças climáticas existem e são causadas pelos humanos) ou com Trump (que "é uma mentira inventada pelos chineses"), Pruitt desconversou. "Minha opinião pessoal sobre o assunto é irrelevante", respondeu.

Só que sua posição é sim relevante. A agência que ele pretende chefiar é, atualmente, um dos mais atuantes órgãos estatais do mundo em pesquisa e controle de emissões. Regras da EPA servem de modelo para legislações semelhantes em várias partes do mundo. Além disso, a EPA foi o braço executivo usado por Obama para contornar as resistências parlamentares a medidas contra mudanças climáticas e fazer os ajustes adequados aos compromissos assumidos internacionalmente.

A maior importância da posse de Pruitt é simbólica. Ele representa o medo de que a gestão Trump seja uma guerra contra a ciência, especialmente no clima. Os sinais são preocupantes. Logo em sua primeira semana de governo, a administração Trump iniciou um cerco aos funcionários e cientistas da EPA. Proibiu a agência de divulgar informações à imprensa e de usar as redes sociais. Mandou tirar do ar todos os sites que falassem sobre medidas contra o aquecimento global. Mais preocupante, há o receio de que Trump congele o orçamento e o financiamento de pesquisas sobre mudanças climáticas e inicie um processo de "revisão política" de todo o trabalho executado pelos técnicos da EPA. Isso teria impacto global, considerando que os Estados Unidos são a maior potência científica do mundo e centros federais como a Nasa (espacial) e a NOAA (de atmosfera e oceanos) realizam algumas das principais pesquisas sobre o clima do planeta.

Foto: Michael Reynolds/EFE

CARTAZ
O senador Sheldon Whitehouse aponta empresas de carvão e petróleo que financiaram Scott Pruitt. Há conflito de interesses?

A escolha de Scott Pruitt representa a ameaça de que Trump tire os Estados Unidos da rota de uma economia limpa e moderna

Ao querer controlar os cientistas, Trump parece mostrar que seu governo estará ao lado dos poluidores. Na manhã da terça-feira, dia 24, o presidente se reuniu com diversos CEOs da indústria automotiva americana, entre eles o executivo da Fiat Chrysler, acusada pela EPA de fraudar emissão de gases em seus veículos no Salão Oval da Casa Branca. Assinou dois decretos facilitando a tramitação de projetos para reavivar a construção dos oleodutos de Keystone e Dakota. Eles permitem a exploração de um petróleo de Alberta, no Canadá, mais poluente que o comum e, por isso, atraem oposição dos ambientalistas americanos. Para Trump, os dados sobre poluição não importam, já que os oleodutos vão gerar "um monte de empregos".

O novo presidente americano já afirmou várias vezes sua intenção de abandonar o Acordo de Paris, tratado assinado em dezembro de 2015. Foi o primeiro acordo a incluir países ricos e em desenvolvimento com metas de redução das emissões responsáveis pelo aquecimento global. Se os Estados Unidos, que só ficam atrás da China em peso nas emissões, deixarem o acordo, outros países podem ver nisso uma desculpa para não agir também. O problema é que a atmosfera não perdoa: as consequências já chegaram. O ano de 2016 bateu o terceiro recorde consecutivo de calor (a Nasa e a NOAA anunciaram o fato dias antes da posse de Trump). Já é tarde demais para negar as mudanças climáticas. Ironicamente, o novo secretário de Estado, Rex Tillerson, ex-executivo da petroleira ExxonMobil, é o mais sensato no governo. Ele reconhece que as mudanças climáticas são reais e afirma que os Estados Unidos "continuarão na mesa" de negociações. Resta ver quanto Trump vai ouvi-lo.

A maior esperança para evitar um grande retrocesso nos Estados Unidos é a força da economia limpa no país. Um estudo feito por uma coalizão entre empresas e investidores estimou que cumprir as metas do Acordo de Paris, que preveem a redução de emissões, pode movimentar um valor superior a US$ 13 trilhões em todo o mundo. Esse estudo mostra que investir em energia renovável gera mais postos de trabalho e mais benefícios econômicos do que na indústria de carvão ou petróleo. Essas empresas pedem a Trump que abrace as novas tecnologias que ajudarão a limitar o aquecimento global. "Independentemente do que o governo federal de Trump faça, as empresas americanas que estão no caminho de uma economia mais limpa não vão mudar por causa disso", acredita Andrew Light, pesquisador do World Resources Institute, um centro de estratégia ambiental baseado em Washington. "Ao contrário, agora deve ser papel dos empresários mostrar à nova administração a importância de manter o desenvolvimento de uma economia de baixo carbono nos Estados Unidos, para o bem da geração de emprego e riqueza." É desses empresários ligados à revolução energética e tecnológica americana que Trump e Pruitt deveriam se cercar agora. ◆

OITO NOTAS

QUE RESUMEM A SEMANA

Saída à inglesa

Diante de forte pressão, a Suprema Corte decidiu que a primeira-ministra Theresa May deverá recorrer ao Parlamento antes de iniciar o processo de saída do Reino Unido da União Europeia (UE). Na quinta-feira, dia 26, o governo britânico publicou um projeto de lei para dar início às negociações de abandono do bloco. O Brexit foi aprovado em referendo em junho de 2016 por mais de 1,2 milhão de votos de diferença. Na sequência, o país mergulhou numa profunda crise política, que provocou a queda do então primeiro-ministro, David Cameron, defensor da permanência.

Renúncia coletiva

O presidente e outros seis membros do Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária pediram demissão na quarta-feira, dia 25. O pedido ocorreu depois que o ministro **Alexandre de Moraes** aumentou o número de integrantes do órgão – ordem interpretada como uma tentativa de obter maioria e manipular o Conselho.

ACERTO DE CONTAS

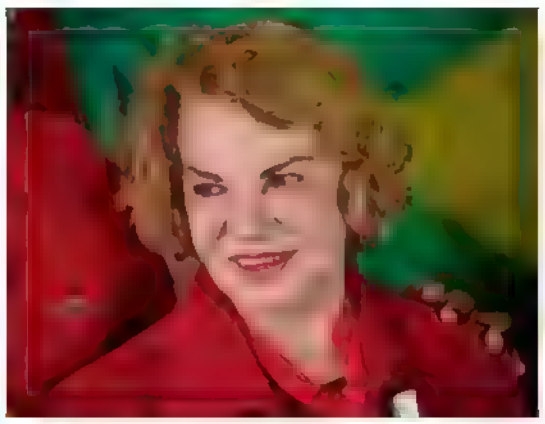
A Odebrecht deverá indenizar em pelo menos

R$ 7,7 BILHÕES

sete países onde realizou atividades ilegais para obter contratos de licitação. Até junho deste ano, serão estabelecidos acordos com mais 12 nações.

Em recuperação

Marisa Letícia, mulher do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, deu entrada no Hospital Sírio-Libanês na terça-feira, dia 24, depois de sofrer um acidente vascular cerebral (AVC). O médico Roberto Kalil, que cuida da família há mais dez anos, afirmou que o quadro da ex-primeira-dama é estável. Na sexta-feira, dia 27, Marisa seguia internada na UTI em coma induzido.



Na mira

O secretário da Segurança Pública de São Paulo, Mágino Alves, afirmou na segunda-feira, dia 23, que o Deic vai atuar contra grupos de pichadores. O órgão da Polícia Civil é especializado em investigar o crime organizado – a pichação está prevista na Lei de Crimes Ambientais. Nas últimas semanas, os pichadores viraram alvo de uma "cruzada" capitaneada pelo prefeito **João Doria** (PSDB).

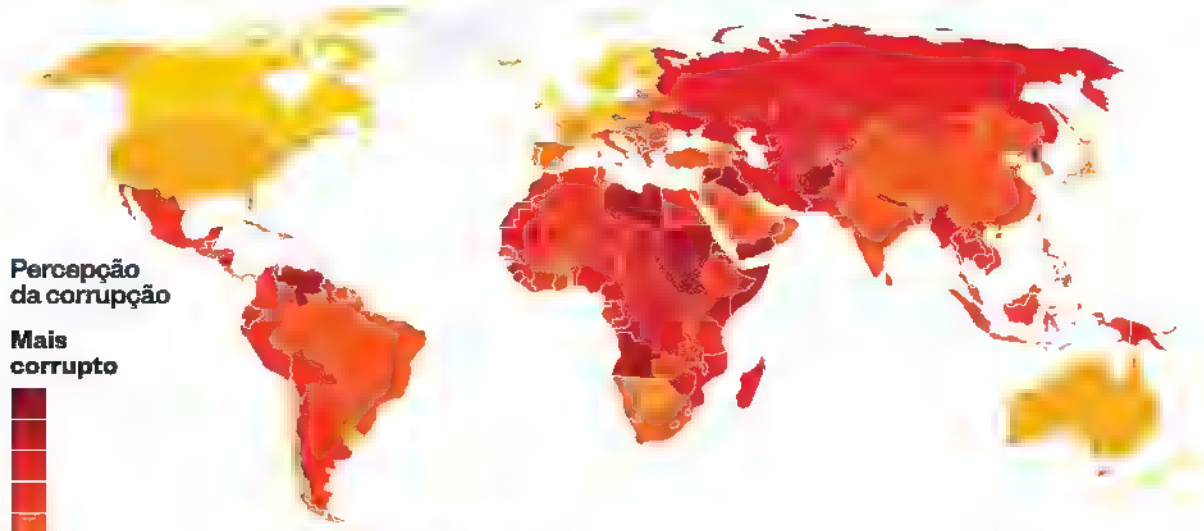
EM CHAMAS Fumaça se alastra pela cidade de Pumanque, no sul do Chile. O país decretou estado de emergência diante dos piores incêndios florestais da história, que deixaram seis mortos e 12 feridos na última semana. Embora regulares no árido verão chileno, os eventos estão mais frequentes devido à seca de quase uma década.

Eu te declaro... inocente

O procurador-geral da República, Rodrigo Janot, pediu ao Supremo Tribunal Federal o arquivamento do inquérito contra o senador **Lindbergh Farias** (PT-RJ). O petista era investigado pelos crimes de corrupção passiva e lavagem de dinheiro no âmbito da Operação Lava Jato.

Sensação de impunidade

O Brasil caiu três posições no último ranking de percepção de corrupção no mundo, divulgado pela ONG Transparência Internacional na quarta-feira, dia 25. O índice não mede a corrupção real dos países, mas o sentimento dos cidadãos em relação ao tema. Talvez isso explique por que a nota do Brasil desceu, apesar da onda de investigações e punições a corruptos.



Posição no ranking
O Brasil caiu de 76º para 79º em um ano

	Brasil	Alemanha	Canadá	Holanda	Suíça	Suécia	Dinamarca
2015	76º	10º	9º	8º	5º	4º	1º
2016	79º	10º	9º	5º	7º	3º	1º

Fonte: Transparência Internacional

Fotos: AFP Nelson Almeida/AFP Reuters, Dida Sampaio/Estadão Conteúdo, Mister Shadow/ASI/Estadão Conteudo, Uesle Marcelino/Reuters

DOZE FRASES

QUE RESUMEM A SEMANA

Fotos: HO/The Miss Universe Organization, Albin Lohr-Jones/Pool via Bloomberg, Hector Vivas/LatinContent/Getty Images e Nelson Antoine/FramePhoto/Folhapress

"As mulheres não se sentem ofendidas ao ver um homem bater em sua esposa"

Yelena Mizulina, senadora russa que apoia a descriminalização da violência doméstica no país. A lei já foi aprovada em duas votações e deve seguir para aprovação do presidente Vladimir Putin

"Ele tem um vocabulário de 77 palavras que é melhor ser chamado 'idiotês' do que inglês"

Philip Roth, escritor americano ganhador de diversos prêmios e considerado um dos mais brilhantes romancistas contemporâneos, sobre o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump

"Eu sou americana e sou muçulmana. Tenho muito orgulho das duas coisas"

Munira Ahmed, um dos rostos que mais estamparam os cartazes da Marcha das Mulheres, que ocorreu um dia após a posse do presidente americano, Donald Trump

"A mídia deveria manter a boca fechada"

Stephen K. Bannon, chefe estrategista da Casa Branca do governo Donald Trump

"Pesquisas mostram que ele estaria na dianteira e ganharia a eleição"

Dilma Rousseff, ex-presidente, ao afirmar que seria um "segundo golpe" impedir que o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva fosse candidato à Presidência da República em 2018

"Diante de notícias veiculadas pela imprensa, venho esclarecer não ter postura nem homofóbica nem machista"

Ives Gandra Martins Filho, presidente do Tribunal Superior do Trabalho (TST) Em artigo publicado em 2012, ele afirmava que a mulher deveria ser "submissa ao marido" e que uma relação homoafetiva seria "antinatural"

"Defender mais armas conduz à velha política criminal leiga, ineficaz e marcada por ares populistas"

Carta de demissão coletiva de sete integrantes do Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária, que criticou as medidas tomadas pelo ministro da Justiça e Cidadania, Alexandre de Moraes, ao lidar com a guerra de facções nos presídios

"Diria que, em vez de se fantasiar de gari e de pedreiro, ele entregue mais"

Robert Greene, autor do livro *As 48 leis do poder* (1998), ao dizer que conselho daria ao prefeito de São Paulo, João Doria. Doria citou a obra do autor em seu discurso de posse

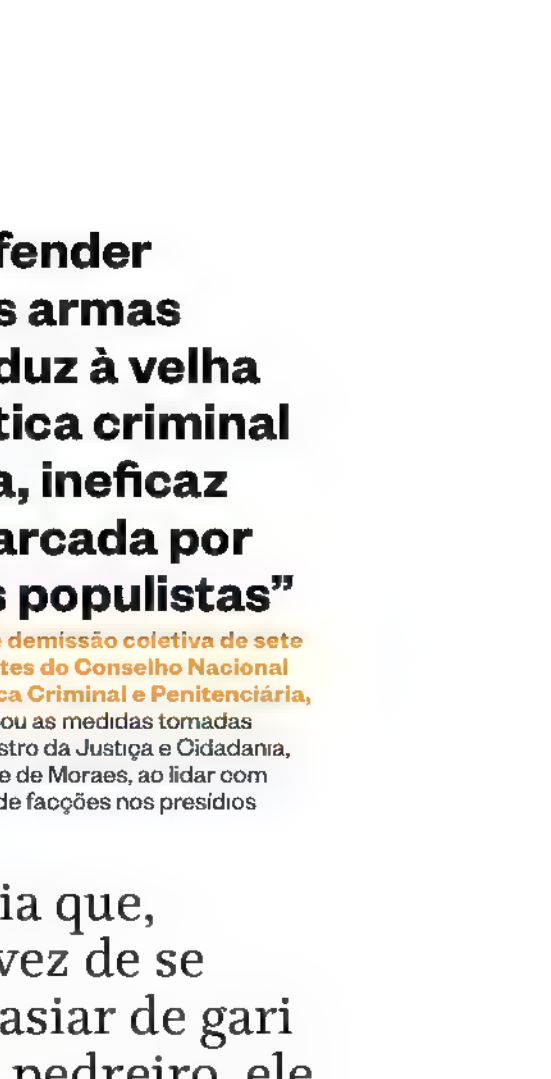
DEDO NA CARA

"Se o México não está disposto a pagar pelo muro, então seria melhor cancelar a próxima reunião"

Donald Trump, presidente dos Estados Unidos, sobre a reunião que estava agendada para terça-feira (31) com o presidente mexicano, Enrique Peña Nieto, na Casa Branca

"Nesta manhã, informamos à Casa Branca que não participarei da reunião com o presidente"

Enrique Peña Nieto, presidente do México, ao reiterar que o país repudia a construção do muro e não o financiará



METAMORFOSE AMBULANTE

"Ficou muito cinza"

André Sturm, secretário municipal de Cultura em São Paulo, após o prefeito João Doria pintar de cinza os muros da Avenida 23 de Maio

EUGÊNIO BUCCI

A ameaça que paira sobre o país: preguiça mental

O desastre aéreo que matou o ministro Teori Zavascki desencadeou uma onda assustadora de notícias falsas e fantasias conspiratórias. Assustadora de verdade. É claro que a hipótese de homicídio deve ser investigada. Não se pode descartar de antemão a possibilidade de um atentado premeditado ter provocado a tragédia que matou o juiz e mais quatro pessoas. As especulações sobre complôs e conspirações que correm pela internet, no entanto, vão muito além da dúvida razoável e se entregam com sofreguidão paranoica a intrigas imaginárias que não têm pé nem cabeça. Principalmente cabeça.

Uma delas fala de um sargento petista que teria sumido com as gravações de conversas entre o piloto e a torre de controle, mas o aeroporto de Paraty não dispõe de torres nem de operadores que falem com comandantes em voo. Outra especulação, na forma de um áudio narrado por um locutor que imita a voz de âncora de telejornal, diz que "há poucas horas atrás uma fonte anônima da Aeronáutica comunicou" isso e mais aquilo. Tenha dó. Um relato jornalístico que começa com o pleonasmo "há poucas horas atrás" não merece ser ouvido. Nesse caso, o falsificador se traiu pelo português ruim (o que é muito comum em contos do vigário que proliferam nas redes).

Assustam, e muito, os perfis falsos do magistrado morto, invencionices sobre sua vida privada e toda sorte de insinuações que inundam smartphones, e-mails e páginas no Facebook. Assustam não pela existência de falsários que vendem mentiras primárias como se fossem verdades jornalísticas, mas pelo gigantismo das multidões que adoram tudo isso. As notícias fictícias são campeãs de audiência. A humanidade interconectada não é vítima, mas fã ardorosa das mentiras e se delicia com o sabor apimentado das conspirações mirabolantes.

Os boatos – e especialmente os caluniosos – não são um mal do século XXI, o lado ruim das tecnologias digitais. As injúrias apócrifas circulam por aí desde que os humanos começaram a se comunicar por dois ou três grunhidos. Uma das mais deploráveis campanhas difamatórias da História foi o livro *Os protocolos dos sábios do Sião*, que correu a Europa com a força de uma peste para difundir o antissemitismo. Tudo ali era falso e, não obstante, arregimentou adeptos fanáticos, para os quais os problemas da civilização resultavam da ganância de usurários judeus.

Não é de hoje que os humanos acreditam em coisas do tipo. As razões dessa predisposição a aceitar narrativas sobre grandes conspirações vêm de longe. Elas simplificam tudo o que se passa a nossa volta e, por isso, são tão tentadoras. Algo deu errado? Ora, só deu errado porque conspiradores imundos urdiram suas perversidades contra nós. Os tiranos sabem disso e se aproveitam. A figura mais importante das tiranias não é o tirano, mas o inimigo escolhido pelo tirano, cuja figura ele usa para amedrontar seu povo encabrestado. Sem a figura do inimigo, sempre à espreita para subjugar, escravizar e matar, o tirano não tem razão para usurpar o poder. O inimigo pode ser qualquer um – o agiota judeu, o comunismo internacional, o imperialismo. O que importa é que o tirano convença os tiranizados que existe um inimigo conspirando contra o povo desprotegido.

A ABUNDÂNCIA DE TEORIAS CONSPIRATÓRIAS É ACOLHEDORA PARA DISCURSOS AUTORITÁRIOS

Por isso o volume de gente que adora notícia falsa é tão assustador: onde sobram fantasias conspiratórias, sobram oportunidades para discursos autoritários. A fé cega nas conspirações parece levar conforto a quem não quer – e não sabe – pensar. As teorias conspiratórias são a melhor amiga da preguiça mental dos oprimidos. Como o que existe de ruim se deve à vileza do inimigo, o oprimido (que se sente seguro, protegido com a presença do opressor) não precisa lidar com as complexidades de cenários contraditórios ou ambíguos. Não precisa ser adulto. As miríades conspiratórias, como fábulas infantis, como nas historinhas da Gata Borralheira, dos Três Porquinhos ou da Chapeuzinho Vermelho, simplificam a realidade.

Tudo fácil, estupidamente fácil. O sujeito pode acreditar que um sargento do PT acobertou o complô que matou o ministro do Supremo para sabotar a Lava Jato, assim como pode acreditar que a Lava Jato é produto de uma conspiração da CIA para tomar posse dos campos de petróleo no pré-sal brasileiro. Existem até aqueles que acreditam nas duas doideiras ao mesmo tempo.

O sucesso generalizado das notícias falsas, e especialmente das notícias falsas sobre essas conspirações malucas, atesta a minoridade política da sociedade. Atesta, também, a miséria da imaginação. ◆

Eugênio Bucci é jornalista e professor da ECA-USP

Peça

Friboi

CARNE CONFIÁVEL TEM NOME.

friboi.com.br

EXPRESSO

POR MURILO RAMOS

expresso@edglobo.com.br

Até chiclete

Eike multimarcas

O empresário **Eike Batista**, alvo da Operação Eficiência, registrou quatro marcas nos Estados Unidos e na Europa desde 2015, indício de que tinha esperanças de reeguer os negócios após o colapso do grupo X. De acordo com os registros, Eike tem a intenção de produzir enxaguante bucal, fio dental, chiclete, bebidas esportivas e protetor solar, além de pasta de dente.

Nas Bahamas

O endereço fornecido por Eike Batista para registrar as marcas no exterior não foi o da sede da empresa Clean World Technologies, no Rio de Janeiro, onde é sócio de um de seus filhos, **Thor**. Mas sim de um escritório em Nassau, nas Bahamas, que abriga uma offshore.

Meus delegados

O ex-presidente Lula arrolou dois ex-diretores da Polícia Federal – Paulo Lacerda e Luiz Fernando Corrêa – como testemunhas em processo da Lava Jato. Deporão em fevereiro e março, respectivamente.

Pente-fino

O Tribunal de Contas da União (TCU) transferiu do Rio de Janeiro para Brasília as principais auditorias sobre investimentos da Petrobras e da Eletrobras. É fácil perceber que a fiscalização feita na capital fluminense por vários anos não deu certo. A Lava Jato está aí como prova.

Bico

Advogados brasileiros que moram nos Estados Unidos estão sendo requisitados para ajudar grandes bancas americanas de advocacia nos processos abertos contra a Petrobras por lá. Paga-se bem.

Pindaíba

Em dívida com o Banco Votorantim, a Odebrecht topou se desfazer de cotas de um empreendimento imobiliário em favor da instituição financeira. Certo? Mais ou menos. O banco contratou uma consultoria para avaliar se os bens da construtora valem tudo o que ela diz.

Alívio

O presidente da Eletrobras, José Alquéres, comentou ter barrado a indicação de meia dúzia de apaniguados políticos para cargos na estatal. A reclamação encontra eco entre outros dirigentes de estatais. A situação só não está pior, comentam, porque Geddel Vieira Lima deixou a Secretaria de Governo. Ele era um pidão.

Fotos: Adriano Ishibashi/Frame/Estadão Conteudo, Pedro Gorab/EFE, Getty Images/Purestock, Marcelo Correa/Editora Globo

Com **Bárbara Lobato** e reportagem
de **Samantha Lima** e **Guilherme Caetano**

Terceirização

Temer escalou o ministro da Casa Civil, Eliseu Padilha, para fazer uma triagem dos candidatos a ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), mas Gilmar Mendes também ajudará.

O favorito...

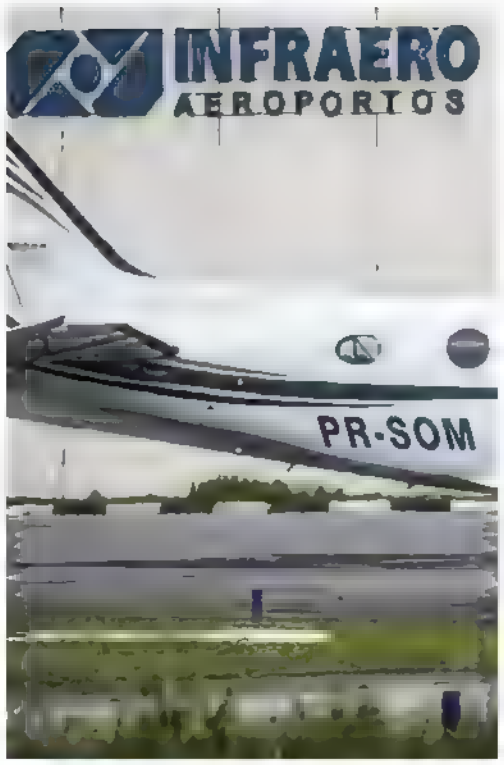
...de Gilmar Mendes para o STF é o presidente do Tribunal Superior do Trabalho (TST), Ives Gandra Filho. Aliás, Gandra leciona na faculdade de Mendes em Brasília.

Vrum, vrum

O Ministério da Transparência identificou que 1.258 beneficiários do Minha Casa Minha Vida, 0,7% do total, têm carros avaliados em mais de R$ 20 mil. A descoberta é importante porque serve de elemento para o governo excluir essas pessoas de uma faixa do programa.

Mudanças

Com a morte de Teori Zavascki, a Justiça Eleitoral será comandada pela primeira vez numa eleição presidencial, a de 2018, por uma mulher: a gaúcha Rosa Weber. Em 2012, Cármen Lúcia foi a primeira mulher a conduzir a Justiça Eleitoral numa eleição municipal.



Acidente

Um dia

O avião acidentado com o ministro Teori Zavascki no litoral fluminense, o PR-SOM, estava segurado pela Bradesco Seguros até 18 de janeiro. No dia seguinte, a Tokyo Marine assumiu o seguro da aeronave. O acidente aconteceu no dia 20. A aeronave foi assegurada por US$ 3,5 milhões. Já o seguro relativo à responsabilidade civil para danos a vítimas é de US$ 20 milhões. Cinco pessoas morreram no desastre.

Porteira aberta

O governo vai dispensar, por dois anos, turistas americanos, australianos, canadenses e japoneses dos vistos nos passaportes para ingressarem no Brasil. A iniciativa fora posta em prática durante a Copa do Mundo e a Olimpíada, ocasiões em que 74% entraram sem o visto. Um levantamento mostrou que gastaram US$ 167,7 milhões, quase nove vezes o que o Brasil arrecadaria com taxas consulares.

Leia a coluna EXPRESSO em epoca.com.br

Serão

Funcionários do Itamaraty fazem plantões para esmiuçar as possibilidades de criar e aperfeiçoar parcerias com a Argentina. O motivo é simples: o presidente Mauricio Macri virá ao Brasil no dia 7 de fevereiro e ninguém quer passar vergonha. Antes disso, porém, o ministro da Indústria e Comércio, Marcos Pereira, receberá um ministro argentino para discutirem acordo na área de autopeças.

Campanha

O senador Aécio Neves está empenhado em indicar o sucessor de Murillo Ferreira na presidência da Vale. Aécio acredita que Ferreira privilegiou o Pará em vez de Minas Gerais durante sua gestão – e Aécio tem sido cobrado por isso em seu estado. A vontade do tucano de emplacar o novo dirigente é tanta que ele carrega mais de um nome no bolso. O mandato de Ferreira expirará em maio de 2017.

Fim da novela

Ex-funcionários das extintas TV Manchete e da Bloch Editores, em São Paulo, aguardam com expectativa o leilão do prédio que abrigou a emissora de televisão no bairro da Casa Verde. O edifício, projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer e inaugurado em 1990, foi avaliado em mais de R$ 40 milhões. As massas falidas das duas empresas entraram num acordo para dividir o valor obtido com a venda, prevista para março.

Falso brilhante?

A Justiça determinou o leilão de águas-marinhas, pedras semipreciosas pertencentes ao banco BVA, que faliu em 2014, para honrar dívidas com os credores. Mas eles que não se animem. Os lotes estão avaliados em menos de R$ 300 mil.

SUA OPINIÃO

Escreva para:
epoca@edglobo.com.br

OBRIGADO, VOSSA EXCELÊNCIA

Em "Teori Zavascki (1948-2017): Obrigado, Vossa Excelência" (970/2017), ÉPOCA analisa a trajetória do discreto juiz que se revelou um herói silencioso da Lava Jato

Tomara tivéssemos mais profissionais e seres humanos com sua capacidade, inteligência, dedicação, profissionalismo e educação. Uma grande perda para seus familiares e para nosso país. Tem meu respeito e reconhecimento. Fará parte da história deste país, e espero sinceramente que, para honrá-lo, a lei seja cumprida em sua grande obra.

Carmen Derossi,
via Facebook

Pode começar perguntando por que desde a morte de Ulysses Guimarães os aeroportos daquela região continuam sem as mínimas condições de operar? É uma região turística, quantos mais vão morrer? Cadê a Anac?

Roberto Roni,
via Facebook

A morte do Teori deixa no ar uma grande dúvida: quem o substituirá e qual será o procedimento desse novo magistrado? Afinal, a Lava Jato mudou a cara do Brasil e ainda descobriu gente que se dizia honestíssima e ética que, no fundo, só queria se dar bem. Agora é a hora de o STF mostrar que nada vai mudar e que o Brasil deve ser passado a limpo, porque o povo precisa ser bem tratado e não merece trabalhar para pagar impostos tão altos.

Zureia Baruch,
São Paulo, SP

Não há como desassociar a Operação Lava Jato do ministro Teori Zavascki, que juntos mergulharam para a morte no último fim de semana, infelizmente. Fim da história!

Luís Fernando,
Laguna, SC

Sergio Moro no Supremo Tribunal Federal... apenas um sonho?

Guilherme de Oliveira,
via Facebook

Vamos honrar seu trabalho, nem que tenhamos de ir para as ruas todos os dias.

Guilherme Chaves Dinelli,
via Facebook

COLAPSO NO SISTEMA PRISIONAL BRASILEIRO

A reportagem "Descontrole incendiário" (970/2017) discorre sobre uma trapalhada do governo que culminou em sete dias de rebelião no Rio Grande do Norte

Isso aqui é o retrato dos governadores pelo Brasil. O discurso do governador do Rio Grande do Norte é o que sempre se ouviu como desculpa para nossas tragédias do dia a dia. Se aqui em São Paulo se dão desculpas para mortes semanais de inocentes, imagine no resto do Brasil. Se não mudarem leis e normas que regem o sistema prisional, vai piorar.

Reginaldo Protásio,
via Facebook

COMENTÁRIO DA SEMANA

"O FBI reconheceu que precisaria de, no mínimo, 103 anos para destrinchar o esquema de corrupção perpetrado pela Odebrecht e sua turma. Não existe nenhum crime na história recente do mundo para fazermos uma comparação. Falar mais o quê?"

Luís Fernando,
Rio de Janeiro, RJ

ADEUS
A morte de Teori Zavascki deixou o país em luto e apreensivo pelo rumo da Lava Jato

O QUE ACONTECERÁ COM A LAVA JATO?

Em "Os próximos passos da Lava Jato no Supremo" (970/2017), ÉPOCA explica a decisão de Cármen Lúcia e Michel Temer

Dez candidatos se apresentam para a escolha do substituto de Teori Zavascki. Entre eles só uma mulher. Chegou a hora de o presidente da República observar com bons olhos o direito da mulher, tão discriminada até nos Tribunais. No Supremo Tribunal Federal só duas constituem seus quadros: as excelentes ministras Cármen Lúcia e Rosa Weber. No STJ existem ministras com grande potencial de trabalho, autoras de livros de Direito, professoras juristas e de condutas ilibadas, aptas a exercer o tão disputado cargo.

José Lineu de Freitas,
Brasília, DF

MAIS COMENTADAS

1. **Começa a remoção...**
   Hudson Corrêa e Samantha Lima
2. **Em 2016, Marisa Letícia foi levada às pressas...**
   EXPRESSO
3. **Na posse, Melania foi de Jackie**
   Bruno Astuto
4. **Os protestos anti-Trump no mundo**
5. **"Não é possível acabar com facções..."**
   Aline Ribeiro

MAIS LIDAS

1. **Corinthians terá novo prejuízo em 2017...**
   ÉPOCA Esporte Clube
2. **Na posse, Melania foi de Jackie**
   Bruno Astuto
3. **Massoterapeuta não sabia que ministro...**
   EXPRESSO
4. **"Não é fácil ficar seis horas em cima do trio..."**
   Bruno Astuto
5. **Brasil nega patente de medicamento...**
   Marcela Buscato

MAIS COMPARTILHADAS

1. **Teori Zavascki (1948–2017): Obrigado...**
   Talita Fernandes
2. **Começa a remoção...**
   Hudson Corrêa e Samantha Lima
3. **O que acontece com a Lava Jato?**
   Talita Fernandes
4. **Delator aluga mansão para família de Claudia...**
   EXPRESSO
5. **Moro, não pegue avião**
   Ruth de Aquino

UM AMANHÃ
GIGANTE
COMEÇA COM
MAIS CULTURA.

DUREZA
Pezão e Meirelles na assinatura do acordo. O Rio ainda precisa mostrar as reformas que fará

Somos gaúchos e fluminenses

Chegou a hora de os governadores e deputados estaduais no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul demonstrarem a seriedade com que tratam as contas públicas

Os governadores e deputados estaduais do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul terão muito que mostrar ao país nas próximas semanas. É o momento de comprovarem seu grau de compromisso com gerações futuras de fluminenses e gaúchos e seu respeito pelos contribuintes do país inteiro, assim como sua capacidade de resistir a apelos demagógicos e ao lobby pela manutenção de privilégios do funcionalismo em seus estados. Os dois estados entram em fase crucial de suas renegociações de dívida com a União.

O governador gaúcho, José Ivo Sartori (PSDB), começou a negociação oficial com o Ministério da Fazenda na terça-feira, dia 24. Fez isso com um trunfo, após ato de responsabilidade compartilhado com a Assembleia Legislativa de seu estado. Antes de sentar à mesa com o governo federal, já havia aprovado o aumento da contribuição previdenciária dos funcionários públicos ativos e inativos e anunciado disposição de privatizar três empresas estatais estaduais.

O governador fluminense, Luiz Fernando Pezão (PMDB), encerrou a negociação oficial na quinta-feira, dia 26, ao assinar o acordo com o governo federal. Por contraste com os gaúchos, Pezão e os deputados fluminenses estão atrasados na tarefa de reformar o estado e reorganizar suas contas. A União se compromete a antecipar para o estado renda futura de royalties de petróleo e autorizar que ele contraia novas dívidas,

emergenciais, com bancos. Em troca, o governo fluminense deve entrar num regime de ajuste fiscal entre 2017 e 2019, com corte de secretarias, plano de incentivo a demissões de funcionários públicos, aumento da contribuição previdenciária do funcionalismo e – tragicamente, dadas as condições combalidas da economia local – elevação de impostos. O modo como se construirá o acordo nascedouro com o governo gaúcho e como se cumprirá o acordo já fechado com o governo fluminense afetará todos os brasileiros, por caminhos diversos.

Em primeiro lugar, os termos dos acordos e seu cumprimento determinam perspectivas para as populações de três estados grandes – além de Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, Minas Gerais deverá precisar de algo semelhante no futuro próximo. São 50 milhões de brasileiros que, no momento, sofrem as consequências da desorganização e falta de investimento em serviços públicos essenciais, como segurança, educação e saúde. Em nenhum dos casos se deve cair na tentação de lidar com a situação emergencial e deixar para depois as causas estruturais que levaram a ela. A crise atual é a oportunidade para que se façam as reformas necessárias e se garanta a futura capacidade de investimento nesses estados.

Em segundo lugar, o desenrolar das conversas dará um poderoso sinal aos demais estados. Nenhuma unidade da Federação se encontra em situação fiscal exemplar. Se o governo federal, no fim das contas, fizer apenas o papel de prestador de socorro, emitirá o sinal errado, de que há uma rede de segurança para os que incorrerem nos gastos descontrolados. É o que se chama, em economia, de risco moral.

Em terceiro lugar, trata-se de uma negociação que envolve o dinheiro de todos os contribuintes, do país inteiro. O governo federal deu o passo correto ao descartar perdão de dívida e aceitar apenas adiar os pagamentos. Esse alívio concedido aos dois estados, porém, não é isento de custo, num momento em que a própria União se encontra em situação fiscal dificílima. Quanto mais tempo o governo federal demorar para levar suas próprias contas a uma situação controlada, mais tempo todo cidadão e empresa no país terão de sofrer com pressão por juros altos, incerteza econômica e falta de investimento em áreas essenciais. Isso significa que todos os brasileiros estão oferecendo sua cota de sacrifício para que Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul se ajustem. Que eles o façam bem e ofereçam um bom exemplo aos demais estados. ◆

Foto: Beto Barata/PR

vigorgrego.com.br

Vigor Grego

Lanche

Existem muitos momentos do dia para

Iogurte grego é da Vigor.

VIGOR GREGO

é perfeito no

da Tarde.

saborear Vigor Grego. Que tal agora?

TEMPO
NOTÍCIAS DO FRONT

A BATALHA POR MOSSUL

A retomada pelas Forças do Iraque da segunda maior cidade do país, transformada em capital do Estado Islâmico, virou uma carnificina. ÉPOCA foi ao front dessa guerra, cuja violência ainda deve se acentuar

Yan Boechat (texto e fotos), de Mossul, Iraque

NA LINHA DE FRENTE. Atirador de elite das Forças Armadas iraquianas dispara contra soldados do Estado Islâmico, ao sul de Mossul. As Forças iraquianas recuperaram parte da cidade, mas as lutas sangrentas ainda estão por vir

O zunido agudo das balas cortando o ar indicava que os tiros estavam chegando mais perto. Já havia se passado quase meia hora desde que os militantes do Estado Islâmico iniciaram uma contraofensiva na tentativa de parar o avanço dos soldados das Forças Especiais Iraquianas. Era o início de uma manhã fria e ensolarada do dia 11 de janeiro, e o que havia começado com uma ação precisa de atiradores de elite, os snipers, logo se transformou em um ataque em larga escala. Aproveitando-se de túneis e buracos entre as casas, eles mudavam de posição com rapidez. Abriam fogo contra os blindados que seguiam em direção à Universidade de Mossul, um dos últimos pontos estratégicos do lado leste da cidade que ainda estavam, àquela altura, sob controle do Estado Islâmico.

Logo vieram os morteiros. Três disparos. Um deles caiu perigosamente perto dos comandantes iraquianos da operação, a não mais que 5 metros. De surpresa, um carro-bomba saiu de uma casa em uma rua perpendicular. Antes de chegar perto dos soldados, o motorista foi atacado por Humvees (veículos militares) iraquianos. Ele se autodetonou ainda distante das tropas. "Eles vão lutar com tudo o que têm para impedir que cheguemos à universidade e estão bem protegidos naquelas casas ali na frente. Nossos homens não estão conseguindo abatê-los", dizia, em tom de explicação, o general Abdul Wahhab al Saidi. "Vamos bombardeá-los, é mais fácil e mais seguro." Ao mesmo tempo, Al Saidi discutia com assistentes a localização das trincheiras dos soldados do Estado Islâmico.

Com um dos pequenos tablets Samsung distribuídos a todos os militares em posição de comando nesta batalha contra o Estado Islâmico, um capitão buscava no mapa digital as coordenadas. Por rádio, ele as repassou para uma central dedicada a fazer a interlocução entre as tropas em solo e o centro de controle da aviação de combate da coalizão internacional liderada pelos Estados Unidos e responsável pelo suporte aéreo. "Vamos esperar, o pedido já foi feito e logo, logo os aviões estarão aqui." Os tiros continuavam, assim como os disparos ▶

DESTRUIÇÃO
Crianças brincam junto aos destroços de um Humvee das Forças Armadas iraquianas destruído por ataque de carro-bomba em área recém-liberada de Mossul

de morteiro. Onde estavam os oficiais, ninguém foi atingido. Sob a cacofonia dos disparos, uma primeira explosão. E depois outra e mais outra. Colunas de fumaça subiram o quarteirão vizinho e os tiros pararam. Apenas o som dos aviões sob o céu de Mossul podia ser ouvido no final daquela manhã de inverno.

Assim tem sido desde que a batalha por Mossul, considerada a capital política e econômica do Estado Islâmico, com 1,5 milhão de habitantes, recomeçou, no final de dezembro, após uma pausa de quase um mês. Para conseguir avançar sobre as posições do Estado Islâmico na povoada cidade, os iraquianos se tornaram dependentes dos ataques aéreos e da artilharia de longa distância. Diariamente, caças, drones e até mesmo a clássica fortaleza voadora B-52 despejam toneladas de bombas. É uma mudança de estratégia profunda desde que esta guerra começou, no final de outubro. Preocupados em não repetir as cenas de destruição e sofrimento da população civil vistas em Aleppo, na Síria, tanto as Forças iraquianas quanto a coalizão internacional liderada pelos Estados Unidos haviam decidido evitar bombardeios maciços nas áreas mais povoadas da cidade. Temendo um caos humanitário, o governo iraquiano também decidira que os moradores de Mossul só deveriam deixar suas casas em situações extremas. "Nossa maior dificuldade neste momento são os civis, não podemos utilizar artilharia ou ataques aéreos da maneira que usaríamos em uma guerra convencional, esta

SOCORRO
Feridos por ataque com drones do Estado Islâmico aguardam atendimento no hospital de campo de Mossul

é uma situação nova para nós", dizia o mesmo general Al Saidi em novembro.

A estratégia das Forças iraquianas até aquele momento era usar blindados maciçamente para obter vantagem em um ambiente de guerrilha urbana, conquistando terreno rua a rua, casa a casa e evitando bombardeios indiscriminados. O resultado, no entanto, foi desastroso. O governo iraquiano não divulga números de vítimas militares ou civis, mas analistas estimavam entre 20% e 25% o percentual de mortos e feridos entre as Forças Especiais nas primeiras oito semanas de combate. Segundo a ONU, mais de 2 mil soldados iraquianos haviam sido mortos apenas em novembro. "São números muito altos. Seria impossível continuar nesse ritmo", diz o ex-coronel das Forças Especiais do Exército americano David Witty, que dava consultoria para as Forças Especiais Iraquianas. "Eles precisavam rever as táticas."

Mossul está em ruínas. A cada interseção de ruas, uma cratera. Em cada quarteirão, casas completamente destruídas. É difícil encontrar uma área da cidade tomada pelas Forças iraquianas após a pausa de dezembro que não esteja repleta de escombros e destroços. Carros queimados continuam nas ruas, animais mortos se decompõem nas calçadas e corpos de combatentes do Estado Islâmico permanecem nos locais em que foram abatidos. "Era como se chovessem bombas, todos os dias, por duas semanas. Eles bombardearam tudo, mesmo quando não havia mais terroristas aqui", diz o técnico de laboratório Askaf Djabouri, de 35 anos, em frente a uma mesquita semidestruída, nas proximidades da Universidade de Mossul.

Askaf perdeu a casa, o carro e a criação de passarinhos que tinha havia mais de dez anos, mas ninguém de sua família morreu. "Os homens do Daesh *(Estado Islâmico)* já tinham fugido e eles continuaram a despejar bombas aqui. Nossa sorte foi ter ido para a casa de um primo, que tem um porão", diz ele, indignado. "Mas nossos vizinhos morreram. Eram 15 pessoas, e o bombardeio foi tão poderoso que colocou a casa abaixo. Alguns corpos ainda estão lá", diz Askaf, que trabalhava no Hospital Universitário.

Quem melhor faz o levantamento sobre vítimas civis no Iraque é a ONG Iraq Body Count (IBC), ainda que de forma imprecisa. Ela busca mapear as vítimas dos conflitos armados no Iraque desde a invasão americana em 2003. ÉPOCA fez um levantamento com base nos relatórios diários da IBC e concluiu que o número de vítimas civis por ataques aéreos cresceu de forma acentuada a partir do final de dezembro. O aumento coincide com o reinício do ▶

avanço das Forças iraquianas contra as áreas dominadas pelo Estado Islâmico. Nos 20 primeiros dias de janeiro, cerca de 350 pessoas morreram em Mossul vítimas dos ataques com aviões e drones. Esse número representa um crescimento de quase 60% sobre o número de vítimas dos meses de novembro e dezembro combinados. Nas três primeiras semanas de janeiro, o número de mortes de civis por ataques aéreos superou o número de vítimas por outras causas (morteiros, snipers, tiroteios, explosivos improvisados, carros-bombas) pela primeira vez desde o início da operação, no final de outubro.

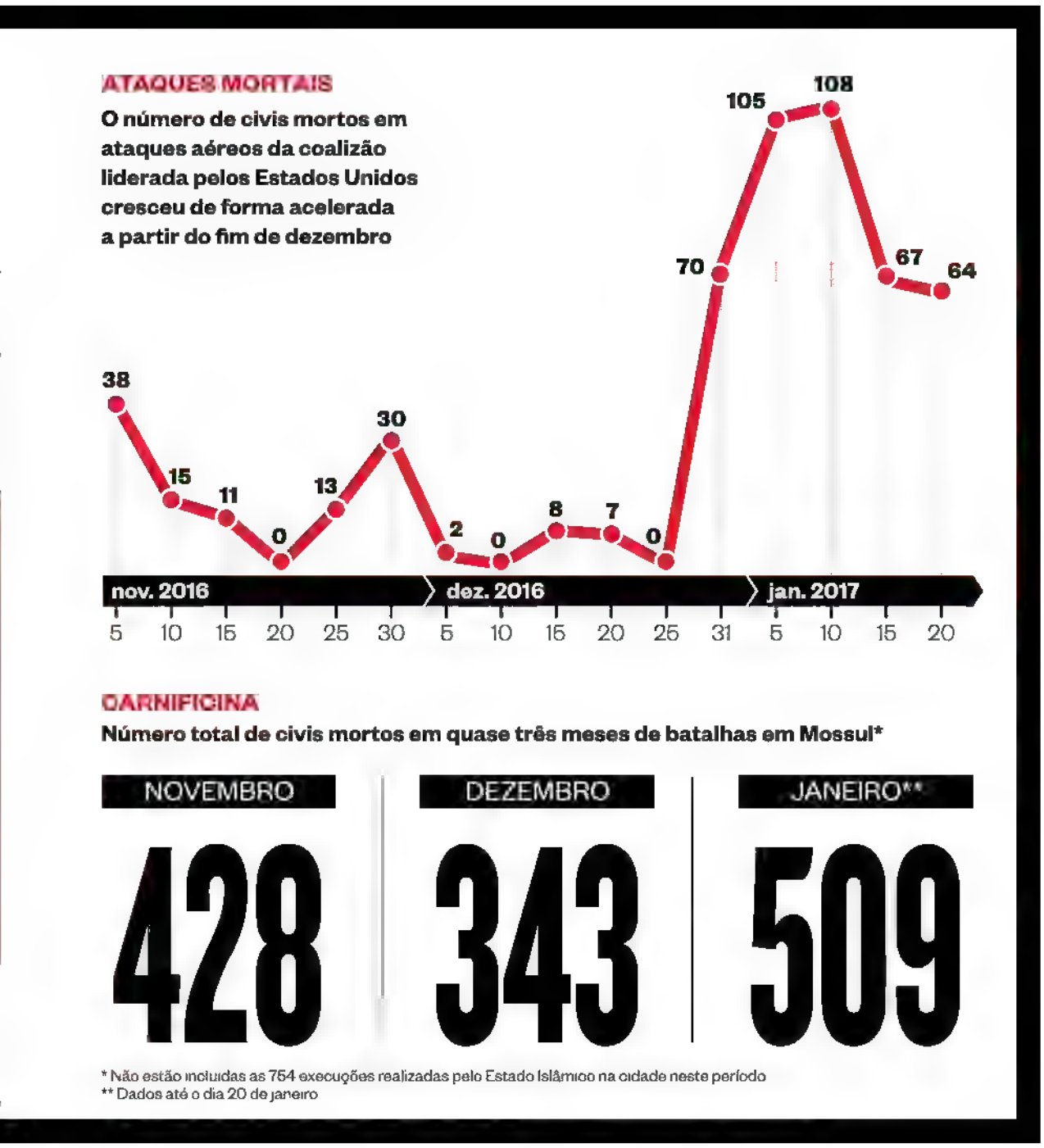
UMA ESTRATÉGIA LETAL

A perna direita do homem de cerca de 60 anos tinha um buraco na altura da panturrilha, grande o bastante para fazer uma laranja desaparecer entre os restos de músculos, tendões e pele ensanguentada. A bomba que caiu sobre a cozinha matou instantaneamente dois filhos do homem deitado sobre uma maca no hospital de campanha instalado em uma mesquita semidestruída em Mossul. Os estilhaços arrancaram um pedaço da perna do homem e quebraram sua tíbia. Um pedaço do osso agora pressiona a parte externa, fazendo com que a canela ganhe um formato curvilíneo. O paramédico Gabe Carsillo, um americano nascido em Buenos Aires que veio para Mossul atuar como voluntário no hospital de campanha, tentava estabilizar a perna quando o homem começou a respirar de forma acelerada. Em poucos segundos, ele começou a se sufocar.

"Sua perna estava em um estado tão ruim que só me dei conta de que outros estilhaços podiam ter atingido órgãos vitais quando seu pulmão entrou em colapso", disse Carsillo. Uma perfuração no peito, menor que o tamanho de uma moeda de 5 centavos, indicava onde o pedaço de metal havia entrado. Carsillo e os paramédicos tentaram salvar o homem inserindo longas agulhas com válvulas. Queriam retirar o ar que entrava nos pulmões. Inseriram uma, duas, três, quatro agulhas longas. Sem sucesso. O homem morreu diante do único filho que havia sobrevivido ao ataque daquela tarde.

Ex-médico de combate e soldado do Exército americano por oito anos, Carsillo não é um novato nesse tipo de situação. Ainda com as calças e a camisa molhadas de sangue, ele se dizia impressionado com a violência da guerra em Mossul. "Estive um ano em Bagdá, em um dos períodos mais duros, em 2005", contava ele no quintal da mesquita, em frente a uma fogueira e ao lado de três buracos abertos no solo por morteiros. "Mas nunca vi tanto sangue quanto aqui, é violento demais." Poucos dias depois, a coordenadora dos esforços humanitários da ONU no Iraque, Lise Grande, deu números para as conclusões empíricas do voluntário americano. De acordo com ela, a ONU estava impressionada com a quantidade de vítimas civis em Mossul. "Em um conflito como esse, espera-se que a taxa de mortos e feridos entre civis seja algo em torno de 15% dos números de mortos e feridos entre combatentes. Quando o volume é muito alto, pode chegar a 20%", diz ela. "Mas aqui estamos percebendo que chega a 50%. É um número impressionante."

A mudança de estratégia pode ter custado a vida de mais civis, mas, sob o olhar pragmático dos militares iraquianos, foi um sucesso. Até o final de dezembro, as Forças iraquianas haviam capturado algo entre 30% e 40% da parte leste de Mossul, uma das maiores derrotas do Estado Islâmico desde que o grupo começou a perder território. Em dezembro de 2015, o Estado Islâmico controlava 78.000 quilômetros quadrados na Síria e no Iraque. Agora,



esse domínio caiu para cerca de 60.000 quilômetros quadrados – em boa parte, sem importância econômica e estratégica. Em janeiro, o primeiro-ministro iraquiano, Haider al Abadi, anunciou a retomada de toda a margem esquerda do Rio Tigre em Mossul. Rodeado por combatentes em uma base militar nas cercanias da cidade, o comandante das Forças Especiais Iraquianas, general Talib Shagati, comemorou a vitória: " Eles estão fracos e não têm a nossa experiência. Vamos libertar toda a Mossul em pouco tempo".

O discurso ufanista desbragado pode encontrar lastro no avanço acelerado das últimas semanas de janeiro. Mas não tem eco entre aqueles que estudam as táticas e estratégias do Estado Islâmico. Desde o início desta guerra, a expectativa é que o lado leste de Mossul, agora dominado pelos iraquianos, seria o mais fácil. Isso se explicaria por uma série de razões. A principal delas diz respeito às características urbanas de cada lado da cidade. A parte oeste, onde o Estado Islâmico mantém o domínio, é mais densamente povoada que a margem esquerda do Tigre, onde há grandes avenidas e bairros planejados. Nas áreas retomadas pelas Forças iraquianas, lentamente, a vida, em meio ao cenário de destruição, começa a dar sinais de retorno, com a volta de habitantes que haviam buscado abrigo nos campos de refugiados. Pequenas lojas estão sendo reabertas, mercados de verduras e frutas tomam conta das ruas. Até mesmo cigarros – item banido pelo Estado Islâmico – passaram a ser vendidos livremente. Em algumas áreas há congestionamento de veículos e filas nos postos de gasolina.

No lado oeste, a ONU estima que existam mais de 750 mil moradores. As ruas são mais estreitas, as casas mais antigas. Em algumas áreas, os automóveis não trafegam pelas ruelas. Ali, os combatentes do Estado Islâmico terão fartas opções para emboscadas, ataques suicidas e uso de bombas caseiras, práticas que se mostraram extremamente eficazes contra as Forças iraquianas nas primeiras semanas de batalha.

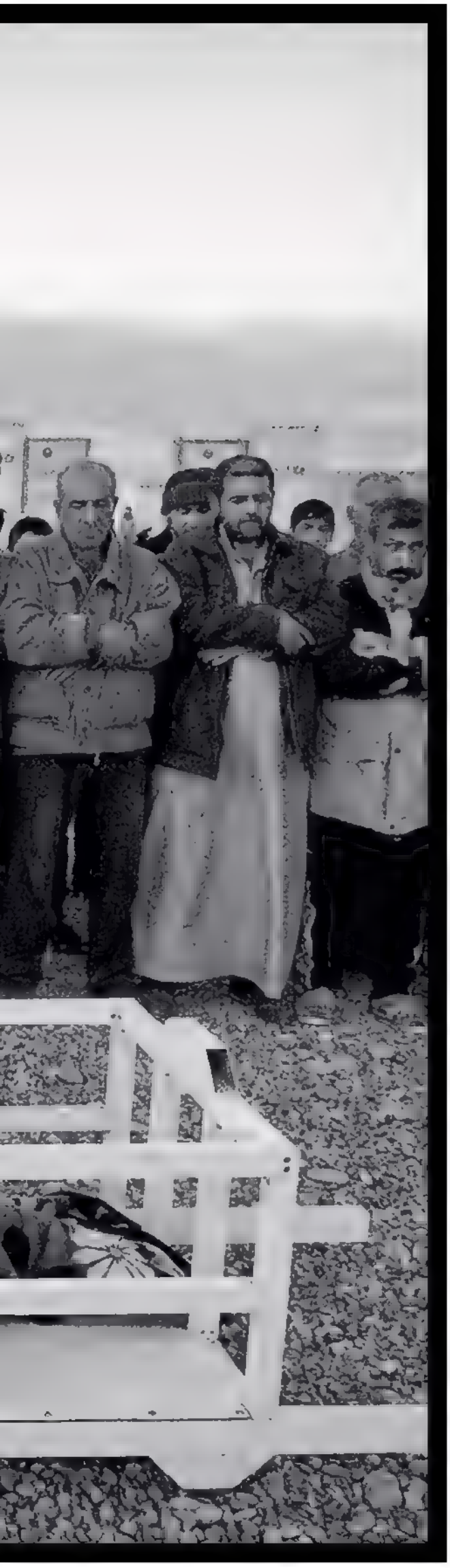
Charles Winter, pesquisador sênior do Centro Internacional de Estudos da Radicalização, de Londres, acompanha o Estado Islâmico há cinco anos e não acredita que as coisas serão tão simples quanto os generais iraquianos querem fazer crer. "Está muito claro que houve uma retirada estratégica nas últimas semanas, os avanços foram muito rápidos", disse ele, em uma entrevista por e-mail. Para ele, as batalhas no leste de Mossul serviram como um teste para o Estado Islâmico medir as forças e as estratégias do Exército iraquiano. "A resistência no outro lado do rio será maior. Será uma batalha mais violenta", diz. Winter não descarta a possibilidade de que a porção oeste de Mossul se transforme em algo semelhante à tragédia de Aleppo.

Essa também é a opinião do ex-coronel das Forças Especiais americanas David Witty, que até há pouco tempo trabalhava como consultor do Exército iraquiano. "Será uma batalha muito dura, não sei se como Aleppo, porque os militares iraquianos têm tido verdadeiro cuidado em minimizar as perdas civis. Mas as ruas estreitas, a cidade antiga e populosa, tudo isso fará com que as coisas não sejam fáceis", diz. O avanço sobre o oeste deverá ocorrer nas próximas semanas. Poucos duvidam que as Forças iraquianas devem sair vitoriosas, mas ninguém arrisca a que custo.

CERCO AOS SUNITAS

Yousuf Jamal, de 22 anos, morador do bairro de Baladiyat, na parte leste de Mossul, abriu o portão de casa pela primeira vez em cinco dias quando conseguiu ver os primeiros Humvees do Exército iraquiano em frente a sua garagem. ▶

DESPEDIDA
Corpo de jovem de 10 anos é velado no campo de refugiados de Hasanshan. Com a batalha por Mossul, muitas vítimas civis da guerra foram enterradas em locais improvisados



O som dos tiros e dos morteiros ainda ecoava alto quando ele avisou para os soldados não se preocuparem. "Eu não sou Daesh, eu não sou Daesh, só quero agradecer a vocês", disse ele. Yousuf ainda tinha a barba longa tornada obrigatória a todos os moradores de Mossul pelo EI quando deu as boas-vindas aos soldados. "A primeira coisa que vou fazer é raspar a barba, eu a odeio", disse, sorriso aberto. Ex-aluno da faculdade de línguas da Universidade de Mossul, Yousuf reclamava dos dois anos que ficou sem estudar. "As coisas não eram tão ruins assim, mas ficar sem estudar, perder dois anos da minha vida, isso foi o pior."

Ele e sua família, como a maior parte dos moradores de Mossul, receberam bem os combatentes do EI quando eles chegaram à cidade, no verão de 2014. Acreditavam estar sendo libertados da opressão das Forças Armadas iraquianas, majoritariamente xiitas, que haviam invadido a cidade poucos anos antes para combater o grupo terrorista al-Qaeda. Bastião sunita em um país com quase dois terços da população xiita, Mossul sempre foi o grande desafio do governo de Bagdá após a queda de Saddam Hussein. Em suas ruas estreitas, boa parte da elite militar e política dos tempos de Saddam se refugiou após a invasão do país pelos Estados Unidos. Os dois filhos do ditador, Uday e Qusay, foram mortos ali, enquanto lideravam a resistência. Mossul também foi a cidade iraquiana que melhor recebeu a al-Qaeda de Bin Laden e, não à toa, o local escolhido por Al Bagdhadi, o líder do EI, para declarar o califado islâmico.

Os anos que antecederam a chegada do Estado Islâmico foram de terror para os habitantes de Mossul. Mortes, julgamentos sumários, extorsões e estupros foram cometidos por parte dos militares iraquianos. Havia – e ainda há – uma imensa desconfiança mútua entre a população civil e o Exército iraquiano. Foi por isso que o primeiro-ministro Abadi proibiu a entrada das milícias xiitas na cidade, conhecidas como Movimento das Unidades Populares. Ele temia que os abusos se repetissem. Mesmo sem a entrada oficial dos milicianos, a reportagem de ÉPOCA viu vários deles circulando pela cidade. Os casos de barbárie se multiplicam. Há gravações de torturas e de execuções de moradores suspeitos de integrar o Estado Islâmico por parte de soldados. As denúncias levaram a ONU a pedir uma investigação oficial e detalhada ao governo iraquiano.

Tanto a ONU como as forças de coalizão contra o Estado Islâmico sabem que, se não conquistarem os corações e mentes dos moradores de Mossul, a segunda maior cidade do Iraque, outro grupo extremista sunita encontrará terreno fértil para florescer. "Mesmo com a libertação total da cidade, o Estado Islâmico permanecerá com muitos apoiadores ali. Acho que veremos em Mossul o que vimos em Bagdá durante a guerra sectária entre xiitas e sunitas, em 2005. Muitos ataques, muita violência, enfim, tudo que possa impedir uma estabilidade", diz Charles Winter.

> MESMO COM A DERROTA DO ESTADO ISLÂMICO, MOSSUL DEVERÁ PERMANECER TERRENO FÉRTIL PARA O EXTREMISMO SUNITA

O capitão Ouqbar Nafar tem tido dias calmos. Enquanto não recebe ordens para avançar, ele e seus homens patrulham pontes destruídas entre os afluentes do Tigre que cortam a cidade. Diante de uma multidão que tentava cruzar uma delas no fim de uma rara tarde quente de janeiro, Nafar dizia esperar um atentado a qualquer momento. "Esta cidade é muito grande, qualquer um deles pode vir aqui correndo e se explodir, não temos como prevenir esse tipo de ação", dizia, rodeado por soldados jovens e nervosos que faziam sua segurança. "Nós vamos expulsar o Estado Islâmico de Mossul, mas a guerra não vai acabar", dizia ele, com rara franqueza. "A força deles não está nas armas ou em seus combatentes, a força deles está nas ideias que espalham", dizia, pouco antes de mandar um morador que se aproximava em busca de informações se afastar. Aos berros. ◆

É tão ruim quanto parecia

Com medidas como a construção de um muro na fronteira com o México, a primeira semana de Donald Trump na Casa Branca aponta para um Estados Unidos mais ensimesmado e truculento

BARREIRA
A fronteira entre Estados Unidos e México já tem 900 quilômetros de cerca. Donald Trump vai construir um muro de 3.200 quilômetros para separar os dois países

Foto: Josh Denmark

Teresa Perosa

Em seus 70 anos de existência, o horário mais próximo da meia-noite a que o "relógio do fim do mundo" já chegou foi o marco de dois minutos. O relógio, criado no início da Guerra Fria por cientistas nos Estados Unidos, tinha a pretensão de servir de "medidor" da segurança do planeta diante da possibilidade de um conflito nuclear. Quanto mais próximos os ponteiros da meia-noite, horário simbólico da catástrofe mundial, mais perto do fim a humanidade estaria. A marcação mais próxima da hora zero ocorreu em 1953, quando os americanos, em corrida armamentista com a União Soviética, desenvolveram a bomba de hidrogênio. Na semana passada, o relógio atingiu seu segundo marco mais próximo da "catástrofe": o mundo, em 2017, está a dois minutos e 30 segundos da meia-noite. "O ambiente complexo global de hoje demanda respostas políticas deliberadas e ponderadas. É mais importante do que nunca que líderes do alto escalão em todo o globo acalmem, em vez de aumentar tensões que poderiam levar à guerra, seja por acidente ou por erro de cálculo", escreveu a cientista Rachel Bronson, diretora da organização responsável pelo relógio.

O anúncio foi um evidente recado ao novo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. Em sua primeira semana no cargo, ele assinou uma série de ordens executivas que colocaram o governo dos Estados Unidos em marcha reversa de seu protagonismo pró-globalização mundial. Entre as medidas assinadas – e alardeadas – na semana passada estavam a retirada oficial do país das negociações da Parceria Transpacífico e a emissão de um documento com a oficialização da intenção de renegociar imediatamente os termos do Nafta, o acordo comercial entre Estados Unidos, México e Canadá. O governo Trump também planeja uma série de regulações com o objetivo de aumentar a deportação de imigrantes e bloquear a entrada de estrangeiros – entre eles, refugiados. A sequência de medidas unilaterais e isolacionistas *(leia mais no quadro da página 43)* aponta para um Estados Unidos fechado e truculento no cenário global e, mais uma vez, soterra qualquer dúvida sobre a força desestabilizadora de Trump.

> A INSISTÊNCIA EM ESPEZINHAR O MÉXICO REVELA O EVIDENTE DESPREPARO DE TRUMP QUANTO A NEGOCIAÇÕES

O espetáculo mais bizarro cercou a decisão de Trump de construir o muro na fronteira com México, uma de suas principais promessas de campanha. Depois de assinar a ordem executiva que dá início ao projeto, o presidente americano insistiu que o México pagará, "de um jeito ou de outro", a conta. No Twitter, Trump acusou os mexicanos de se locupletarem graças às riquezas americanas transferidas por meio do Nafta e aconselhou o presidente do México, Enrique Peña Nieto, a cancelar a reunião que os dois teriam nesta semana, em Washington, caso não estivesse disposto a pagar pelo muro. Coagido, não restou outra alternativa a Peña Nieto que desmarcar o encontro. Como resposta, Trump aventou a imposição de uma taxa de 20% em todos os produtos importados do México pelos Estados Unidos. Rapidamente, voltou atrás depois das críticas generalizadas ao que a taxa representaria em termos de aumento de preços dos produtos para os americanos. A Casa Branca afirmou depois que a taxa "era só uma das muitas possibilidades". O quiproquó rendeu manifestações de solidariedade de latino-americana ao México. No Brasil, o Itamaraty criticou, em nota, o governo americano.

Além de reforçar sua imagem de grosseirão, a insistência de Trump em espezinhar o vizinho ao sul confirmou os temores quanto a seu despreparo e desinformação para tratar das questões internacionais. O estilo "bate antes, pergunta depois" – defendido por ele em seus livros de autoajuda – pode funcionar em algumas negociações empresariais. Mas não é eficaz num mundo cada vez mais conectado e interdependente, em que a cooperação internacional, principalmente com os países vizinhos, é imprescindível, entre muitos outros assuntos, para a segurança doméstica. Na tarde da sexta-feira, dia 27, a Casa Branca afirmou que Trump e Peña Nieto falaram ao telefone por uma hora e "trabalharão para superar suas diferenças".

O México é o terceiro maior parceiro comercial dos Estados Unidos e hoje é responsável por estancar a maior parte dos fluxos imigratórios oriundos da América Central para o território ▶

americano. Desde 2014, o governo mexicano monitora sua fronteira ao sul, com a Guatemala, para conter essa imigração. A aplicação de medidas duras de vigilância pelo México diminuiu a entrada de imigrantes ilegais nos EUA por sua fronteira ao sul. Nada impede que o espetáculo de humilhação pública que Trump tem tentado impingir ao presidente Peña Nieto – altamente impopular entre os mexicanos – tenha um efeito reverso do pretendido por Trump. Na Turquia, o presidente Recep Tayyip Erdogan passou a usar os refugiados do conflito da Síria como moeda de barganha com a Europa e alavanca de sua popularidade doméstica. No México, a hostilidade de Trump insuflou o nacionalismo antiamericano e pode catapultar, nas eleições de 2018, a candidatura presidencial de Andres Manuel Lopez Obrador, um político populista de esquerda.

Em meio ao imbróglio com o México, passou quase despercebido o rascunho de uma nova ordem presidencial de Trump, a que o jornal *The New York Times* teve acesso. Segundo o documento, o governo Trump quer montar uma força-tarefa para reduzir drasticamente os repasses financeiros feitos pelos Estados Unidos às Nações

TRUMP PLANEJA CORTAR REPASSES FINANCEIROS PARA A ONU. A MEDIDA PODE ABRIR VÁCUO POLÍTICO NAS NAÇÕES UNIDAS

Unidas e suas respectivas agências. Não é uma surpresa: Trump, desde sempre, manifestou sua aversão a tratados e organizações internacionais. O corte nas transferências poderia chegar a 40% com o objetivo de acabar com gastos "contraprodutivos e que não atendem aos interesses americanos", diz o documento. Como os Estados Unidos são os maiores financiadores das Nações Unidas, os cortes, se efetivados, afetarão desde a manutenção de fóruns até a continuidade de missões de paz em países em conflito.

Trump não pode fazer isso por decreto – os repasses às agências da ONU são questões orçamentárias que devem ser aprovadas pelo Congresso americano A ala mais tradicional do Partido Republicano deve se opor à medida. Ainda assim, a mera intenção abre possibilidade para novos arranjos de poder. Em organizações internacionais, quanto maior o aporte financeiro de um país, maior seu poder de voz e decisão. Se optar pela diminuição de seu protagonismo, os Estados Unidos correm o risco de ver o vácuo ocupado por outras potências – possivelmente China e Rússia. Entre o ensimesmamento americano e uma União Europeia ansiosa diante da possibilidade de esfacelamento, a depender do resultado das eleições na França e na Alemanha, a saída do Ocidente do centro das decisões internacionais deixa de ser uma mera conjectura.

As organizações que formam o sistema multilateral internacional, bem como suas regras e alianças, surgiram depois da Segunda Guerra Mundial com a intenção de conter conflitos, mediar negociações e fomentar a prosperidade econômica. Com todos os seus defeitos, engessamento e, muitas vezes, ineficácia, essa estrutura internacional balizou, nos últimos 70 anos, um dos períodos de maior prosperidade do mundo. Foi graças à globalização e ao acesso a novos mercados que nações em desenvolvimento, entre elas o Brasil, puderam alçar novos pata-

PORTAS FECHADAS

Em sua primeira semana, Donald Trump levou adiante suas promessas de campanha protecionistas e isolacionistas

NAFTA	PARCERIA TRANSPACÍFICO	MURO NA FRONTEIRA COM O MÉXICO	RESTRIÇÃO À IMIGRAÇÃO E DEPORTAÇÃO DE ILEGAIS	BLOQUEIO A REFUGIADOS
STATUS: Em andamento	STATUS: Completo	STATUS: Em andamento	STATUS: Em andamento	STATUS: Em fase preliminar
Trump anunciou no domingo, dia 22, que vai renegociar o acordo comercial entre Estados Unidos, Canadá e México. Ele deve enfrentar oposição no Congresso, de maioria republicana. O partido tradicionalmente apoia o livre-comércio e acredita que a retirada do acordo pode ser prejudicial ao país	Na segunda-feira, dia 23, Trump oficializou a saída dos Estados Unidos da Parceria Transpacífico, acordo comercial que envolve outros 11 países da Ásia e da América do Sul	Na quarta-feira, dia 25, assinou um decreto que determina a construção de um muro na fronteira com o México, com o objetivo de impedir a entrada de imigrantes ilegais nos Estados Unidos. O projeto tem um custo estimado entre US$ 10 bi e US$ 25 bi e se converteu na principal pauta na relação dos dois países	Trump mandou cortar recursos federais das chamadas "cidades-santuário" de imigrantes e quer aumentar o número de deportações	Continuando o cerco a estrangeiros, Trump planeja um decreto que congela a admissão no país de novos refugiados por 120 dias. As restrições mais severas seriam aos refugiados da guerra na Síria. Eles enfrentarão um bloqueio por tempo indeterminado a seus pedidos de asilo

CANETADA
Trump assinou decretos que restringem a entrada de estrangeiros no país. Ele toma um caminho contrário ao que os Estados Unidos defenderam nos últimos 70 anos

mares de desenvolvimento e chegar à posição de potências emergentes. Nos últimos 50 anos, na condição de potência mais poderosa do planeta, os Estados Unidos foram os principais bastiões, ao menos no discurso, da democracia liberal e de seus valores. Sua mudança de orientação e a crise da União Europeia são prenúncio de novos tempos cheios de incertezas.

Entre os estudiosos da geopolítica há quem argumente que, embora o momento atual inspire o pessimismo, a globalização e a integração entre nações são um caminho sem volta. Um dos defensores dessa ideia é Richard Haass, diretor do Conselho de Relações Internacionais (CFR, na sigla em inglês) e, até há pouco, um dos cotados para assumir um alto cargo no Departamento de Estado americano. Em seu novo livro, *A world in disarray (Um mundo em desordem)*, Haass argumenta que, por causa da natureza do mundo do século XXI e dos desafios impostos por questões como o aquecimento global e o aumento das ondas de imigrantes e refugiados, as noções tradicionais de soberania estão em xeque. Isso exigirá pragmatismo, criatividade e cooperação entre as nações para que eles sejam superados. "A globalização veio para ficar, e as inadequações da abordagem tradicional, baseada somente em soberania, se tornarão mais óbvias com o tempo", diz Haass. Por esse raciocínio, é possível que, em dez anos, passado o vagalhão populista, surjam novas lideranças políticas com coragem para responder aos novos desafios da globalização sem negar seus benefícios.

O economista Ruchir Sharma, executivo do banco de investimento Morgan Stanley e autor de *The rise and fall of nations (A ascensão e queda das nações)*, tem outra perspectiva – mais pessimista. Em artigo publicado dias depois da eleição de Trump, Sharma mostra que cada período de euforia internacional e aumento no fluxo de bens e pessoas é seguido por outro de retração, isolacionismo e conflito. Para Sharma, há um intrigante paralelismo entre o momento vivido pelo mundo no período pré-Primeira Guerra Mundial e o contexto global pós-crise financeira de 2008. "A globalização hoje está, mais uma vez, em retração. Populistas estão em marcha, como foi evidenciado pela surpreendente vitória de Donald J. Trump. Eles já ganharam o controle no Reino Unido e ganharam *momentum* na Itália, na França e na Alemanha", escreveu Sharma. "Está claro que a ordem do mundo aberto está se despedaçando. Uma nova era de desglobalização está em curso, com grande possibilidade de durar."

A história é permeada por eloquentes exemplos do que acontece no mundo quando alguns países decidem se fechar contra "inimigos externos" que ameaçam sua segurança e quando fóruns internacionais de cooperação são deslegitimados e esvaziados. O "relógio do fim do mundo" tem todas as condições de voltar a andar. ◆

Com *Nelson Niero Neto*

Foto: Chip Somodevilla/Pool via Bloomberg

O adeus aos fatos e o totalitarismo

O desprezo de Trump pela imprensa e pela verdade factual é uma ameaça à democracia. Quando a política se afasta dos fatos, ela vira fanatismo, guiado pelas crenças do tirano de plantão

Eugênio Bucci

Com seus disparates absurdos, Donald Trump virou um símbolo mundial da mentira na política, do desprezo pelos fatos, da infâmia contra jornalistas. Ele não inventou nada disso – a mentira na política é tão antiga quanto a própria política. Mas ele levou mais longe o descompromisso com a verdade e subiu o tom da agressividade contra a imprensa.

Numa escalada ensandecida, resolveu declarar guerra aberta contra a imprensa. Em visita à sede da CIA, logo depois de tomar posse, o presidente da maior potência militar do planeta lançou uma ofensa inaceitável: "Estou 1.000% com vocês. E a razão de vocês serem minha primeira opção é que, como vocês sabem, eu tenho uma guerra em curso com a mídia. Eles estão entre as pessoas mais desonestas da Terra". Ao usar a palavra "mídia", Trump se refere à imprensa, às redações independentes e às publicações que investigam os fatos e criticam o poder.

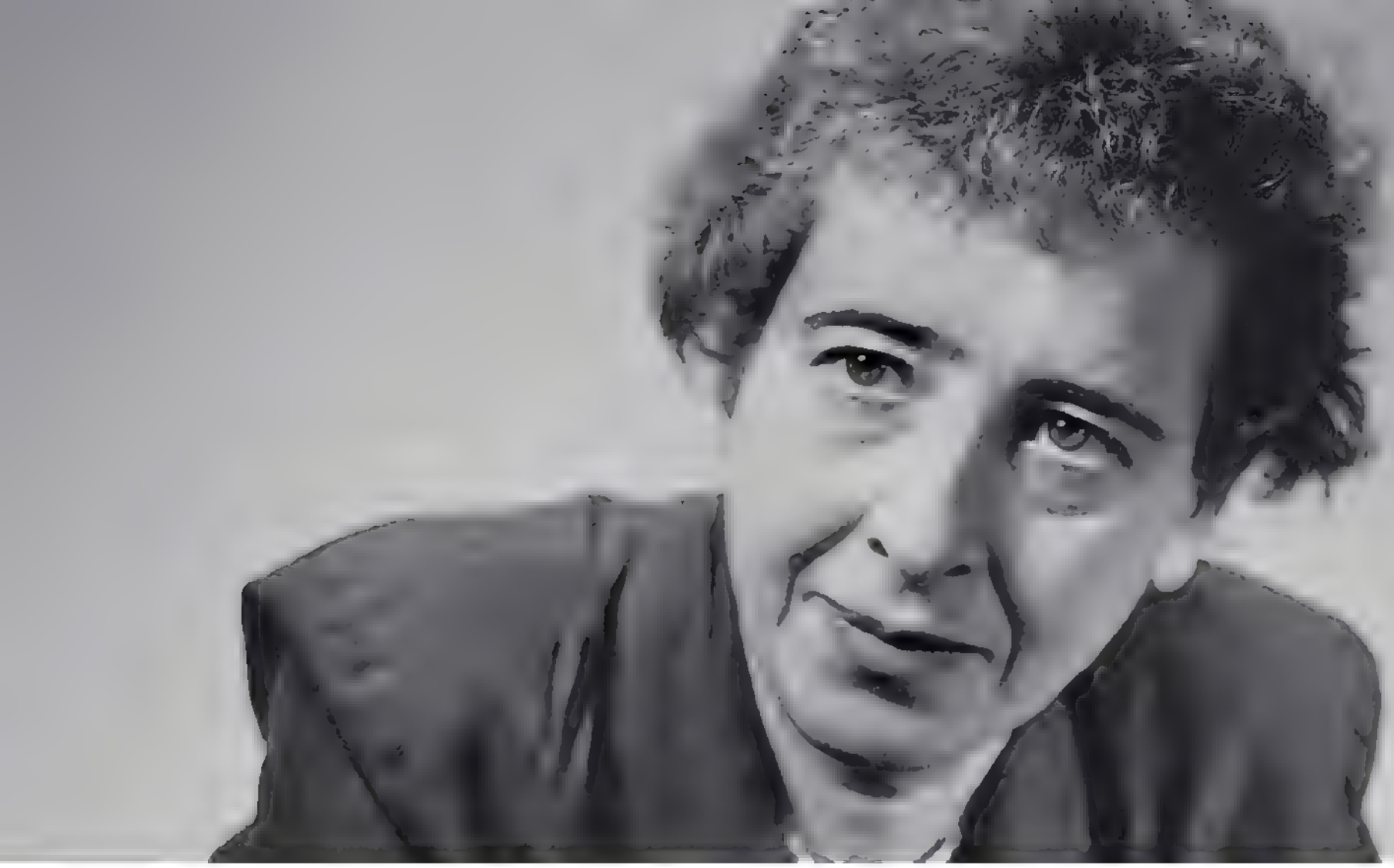
Trump dá todos os sinais de não suportar que alguém verifique se o que ele está dizendo é verdade ou mentira. Ele não lida bem com os princípios mais elementares da instituição da imprensa. Diante da simples ideia de que alguém conteste suas afirmações peremptórias, explode numa ira sem limites. Com a mesma virulência com que segrega os estranhos (e manda erguer um muro na fronteira com o México) e defende a tortura de prisioneiros, ele fustiga em voz alta repórteres e editores. Para Trump, os americanos patriotas são aqueles que acreditam nele, somente nele, e não fazem perguntas. Em sua indústria da mistificação, conta com o auxílio cego de assessores inacreditáveis, dedicados a torcer os fatos em favor do chefe.

Um exemplo disso acaba de acontecer. Como diversas reportagens mostraram que o número de apoiadores presentes à posse de Trump não foi assim tão grande como ele pretendia, sua conselheira Kellyanne Conway declarou (no programa *Meet the press*, da rede NBC) que a Casa Branca se baseava em "fatos alternativos" para contestar o que a imprensa publicou. Quer dizer: se os fatos não correspondem aos desejos da vaidade presidencial, que se mudem os fatos. Oficialmente. Se os fatos desmentem o poder, que se declarem existentes os "fatos alternativos".

Diante do despautério, muita gente nas redes sociais se lembra do livro *1984*, do escritor e jornalista inglês George Orwell (1903-1950). Em sua obra-prima, Orwell apresenta um regime tirânico que reescreve o passado, altera as fotografias e falsifica os arquivos históricos apenas para dar coerência ao discurso oficial. Para alguns, não poucos, o nível das mistificações promovidas por Donald Trump e sua corte faz lembrar a distopia de George Orwell.

Ninguém mais nega que o quadro político nos Estados Unidos inspira preocupação. Se Trump odeia os jornalistas como diz que odeia, se está em guerra contra a imprensa como diz que está, o "bullying estatal" contra as redações independentes pode se acentuar. Nesse caso, algumas das bases mais essenciais da democracia americana estariam sob ameaça. Uma palavra

Eugênio Bucci
é jornalista e professor da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP)



A POLÍTICA E A VERDADE
A filósofa Hannah Arendt, que dissecou o nazismo. Ela mostrou que a mentira política é peça indispensável para as técnicas de dominação dos regimes autoritários

pronunciada pelo presidente americano é um fato político da mais alta relevância em si mesmo. Se ele diz que a imprensa abriga "as pessoas mais desonestas da Terra", isso é um fato que trará consequências políticas.

Além de George Orwell, outra personalidade que vem sendo lembrada neste momento grave da democracia americana e das relações internacionais é a filósofa política alemã Hannah Arendt (1906-1995), que escreveu sobre o totalitarismo. De origem judia, Hannah Arendt refletiu com uma clareza cortante sobre o nazismo e mostrou que os regimes totalitários são aqueles em que cada cidadão se converte num agente a serviço da segurança do Estado. O totalitarismo, portanto, é um autoritarismo elevado a uma potência superior. Arendt também mostrou, como ninguém, que tanto no autoritarismo como no totalitarismo a mentira política é peça indispensável para as técnicas de dominação. Se um líder mente de maneira contumaz e abre fogo contra quem verifica os fatos, está flertando com fantasias totalitárias.

Arendt conheceu bem a cultura política americana. Ao fugir do nazismo, ela se mudou para os Estados Unidos, obteve a cidadania americana em 1951 e morou em Nova York até morrer, em 1975. Num de seus ensaios, *Verdade e política*, ela demonstra que a política precisa ter base nos fatos. "Fatos e eventos", diz Hannah Arendt, "constituem a verdadeira textura do domínio político." Ela não fala das verdades metafísicas ou espirituais, mas apenas da verdade dos fatos, a simples verdade factual. Essa deve ser a base da política. Quando se desvincula dos fatos, a política vira outra coisa: fanatismo. Aí, as pessoas já não ligam para os fatos. Guiam-se apenas pelas convicções e pelas crenças impostas pelo tirano de plantão. E do fanatismo para o totalitarismo, a distância é muito curta.

Hannah Arendt não supõe que os políticos sejam seres angelicais. Os governantes mentem, às vezes até com boas intenções. Já na Grécia Antiga, Platão, um filósofo que abominava os mentirosos, não deixou de admitir que a mentira faz parte da política: "Se compete a alguém mentir, é aos líderes da cidade, no interesse da própria cidade". Mas nem Platão, nem Hannah Arendt, nem ninguém com um mínimo de juízo imagina que, na democracia, a atividade política possa abrir mão dos fatos. Qual o tamanho da dívida pública? Quantos trabalhadores não têm emprego? Quantos leitos hospitalares faltam no país? Essas perguntas só podem ser respondidas por fatos. Se os fatos são desprezados, toda a racionalidade do sistema democrático se perde.

É por isso que a imprensa é indispensável. Uma de suas funções precípuas é a verificação diária dos fatos. Sem imprensa livre, como a sociedade vai ter parâmetros para saber se o poder está mentindo ou dizendo a verdade? O que sabemos até agora é que Trump não gosta de imprensa. Não gosta porque não quer que ninguém conteste suas verdades prontas e absolutas. Ele xinga jornalistas e se declara em guerra contra a imprensa. Esse negócio não vai dar certo. ◆

Foto: Fred Stein Archive/Archive Photos/Getty Images

OBSERVADOR DA CORRUPÇÃO

O empresário
Eike Batista. Ele
acumulou bens,
empresas e
admiradores.
Agora, coleciona
processos

O REI DO RIO FOI DESTRONADO

A saga de Eike Batista, o empreendedor que sonhou em ser o homem mais rico do mundo fazendo negócios escusos em parceria com o ex-governador Sérgio Cabral

Hudson Corrêa, Samantha Lima e **Sérgio Garcia**

Até quatro anos atrás, quando começou a desmoronar o império financeiro de Eike Batista, o empresário era visto como um caso raro de bilionário generoso no Brasil. Com aparente desprendimento, destinava parte de sua fortuna a causas ecológicas, hospitais e atrações culturais. Assim, ganhou fama de benevolente e passou a receber uma avalanche de pedidos das mais diversas ordens. Eike, mineiro de Governador Valadares, era particularmente mão-aberta em relação ao Rio de Janeiro, lugar que escolheu para morar. No total, desembolsou quase R$ 60 milhões na campanha para a cidade sediar a Olimpíada, no programa de despoluição da Lagoa Rodrigo de Freitas e no projeto das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs). A fama de empreendedor bem-sucedido de Eike já havia caído. Agora, o pedido de sua prisão, feito na quinta-feira, dia 26, pelo juiz Marcelo Bretas, da 7ª Vara Federal Criminal, fez com que caísse também a máscara de benfeitor desapegado. Como mostra a Operação Eficiência, um dos desdobramentos da Lava Jato cuja etapa anterior levou à prisão o ex-governador Sérgio Cabral e alguns de seus colaboradores, por trás do altruísmo de Eike havia um pesado jogo de interesses e ilicitudes. Ele adulava o Poder Executivo para obter vantagens – e vice-versa. Eike é um dos nove nomes cuja prisão preventiva foi determinada pelo juiz Bretas.

Na verdade, a relação estreita entre o empresário e o ex-governador do Rio era um espúrio toma lá, dá cá. No depoimento dado ao Ministério Público Federal (MPF) pelos irmãos doleiros Renato e Marcelo Chebar, que tiveram Cabral ▶

Foto: Dado Galdieri/Bloomberg via Getty Images

como cliente, Eike está envolvido nos crimes de corrupção ativa e lavagem de dinheiro. Na delação premiada dos irmãos Chebar, sai de cena o empreendedor dinâmico e emerge o operador de propina. Segundo Renato, há sete anos ele foi procurado por Carlos Miranda, homem de confiança do ex-governador, e pelo ex-secretário Wilson Carlos – ambos presos pela Lava Jato – para viabilizar o pagamento de US$ 16,5 milhões (R$ 52 milhões) de Eike para Cabral. Os delatores relatam com detalhes a manobra engendrada para a lavagem do dinheiro. Numa reunião na sede da EBX, holding do magnata, Flávio Godinho, àquela altura executivo da empresa de Eike e hoje vice-presidente de futebol do Flamengo, sugeriu que fosse feito um contrato de fachada para intermediação da compra de uma mina de ouro entre uma empresa de Eike e outra pertencente ao delator. Concluída a operação, o dinheiro pousou numa conta de Cabral no exterior.

De acordo com a Procuradoria da República no Rio, a propina se deu em razão da "boa vontade" de Cabral com os negócios de Eike e suas empresas no estado. No auge de suas atividades empresariais, o conglomerado de Eike se espraiava pelas áreas de energia, infraestrutura, mineração, serviço e entretenimento. Em 2010, ano em que um dos irmãos Chebar afirma ter sido procurado por emissários de Cabral, o ex-governador desapropriou terras no município de São João da Barra para a construção do Porto do Açu, um dos megaprojetos de Eike no estado. O outrora onipresente empresário esteve à frente também da proposta de reforma da Marina da Glória, integrou o consórcio escolhido para administrar o Maracanã e comprou o tradicional Hotel Glória com a intenção de restaurá-lo. Todos esses negócios, no entanto, micaram.

A peça do Ministério Público Federal é demolidora, tal seu nível de minúcias ao cruzar planilhas e informações. Em seu despacho, o juiz Bretas afirma que as investigações "permitiram identificar com clareza o modo de atuação de significativa parte das ações da organização criminosa, além de indícios suficientes de materialidade e autoria para demonstrar a prática de diversos crimes". O MP

COMO A LAVA JATO CHEGOU A EIKE

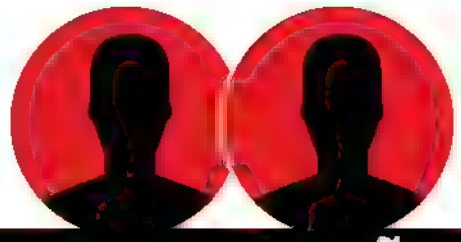
Em delação premiada, os doleiros Renato e Marcelo Chebar afirmaram que Eike Batista pagou propina a Sérgio Cabral por meio de um contrato fictício de intermediação da compra de uma mina de ouro

COMO FOI O ESQUEMA, SEGUNDO O MPF

EIKE BATISTA

O Ministério Público Federal o acusa por **corrupção ativa** de "agentes públicos" e **lavagem de dinheiro**

DOLEIROS



US$ 16,5 MILHÕES

Eike pagou US$ 16,5 milhões a **Sérgio Cabral** em 2011. O pagamento foi da Golden Rock Foundation, de Eike, para a Arcádia, dos **doleiros Marcelo e Renato Chebar**, tendo como destino final uma conta de Cabral no Uruguai. O pagamento ocorreu por meio do Tag Bank, no Panamá

O ESQUEMA TAMBÉM PAGOU

R$ 7,7 MILHÕES

a **Francisco de Assis Neto**, que foi da Secretaria de Comunicação do estado do Rio de Janeiro

R$ 1 MILHÃO

ao escritório de advocacia de **Adriana Ancelmo**, mulher de Cabral

R$ 883 MIL

a **Susana Neves**, ex-mulher de Cabral, e repasses a **Maurício Cabral**, irmão do ex-governador

O QUE É A OPERAÇÃO EFICIÊNCIA, DA POLÍCIA FEDERAL

Desdobramento da **Operação Calicute**, braço da Operação Lava Jato no Rio de Janeiro, iniciada em novembro de 2016

"Calicute" faz referência a uma derrota de **Cabral – o navegador português** – na Índia, em 1500. "Eficiência" se refere à primeira conta de Cabral no exterior até aqui descoberta

A Eficiência é a primeira ação da **Lava Jato** em 2017

INCLUIU

9 mandados de prisão preventiva e **22** mandados de busca e apreensão

4 mandados de condução coercitiva

Foram apreendidos **18** carros, obras de arte, joias e aproximadamente **R$ 100 mil** em dinheiro

OS MANDADOS DE PRISÃO FORAM PARA

Eike Batista, empresário que chegou a ser o mais rico do Brasil

Sérgio Cabral, ex-governador do Rio de Janeiro*

Thiago Aragão, advogado sócio de Adriana Ancelmo, mulher de Cabral

US$ 106 MILHÕES

foi o valor acumulado em **contas no exterior** entre 2002 e 2014 pela **quadrilha chefiada por Cabral**, segundo a Procuradoria

Wilson Carlos Carvalho, ex-chefe da Casa Civil no Rio*

Carlos Miranda, homem da mala e operador da propina*

Francisco de Assis Neto, ex-funcionário de confiança da Secretaria de Comunicação

Flávio Godinho, homem de confiança de Eike, hoje vice-presidente do Flamengo

Sérgio de Castro Oliveira, primeiro operador da propina de Cabral

Álvaro Novis, doleiro do esquema que movimentou R$ 12 milhões

*Já estão presos desde novembro, mas tiveram novo mandado de prisão expedido

aponta Cabral como o chefe da organização criminosa cuja corrupção é um "oceano a ser mapeado", na definição do procurador Leonardo Cardoso. O ex-governador do Rio contratou os serviços dos doleiros Chebar em 2002. Estava assustado com o escândalo do propinoduto que acabara de estourar no Rio, no qual auditores federais e fiscais de renda enviaram ilegalmente US$ 33,4 milhões a um banco na Suíça. Mesmo sem aparente ligação com a tramoia, Cabral achou prudente ocultar os US$ 2 milhões que possuía numa conta no Israel Discount Bank de Nova York. A quantia, então, foi transferida para duas contas de Renato Chebar no mesmo banco e passaram a ser alimentadas da seguinte forma: o doleiro recebia o dinheiro de origem ilícita em reais em seu escritório no centro do Rio e emitia ordem para creditar o valor equivalente em dólar nas contas do exterior. O homem da mala de Cabral, Sérgio de Castro Oliveira (apelidado por um dos operadores, em e-mails, de Big Asshole), levava somas que variavam de R$ 50 mil a R$ 250 mil.

A ascensão política de Cabral, que passou de deputado estadual a senador e depois foi eleito governador, coincide com o aumento dos montantes movimentados. Entre 2002 e 2007, as remessas somaram US$ 6 milhões. Depois que virou governador do Rio, a Procuradoria da República atesta que Cabral arrecadou US$ 100 milhões (R$ 320 milhões) e distribuiu a quantia em diversas contas no exterior. Os doleiros também cobriam despesas de Cabral e sua família. Em apenas um ano, diz a Procuradoria, o esquema bancou R$ 156 mil em ternos italianos para o ex-governador e R$ 670 mil em joias compradas na H.Stern. A ex-mulher de Cabral, Susana Neves, recebeu R$ 883 mil a título de ajuda entre 2014 e 2016. O irmão mais novo, Maurício Cabral, também se beneficiou da engrenagem, segundo os procuradores. Os dois foram alvo de condução coercitiva na última quinta-feira.

A devassa levada a cabo pelo Ministério Público e pela Polícia Federal avança cada vez mais na gestão do ex-governador do Rio. Até aqui, sabia-se do envolvimento no esquema do ex-chefe da Casa Civil Wilson Carlos e do ex-secretário de Obras Hudson Braga, ambos trancafiados. Um novo personagem entrou em cena desta vez. Trata-se do empresário Francisco de Assis Neto, mais conhecido como Kiko, que exerceu cargo de confiança na Secretaria de Comunicação do estado. Os investigadores afirmam que ele recebeu do esquema R$ 7,7 milhões em 2014. A prisão preventiva de Kiko foi decretada na quinta-feira, e até sexta-feira à tarde era considerado foragido. Eike, que chegou a Nova York na manhã da quarta-feira passada e tinha destino desconhecido, estava na mesma situação. Seu advogado, Fernando Martins, negociava na sexta-feira a apresentação do cliente.

EIKE TAMBÉM É ACUSADO DE MENTIR AO EXPLICAR O PAGAMENTO DE R$ 1 MILHÃO À MULHER DE CABRAL

Não bastasse a enrascada da propina paga a agentes públicos, Eike está sendo acusado também de mentir em depoimento ao Ministério Público, fato que pesou para o pedido de sua prisão preventiva. O empresário havia sido convocado em novembro pela Procuradoria da República no Rio para explicar o pagamento de R$ 1 milhão ao escritório de advocacia da ex-primeira-dama Adriana Ancelmo, que, como seu marido, está presa também em Bangu. Ele alegou que fizera o pagamento ao escritório por orientação da Caixa Econômica Federal, enquanto negociava a criação de um fundo de investimento em empresas de infraestrutura. O banco estatal, porém, nega que tenha feito a indicação do escritório.

Em 2014 teve início o inferno astral de Eike com a Justiça, por motivos diversos dos que o atormentam agora. Ele é réu em três ações penais por crimes contra o mercado de capitais. De acordo com as investigações, o empresário usou informações privilegiadas ao vender ações da empresa de petróleo OGX e do estaleiro OSX. Antes de sacramentar ▶

a transação, apenas as altas esferas das empresas em questão sabiam que elas estavam por um fio. Para piorar, enquanto se desfazia das ações à sorrelfa, Eike usava as redes sociais para estimular investidores a comprá-las. Por decisão judicial, ele teve recursos bloqueados e bens apreendidos.

Desde que passou a desfrutar notoriedade como empreendedor arrojado, processo que teve início em meados da década passada, Eike percorreu uma trajetória que se confunde com a do próprio país. Assim como o crescimento do Brasil e sua consequente projeção como uma das economias mais promissoras do planeta, a ascensão do empresário atraía a admiração de investidores e homens de negócios em geral. Tanto o Brasil quanto Eike beneficiavam-se do chamado superciclo das commodities, puxado pelo forte crescimento chinês. O apetite global pelo Brasil acabou criando uma bolha em torno dos projetos de Eike, que se tornou mestre em criar empresas e levá-las à Bolsa de Valores, onde uma euforia à beira do irracional tratava de jogar nas alturas o preço dos papéis.

Nos tempos de céu de brigadeiro, ele tinha rompantes de cabotinismo e não se cansava de elogiar sua capacidade gestora. À medida que decolavam no mercado de capitais, suas empresas davam impulso à escalada do magnata na lista dos homens mais ricos do mundo. Em 2012, com fortuna estimada de US$ 30 bilhões, ele chegou ao 7º lugar no ranking da revista *Forbes*. Pretendia chegar ao topo até 2015, mas seu império desmoronou antes. A situação começou a virar em 2013, quando ficou claro que as reservas de petróleo da OGX estavam superestimadas. Um efeito dominó levou à derrocada de um a um de seus negócios.

A ascensão de Eike revelou-se uma síntese do genuíno capitalismo de compadrio brasileiro, em que o empreendedor se aproxima do poder para obter benesses. Eike gostava de dizer que era um empresário diferente, que não recorria ao poder público em busca de privilégios. Porém, a investigação de agora sobre seu envolvimento no esquema de corrupção de Cabral desmente a tese. No BNDES, o esquálido histórico de suas empresas nunca foi empecilho para que conseguisse crédito. O banco não só lhe emprestava somas vultosas, como comprava suas ações.

PARCERIA
Eike Batista abraça Sérgio Cabral num evento na Marina da Glória, no Rio. As investigações mostram somas vultosas por trás dos afagos

EM 2012, COM FORTUNA DE US$ 30 BILHÕES, EIKE CHEGOU AO 7º LUGAR NA LISTA DOS MAIS RICOS DA *FORBES*

Eike virou um personagem folclórico, que extrapolou o mundo dos negócios. Foi casado com a modelo Luma de Oliveira, com quem tem dois filhos. Sua mansão nas franjas do Corcovado exibia na sala uma peça decorativa insólita: um Lamborghini branco, confiscado pela Polícia Federal na quinta-feira. Com o fracasso empresarial, o sujeito que gostava dos holofotes tornou-se recluso. A reclusão, agora, pode virar compulsória. Caso seja preso, Eike não tem direito a prisão especial, pois não concluiu o curso de engenharia que iniciou na Alemanha. O "x" que o empresário sempre inseriu no nome de suas empresas, por ser o símbolo da multiplicação, agora pode ganhar outro significado – é o símbolo de incógnita e a inicial de xilindró. ◆

Foto: Danilo Verpa/Folhapress

PROPAY

SOLUÇÕES INTEGRADAS DE RECURSOS HUMANOS QUE POTENCIALIZAM O SEU NEGÓCIO

DEDIQUE MAIS TEMPO PARA DESENVOLVER UMA CULTURA ORGANIZACIONAL DE ALTO DESEMPENHO.

O capital humano é um dos mais importantes valores intelectuais de uma empresa.

A **PROPAY**, possui soluções que oferecem aos seus clientes as melhores práticas do mercado em implementação e execução de **folha de pagamento**, possibilitando que a área de Recursos Humanos se dedique exclusivamente ao que é estratégico para a gestão de pessoas.

NOSSAS SOLUÇÕES

- Folha de Pagamento
- Consultoria e Gestão de Benefícios
- Business Intelligence
- Portal de RH via *web*
- Softwares integrados para Gestão de RH
- Apoio jurídico trabalhista
- Mapeamento e redesenho de processos
- Processos de tecnologia certificados

  ISAE 3402

endeavor BRASIL

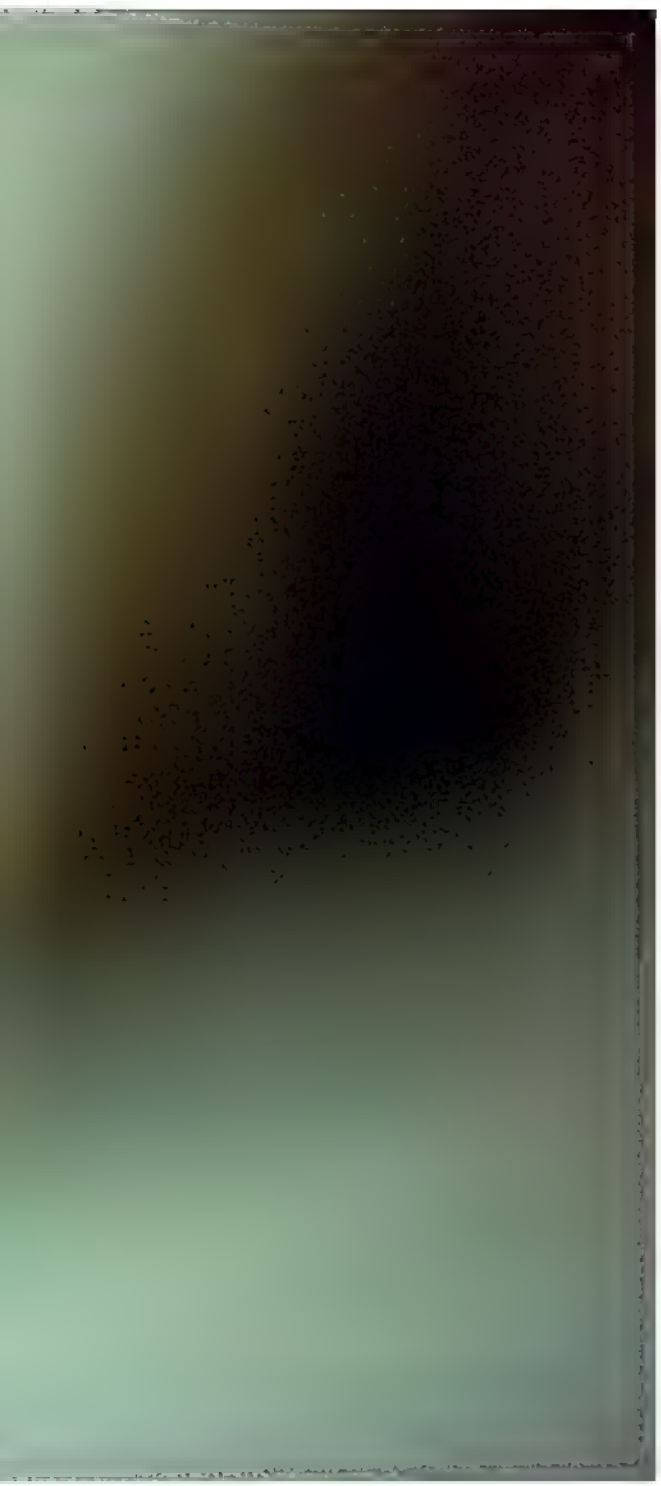
+55 11 5091 7030
Av. Paulista, 2.300
5º andar - Bela Vista
www.propay.com.br
comercial@propay.com.br

O conselheiro do Planalto

Com Temer sob pressão dos políticos aliados, o ministro Gilmar Mendes, do Supremo, vira peça-chave na escolha do substituto de Teori Zavascki no Tribunal

Talita Fernandes

O restaurante NB Steak da Rua Ramiro Vasconcelos, na região central de Porto Alegre, recebeu figuras de destaque da política e da Justiça brasileira no dia 21 de janeiro. Naquela tarde, o corpo de Teori Zavascki fora velado e sepultado na capital gaúcha, dois dias após sua trágica morte em um acidente aéreo. Gilmar Mendes, ministro do Supremo Tribunal Federal, almoçou na churrascaria com Eliseu Padilha, ministro-chefe da Casa Civil. Gilmar mostrava-se abatido com a morte do colega. O momento era de luto, mas ambos sabiam que nos próximos dias teriam de começar as conversas sobre o substituto de Teori, que era o relator da Operação Lava Jato no Supremo.



INTERLOCUTOR
O ministro do STF Gilmar Mendes. Ele é ouvido pelo Planalto na substituição de Teori Zavascki

No dia seguinte, Gilmar jantou no Palácio do Jaburu, onde o presidente Michel Temer mora. Foi lá discutir o perfil do novo ministro do Supremo. Indicado pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso em 2002, Gilmar tem amplo conhecimento da Corte e de seus integrantes. Ele já presidiu a Corte e está no comando do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) pela segunda vez. Para um governo desnorteado com a morte inesperada de Teori, Gilmar tornou-se um interlocutor valioso na escolha do substituto. Por causa da Lava Jato, o Palácio do Planalto precisa encontrar um nome capaz de passar por um amplo escrutínio da opinião pública, que teme que a sucessão de Teori se transforme num acerto para frear a operação que ameaça uma centena de políticos do Executivo e do Legislativo. Com a vacância de uma cadeira do STF, o apetite da cúpula do PMDB despertou. Boa parte dos chefes do partido está na mira da Lava Jato e será ainda mais alvejada pelas novas revelações que virão a público com a delação dos executivos da Odebrecht.

Temer tenta se equilibrar em meio às pressões. Ele prefere que o substituto de Teori seja oriundo da magistratura – e não da advocacia. Na avaliação do Planalto, um juiz tende a ter decisões mais previsíveis do que alguém que troca a OAB pela toga. Outra preocupação de Temer é que o novo ministro do Supremo seja favorável às reformas trabalhista e previdenciária que seu governo quer aprovar no Congresso. Nas contas do governo, com a atual composição da Corte, se uma dessas reformas virar uma questão constitucional, o Planalto pode perder a batalha.

Por causa do protagonismo de Gilmar na escolha do novo integrante do Supremo, o ministro foi procurado, na semana passada, por vários candidatos à vaga. Houve uma espécie de peregrinação de integrantes do Superior Tribunal de Justiça (STJ), que estão entre os mais cotados para a posição, ao gabinete de Gilmar. Do STJ, figuram na lista de candidatos os ministros João Otávio de Noronha, Luís Felipe Salomão, Humberto Martins, Mauro Campbell e Isabel Galotti. O favorito de Gilmar parece ser Ives Gandra Filho, o presidente do Tribunal Superior do Trabalho (TST). Ligado à Opus Dei, braço da Igreja Católica, Gandra Filho ficou, porém, na berlinda com a exposição na imprensa de suas posições conservadoras sobre a família e o papel da mulher.

Entre os políticos, alguns parlamentares governistas pressionam para que Temer escolha um ministro com posição contrária à prisão após condenação em segunda instância. O Supremo pode analisar em breve uma questão que pode reverter jurisprudência em relação ao assunto, firmada no ano passado. Para esses políticos, a nova jurisprudência aumentou as delações premiadas e deu mais força à Lava Jato.

Nos encontros com companheiros de partido, Temer evita discutir a sucessão no STF, mas a pressão é inevitável. Em um jantar na casa do presidente do Senado, Renan Calheiros, na última terça-feira, dia 24, alguns peemedebistas tentavam minar, de maneira velada, o nome de Ives Gandra. "Alguém que fez voto de castidade e vive num quartinho da Opus Dei... Não sei se teria sensibilidade para algumas questões mais delicadas da sociedade", insinuou um dos comensais de Temer. A contrassenha do questionamento era clara: alguns aliados do presidente receiam que Gandra Filho, com seu perfil rigoroso, seja menos suscetível a pressões políticas. O presidente escutou as indiretas calado. Apenas sorriu de leve e passou os dedos pela gravata.

Como o Senado precisa sabatinar e aprovar a indicação de Temer, os candidatos à vaga no Supremo passaram a procurar aliados na Casa. O jurista Ives Gandra, pai do presidente do TST, telefonou para o ex-presidente José Sarney para pedir apoio ao filho. O ministro Humberto Martins, do STJ, jantou na quarta-feira na casa de Renan Calheiros com outros senadores do PMDB – Martins foi indicado por Renan e é um dos ministros mais próximos dele. Auxiliares de Temer envolvidos no processo seletivo relatam que o presidente vai evitar, por cautela, sondagens e sabatinas informais de candidatos enquanto o Supremo não definir o novo relator da Lava Jato. Essa definição está a cargo da presidente do Tribunal, Cármen Lúcia. Ela deverá tomar uma decisão sobre o assunto nesta semana, quando terminar o recesso do Judiciário. ◆

Foto: Suamy Beydoun/AGiF/AFP

A barricada de Temer

Ministros do governo e chefes do PSDB trabalham para atrasar o julgamento da chapa Dilma-Temer e inviabilizar a cassação no TSE

Bruno Boghossian

No dia 21 de novembro, advogados do PSDB apresentaram um pedido ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Queriam que a Corte ouvisse os donos de três gráficas suspeitas de terem recebido pagamentos irregulares da campanha à reeleição de Dilma Rousseff e Michel Temer, em 2014. Àquela altura, a ação que apurava fraudes cometidas pela chapa presidencial caminhava para seu desfecho, e os principais observadores do processo não tinham mais dúvidas de que o relator, o ministro Herman Benjamin, já contava com elementos suficientes para votar pela cassação da chapa presidencial. Uma solicitação para ouvir novas testemunhas poderia adiar o julgamento por ao menos algumas semanas. O PSDB foi o autor daquela ação de perda de mandato, no fim de 2014, mas passou a trabalhar nos últimos meses exatamente pela conclusão contrária.

Sócios na empreitada que levou Michel Temer ao poder, o PSDB e ministros do PMDB deflagraram articulações para prolongar o processo. Os dois grupos estão certos de que Benjamin apresentará um voto pela cassação, alegando que tanto Dilma como Temer se beneficiaram eleitoralmente, ao vencer a disputa de 2014, de um esquema ilegal de financiamento de campanha – o que abriria caminho para tirar o peemedebista do poder. Tucanos e auxiliares do presidente passaram a atuar para empurrar o julgamento até as vésperas de uma nova eleição, em outubro de 2018, com o objetivo de inviabilizar politicamente uma decisão que tire Temer do poder. Apesar de trabalharem nos bastidores para que o plenário do TSE decida a favor da tese da "separação da chapa", o que derrubaria apenas o mandato já cassado de Dilma, auxiliares presidenciais ainda temem que a divulgação de novos detalhes da delação de executivos da Odebrecht faça explodir a pressão para tirar Temer do poder. A única solução, nesse caso, seria apelar para a protelação.

Emissários do Planalto já procuraram ministros do TSE para argumentar que a queda de um segundo presidente, pouco depois do impeachment de Dilma, geraria uma instabilidade política e econômica sem precedentes. Por esse entendimento, caso o julgamento final do processo e de seus recursos esteja previsto para um ano eleitoral, o Tribunal poderia optar por poupar Temer e delegar a definição da transição presidencial às urnas, sem traumas, num processo democrático.

> A VAGA ABERTA POR TEORI ZAVASCKI NO STF É MAIS UM TRUNFO DO GOVERNO PARA ADIAR UMA POSSÍVEL SAÍDA DE TEMER DO PODER

Contemplados com espaço no governo Temer, os líderes do PSDB chegaram à conclusão de que o melhor cenário para que possam voltar ao poder não seria a derrubada de mais um governo. Mas sim que o peemedebista complete a travessia, aprove reformas econômicas para colocar as contas do país em dia e prepare o terreno para uma eleição em que os tucanos apresentariam uma plataforma complementar a essas medidas. Dirigentes tucanos admitem, em conversas reservadas, que perderam o interesse na ação de cassação. "Quanto mais o julgamento for retardado, mais chance Temer tem de terminar o mandato. Não faria sentido cassar um presidente em 2018", diz um integrante da cúpula do PSDB.

Os advogados do partido, segundo tucanos, não fazem movimentos escancarados de procrastinação. Mas dirigentes da sigla dizem que muitos dos pedidos recentes que podem "esticar" a conclusão do processo foram apresenta-

CAMARADAGEM
O senador Aécio Neves e o presidente Michel Temer em maio passado. Tucanos estão ajudando o presidente a se manter no poder para se beneficiarem em 2018

dos ao Palácio do Planalto como "gestos de boa vontade" do PSDB em direção a Temer. Os próprios aliados do presidente citam o pedido tucano para o depoimento de novas testemunhas como um sinal nessa direção.

O adiamento da conclusão do julgamento dentro dos limites da razoabilidade jurídica, entretanto, é apenas o primeiro movimento do núcleo do governo para tentar barrar a cassação. Há outros três passos planejados para impedir um revés: a mudança da composição do TSE, um lobby por pedidos de vista que atrasariam o julgamento e a elaboração de um pacote de recursos contra uma possível condenação, tanto no TSE quanto no Supremo Tribunal Federal (STF). Com isso, projeta o Planalto, a ação só transitaria em julgado em 2018, e os ministros poderiam ser convencidos a desistir da cassação.

Um integrante do primeiro escalão do governo admite, sob condição de anonimato, que o Planalto substituirá os dois ministros do TSE que encerram seus mandatos neste ano – Henrique Neves, em abril, e Luciana Lóssio, em maio – por nomes que votarão contra a cassação. "Você tem alguma dúvida de que o governo vai escolher alguém que votará com a gente? É óbvio", diz. Em seguida, contemporiza: "Não é que isso seja um pré-requisito para a indicação. Mas os ministros escolhidos pelo presidente precisam ser pessoas que acreditam no projeto". O governo conta ainda com a provável decisão desses novos ministros de pedir vista do processo, alegando que precisam de mais tempo para estudá-lo. O Planalto acredita que quatro dos sete ministros titulares da Corte seriam favoráveis à permanência de Temer. "Só um já basta para ajudar a adiar o julgamento. Você acha que o presidente não tem força para garantir que um único ministro peça vista do processo?", afirma.

Caso Temer não consiga formar maioria no TSE e o plenário decida pela cassação, já está nas previsões do governo a apresentação de uma série de embargos e um recurso extraordinário. Uma vez que o presidente só seria obrigado a deixar o cargo quando todos os recursos forem esgotados, Temer só perderia o mandato, pelas contas de um auxiliar presidencial, em meados de 2018. A vaga aberta no STF com a morte de Teori Zavascki, que será preenchida por um nome escolhido por Temer, é um trunfo adicional do governo. Se não para garantir a reversão de uma derrota no plenário da Corte, serviria pelo menos para adiá-la. ◆

Foto: Ueslei Marcelino/Reuters

As vítimas de farda

O soldado Antônio Paiva é um dos 15 policiais assassinados só neste ano no Rio de Janeiro. O estado caminha para recorde de crimes

Hudson Corrêa

Na primeira manhã do ano, o soldado Antônio Carlos Paiva levou um tiro na cabeça enquanto dirigia uma viatura da Polícia Militar na Avenida Leopoldo Bulhões, nas imediações da favela de Manguinhos, na Zona Norte do Rio de Janeiro. Apelidada de Faixa de Gaza no passado, a avenida parecia apaziguada depois da instalação da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) na comunidade, em janeiro de 2013. Nos últimos meses, entretanto, o tráfico avançou novamente – e os tiroteios entre policiais e bandidos voltaram a ficar frequentes. Naquele 1º de janeiro, Paiva foi socorrido por colegas. Enquanto era levado às pressas para o hospital, sua mãe, Janaína Soares, teve um mau pressentimento em casa: "Era como se minha alma fugisse do corpo", disse mais tarde.

Paiva se tornou a primeira vítima de 2017 da guerra travada entre policiais e bandidos nas ruas do Rio. Segundo o Instituto de Segurança Pública (ISP), 135 policiais de folga ou de serviço morreram no estado em 2016 – 38% mais que os 98 dizimados em 2015. Só em janeiro deste ano, ao menos 15 policiais militares e civis foram assassinados, uma média de cinco por semana. Se o ritmo se mantiver, o Rio terá a maior carnificina contra suas forças de segurança das duas últimas décadas. Desde que as estatísticas começaram a ser registradas, em 1998, o período mais sangrento se deu em 2004, com cerca de quatro assassinatos de policiais a cada semana.

Paiva ingressara na PM havia cinco anos, e Janaína temia pela vida do filho desde então. Ela conhecia de perto os perigos da profissão. Seu marido, padrasto de Paiva, era policial civil e tivera o mesmo destino trágico do enteado: fora assassinado a tiros numa emboscada anos antes. Sem o arrimo de família, Janaína e os dois filhos ainda pequenos passaram a morar nas ruas da Baixada Fluminense. Abalado pelas privações da infância, Paiva decidiu seguir o caminho do padrasto. Achava que, ao entrar para a polícia, teria estabilidade suficiente para alcançar o sonho de cursar a faculdade de psicologia e cuidar da mãe, que sofria de depressão. Atingiu ambos os objetivos antes de morrer.

Seu primeiro trabalho na corporação foi no temido Complexo do Alemão. Com a ajuda das Forças Armadas, o conjunto de favelas foi tomado pelo governo do estado no final de 2010, mas voltou para as mãos dos traficantes mais tarde. Foi lá que, em julho de 2012, bandidos mataram o primeiro policial a serviço da UPP, a soldado Fabiana Aparecida de Souza. Depois do duro golpe na pacificação, o Alemão se fortaleceu como o quartel-general do tráfico no Rio. Para o então inexperiente Paiva, cada beco estreito do Alemão representava uma armadilha perigosa em seus primeiros anos de carreira. Certa vez, chegou a escapar da morte quase certa diante da explosão de uma granada lançada por bandidos. A tensão era tanta que o jovem soldado proibiu a mãe de assistir ao noticiário da TV. Janaína se recorda do alívio que sentiu quando o filho comprou um carro para trabalhar. Ao evitar o transporte público, Paiva corria menos risco de ser abordado por bandidos e ter sua farda descoberta na mochila. Os dois sabiam que, se houvesse um assalto no ônibus e os criminosos o identificassem, Paiva não teria chance. Morreria mesmo sem reagir.

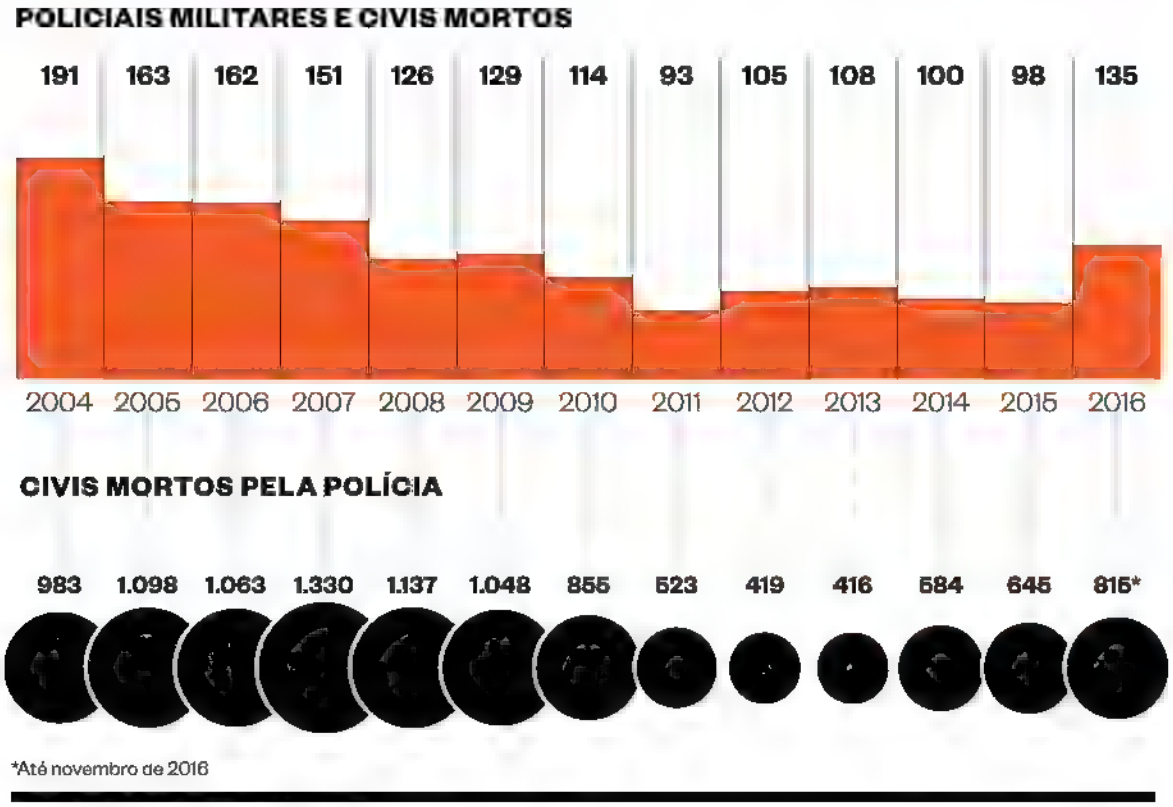
Nos últimos anos, 70% dos policiais assassinados no Rio estavam de folga, segundo o ISP. Boa parte trabalhava de segurança a fim de reforçar o salário. Para evitar o "bico" arriscado, a PM criou um programa de horas extras dentro da própria corporação. Mas a recente calamidade financeira do governo emperrou a iniciativa, e os policiais voltaram a se expor no mercado paralelo. A Comissão ▶

Foto: Stéfano Martini/ÉPOCA

ADEUS
Janaína Soares com o retrato do filho, o PM Antônio Paiva. Ele é a primeira vítima do ano da guerra entre policiais e bandidos no Rio de Janeiro

POLÍCIA QUE MORRE E MATA

Com média de cinco policiais mortos por semana, 2017 pode bater o recorde do sangrento 2004. A polícia do Rio é a segunda mais letal do país



Fonte: Instituto de Segurança Pública - ISP

Parlamentar de Inquérito (CPI) da Assembleia Legislativa que investiga a matança diz que um agente da lei corre dez vezes mais risco de morrer do que um cidadão comum no Rio. De acordo com estatísticas apresentadas na CPI, a taxa de homicídio de policiais é de 265 num universo projetado de 100 mil agentes. O índice na população geral é de 26 por 100 mil habitantes. Na avaliação da Secretaria de Segurança, a grande circulação de armas de guerra entre as favelas alimenta o massacre. Nos últimos dez anos, a polícia apreendeu 2.615 fuzis no estado.

No dia em que foi atingido na cabeça, Paiva não trabalhava mais no Alemão. Havia sido transferido para a UPP do Andaraí, uma comunidade menos violenta. A pedido do serviço de coordenadoria das UPPs, estava naquela manhã no Complexo de Manguinhos, quase tão conflagrado quanto o complexo onde começara. Janaína encontrou o filho já na cama do hospital, com atadura na cabeça, ferimentos nas mãos e com os pés contraídos. Mesmo diante de um corpo inconsciente, teve o mesmo impulso repreensor de quando Paiva entrou para a corporação. "Meu filho, eu falei para você não ir para a PM", disse ela, chorando. Na segunda-feira seguinte, dia 2, os médicos confirmaram a morte cerebral. Paiva tinha só 34 anos. Até a semana passada, a família ainda não sabia as circunstâncias do assassinato. Ninguém da polícia apareceu para dar explicações, tampouco para oferecer algum conforto com psicólogos ou assistentes sociais. Paiva sustentava a mãe e ajudava o irmão, desempregado e pai de duas crianças pequenas. Janaína teme ficar sem o pagamento de pensão do filho. Procurada por ÉPOCA, a Diretoria de Assistência Social da PM informou que vai "tomar providências".

Algumas horas depois da morte de Paiva, o Batalhão de Operações Especiais (Bope) entrou na favela de Manguinhos. Começou um tiroteio que obrigou passageiros a se jogar no chão da estação ferroviária. O Bope procurava Thomas Bruno Dantas, de 30 anos, conhecido como Mongol. Dantas era acusado de chefiar o tráfico de drogas ali e de assassinar com 20 tiros nas costas o soldado da UPP Clayton Fagner, em abril de 2015. Chegou a ser preso, mas a Justiça o soltou após ele apresentar carteira de trabalho de mototaxista. Com renda diária de R$ 120, alegara que não precisava do tráfico para viver. No final da noite, a polícia anunciou que Dantas foi morto ao reagir à prisão.

> UM AGENTE DA LEI CORRE DEZ VEZES MAIS RISCO DE MORRER DO QUE UM CIDADÃO COMUM NO ESTADO DO RIO, SEGUNDO A CPI

A polícia do Rio ocupa outra indesejada liderança em rankings de violência: além de ser a que mais morre, é a segunda que mais mata do Brasil. Perde apenas para a de São Paulo em letalidade policial, segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública. Em 2015, São Paulo registrou 848 mortes decorrentes de intervenções policiais, diante de 645 no Rio. De janeiro a novembro de 2016, de acordo com as estatísticas da CPI, a polícia carioca matou 815 pessoas alegando legítima defesa durante confronto com suspeitos – média de 74 homicídios por mês, um aumento de 32% em relação ao ano anterior.

Trata-se de um inequívoco retrocesso na pacificação de favelas, o palco principal da matança. As mortes em ações policiais haviam caído depois da ocupação dos morros mais violentos. O número de assassinatos de civis despencou de 855, em 2010, para 416, em 2013. Especialistas em segurança dizem que as UPPs reduziram o número de tiroteios com bandidos e, por consequência, os homicídios cometidos pela PM. A partir de 2014, os traficantes intensificaram uma tática de guerrilha para retomar territórios. Aproveitaram a brecha aberta pelo atraso nas gratificações, pelas péssimas condições de trabalho e pela alta rejeição da população.

Uma das últimas mensagens enviadas por Paiva antes de morrer nessa guerra inclemente foi para Janaína. Pelo WhatsApp, desejou à mãe um feliz 2017. Na semana passada, Janaína recebeu a reportagem de ÉPOCA num escritório de advocacia da Baixada Fluminense. Não conteve o choro durante boa parte da entrevista e ficou perto de desmaiar ao relembrar a tragédia. Um dos últimos anseios do filho, agora imortalizado na tela do celular, não se concretizará. ◆

NOVO APP ÉPOCA

A história por trás de tudo que acontece no Brasil e no mundo, na palma da sua mão.

Tenha acesso às edições semanais e a todo conteúdo de ÉPOCA em seu celular ou tablet, totalmente adaptados à tela.

ENVIE UM **SMS GRÁTIS** COM A PALAVRA **ÉPOCA** PARA **30133** E BAIXE O APLICATIVO

DISPONÍVEL PARA iOS

LEIA ÉPOCA

E FAÇA PARTE DA HISTÓRIA

IDEIAS

OBSERVADOR DA EDUCAÇÃO

O LEGADO DAS OCUPAÇÕES NAS ESCOLAS

Um ano depois, os alunos do primeiro colégio ocupado na capital paulista mostram que são capazes de ajudar a cuidar do próprio espaço – mesmo que às vezes se atropelem um pouco

Flávia Yuri Oshima, com **Beatriz Morrone**

A ocupação das escolas paulistas do fim de 2015 foi a mobilização estudantil exclusivamente secundarista mais bem-sucedida da história. Os estudantes, majoritariamente com idades entre 15 e 17 anos, protestavam contra o projeto de reorganização escolar em São Paulo, que transformaria escolas de dois ciclos – ensino fundamental e médio – em unidades de ciclo único. Depois de quase 60 dias de ocupações, que envolveram mais de 200 colégios, o governo paulista recuou e suspendeu a reorganização. O sucesso do movimento paulista inspirou outras mobilizações pelo país ao longo de 2016. Em Goiás houve ocupações após o governo estadual anunciar um programa de escola pública no formato Organização Social (OS). No Rio de Janeiro, colégios foram ocupados em resposta à decisão do governo estadual, no meio do ano, de suspender o aumento dos professores. O ápice se deu em agosto. Contrários à medida provisória que prevê uma reforma do ensino médio (MP 746, editada em setembro) e à proposta de emenda constitucional que estabelece teto para o gasto público federal (PEC 55, aprovada em dezembro), secundaristas de todo o país ocuparam mais de

OCUPAÇÃO CULTURAL **Festival de música organizado pelos alunos da Fernão Dias Paes. Eles querem a escola não só para aulas**

1.000 escolas em protesto. A abrangência do movimento atrapalhou o calendário de provas do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Um ano depois das ocupações iniciais, ÉPOCA voltou à primeira escola ocupada na capital paulista, a Fernão Dias Paes, a fim de conferir que tipo de mudança se manteve.

O dia a dia da escola numa avenida movimentada de Pinheiros, bairro da Zona Oeste da cidade, mostra que o efeito da mobilização se estendeu para muito além da reivindicação inicial. Veem-se as mudanças nos muros, na limpeza e na organização das salas, no calendário de eventos fora do currículo normal e na forma como se passou a ministrar parte das aulas. Por trás de cada uma delas estão os estudantes. Eles definiram e trabalharam nas novas ilustrações dos muros, em campanhas de limpeza e organização e em eventos que ocorrem fora do horário de aulas. "Antes, eles eram silenciosos. Mas voltaram depois da ocupação mais à vontade para expor opiniões, participar das aulas e das reuniões com professores e direção", diz o professor de filosofia Filipe de Freitas.

Percebe-se a amplitude do espaço ocupado pelos alunos da Fernão Dias antes mesmo de chegar à escola. Como ocorre com qualquer entidade educacional, jornalistas têm de pedir permissão à Secretaria de Educação para ter contato com alunos, professores e direção no ambiente escolar. ÉPOCA voltou algumas vezes à Escola Fernão Dias e em todas as ocasiões ouviu da Secretaria de Educação que a direção conversaria com os alunos, para que ambos aprovassem a visita. Participar de decisões de impacto na escola foi a principal reivindicação dos estudantes, ao lado da interrupção da reorganização proposta pelo governo ▶

Foto: Filipe Redondo/ÉPOCA

paulista. “Na ocupação, criamos um vínculo mais forte com a escola”, diz Laura Bueno, de 16 anos.

Laura participou de um dos eventos que mostram o novo tipo de laço dos estudantes com a instituição. Nas férias de julho, com a aprovação da direção, ela e outros nove estudantes do ensino médio organizaram um mutirão da limpeza. “Faltam funcionários na escola. A gente achou importante ajudar as tias da limpeza a cuidar deste espaço”, diz Laura. A princípio, o mutirão duraria uma semana. Laura e seus colegas lustraram móveis, varreram o chão e limparam janelas por 20 dias. “Eles adoram a escola, não queriam ir embora”, diz a diretora Lucila Françoso.

O reflexo da mudança dos alunos também chegou a algumas aulas. Foi o caso do estudo de biomas brasileiros e cultura regional, elaborado em conjunto pelas professoras Rosângela Santos, de geografia, e Conceição Wenzel, de português, com turmas do 2º ano do ensino médio. Quase 160 alunos participaram do projeto que relacionou o estudo de biomas, como caatinga e Mata Atlântica, com a produção literária e a música típicas das regiões. Cada grupo de alunos ficou responsável por um dos seis maiores biomas do Brasil. Houve apresentações de dança, música e teatro inspiradas no que estudaram. Outra novidade do projeto, sugerida pelos alunos, foi o uso de espaços fora da sala de aula, como o pátio e o jardim da escola. A inovação agradou. É mencionada pelos alunos como um exemplo de quebra do conservadorismo que, para eles, sempre marcou a escola.

O ambiente renovado de diálogo e colaboração não se estabeleceu facilmente nem se mantém sem esforço. Logo após as ocupações, a volta às aulas no início de 2016 foi marcada por um clima de estranhamento e discórdia entre estudantes – apoiadores ou não do movimento –, professores e direção. Em um campo, havia alunos com receio de baixar a guarda e perder o espaço conquistado por meio das ocupações. No outro, havia alunos e professores preocupados em seguir o cronograma escolar. Muitos reclamam que as discussões constantes chegavam a impedir algumas aulas de ocorrer. “A escola ficou dividida entre ocupantes e não ocupantes. Toda tentativa de diálogo se transformava em briga”, afirma Joyce Nunes, de 17 anos.

Joyce apoiou as ocupações no início do movimento, mas mudou de ideia logo após a retomada das aulas. “Parte dos alunos que estavam na ocupação

“A Fernão ainda não mudou da água para o vinho, mas está no meio do caminho”

Laura Bueno, 16 anos, participou da ocupação na Fernão Dias Paes, onde atualmente cursa o 3º ano do ensino médio

“Queremos aprender de um jeito mais acolhedor. Alguns professores já estão se esforçando para isso”

Paulo Rogério, [illegible]

se tornou intolerante com quem pensava diferente. O contrário também acontecia. Tinha briga e agressão o tempo todo”, diz ela. O clima piorou a relação dos estudantes com o corpo docente. “Alunos inflamados começaram a chamar professores de machistas e homofóbicos”, diz o professor de química Rolf Cohn. “Passaram a ditar suas próprias regras, como entrar e sair das aulas quando queriam”, afirma. Foi lenta a transição entre a fase de estranhamento e a de colaboração.

Em abril, uma nova tentativa de ocupação colocou à prova a capacidade de todos de chegar a um consenso democrático – e acatá-lo. Em meio aos protestos das escolas técnicas, de gestão federal, pelo direito à merenda quente – que inclui alimentos cozidos –, um grupo de alunos propôs a ocupação da Fernão Dias. A maioria foi contra. Ainda assim, alguns estudantes não aceitaram a decisão e resolveram ocupar a escola numa sexta-feira de madrugada. Dois dias depois, por pressão de colegas, professores e pais, voltaram atrás. “Acho natural que tenhamos passado por esses conflitos até descobrirmos como funcionar de um jeito diferente”, diz Ícaro Pio, de 18 anos, um dos alunos que participaram das ocupações. “O lado bom disso foi que todos passaram a se expressar. Nasceu uma cultura de diálogo e posicionamento.”

O ambiente de disputa na escola tornou-se menos acirrado à medida que alunos, professores e direção conseguiram construir alguns consensos. Em meados de abril, uma assembleia de alunos decidiu por votação o modelo de grêmio estudantil que seria adotado na escola. Venceu o grêmio livre, que não é representado por chapa, mas por todos que quiserem integrá-lo. “O grêmio ainda está se organizando para começar a funcionar. Não é simples lidar com a falta de uma representação definida”, diz a diretora Lucila. A ausência de lideranças é característica do movimento secundarista. Seus integrantes preferem as decisões coletivas, tomadas em assembleias, em que todos podem manifestar opinião – mesmo que esse modelo demande mais tempo e dê mais trabalho.

A Fernão Dias ainda não é a escola que alunos e professores querem. Mas o modelo atual, com os alunos desempenhando o papel central, está mais perto da escola de que o século XXI precisa que o de antes das ocupações. Independentemente das dificuldades, o retorno ao modelo anterior deixou de ser uma opção. ◆

Fotos: Fotos Em ano Capozoli/ÉPOCA

ARMINIO FRAGA

"O governo tem de refazer o orçamento do zero"

O ex-presidente do BC afirma que corte de gasto público não deve assustar e que o governo tem de levar os bancos privados a assumir fatia maior na concessão de crédito

Marcos Coronato e **Samantha Lima**

Quando presidiu o Banco Central (BC), de 1999 a 2003, Arminio Fraga brigou com dois monstros que assustam o país – o tamanho da taxa básica de juros (determinada pelo governo, por meio do Comitê de Política Monetária) e o tamanho das taxas de juros finais, como o crédito pessoal (determinadas pelos bancos). Três presidentes de BC depois, os dois monstros continuam a atrapalhar muito. Eles dificultam o uso de crédito por cidadãos e empresas e inflam as dívidas privadas e públicas. Não há solução fácil para o problema. Fraga, sócio fundador da Gávea Investimentos, encontrou tempo para voltar a estudar o assunto, com rigor acadêmico. Sempre elogioso à equipe econômica atual, ele espera contribuir mais com o debate público a respeito nos meses à frente.

ÉPOCA – **No Brasil, linhas de crédito especiais para setores importantes – construção, agronegócio – estão concentradas nos bancos estatais. Uns dizem que as linhas especiais são necessárias porque os juros de mercado são altos demais. Outros, que os juros são altos demais, em parte, por causa da existência das linhas especiais. Como desatar o nó?**

Arminio Fraga – Eu faria o que o BNDES está fazendo: define critérios, um período de transição e vai em frente. É um problema antigo. A resposta é fazer de forma gradual. Seria arriscado e irresponsável fazer uma redução drástica *(nesse tipo de crédito)*. Mas esperar milagre não adianta. Não há quem me convença que um país pode se desenvolver com seu potencial máximo, com o máximo de produtividade, com dois terços da intermediação financeira nas mãos de bancos estatais, por melhores que eles sejam. Há muita gente boa no BNDES, no Banco do Brasil e na Caixa Econômica Federal. Mas, no geral, a governança é ruim, muito exposta a tudo que é tipo de problema, vieses ideológicos, tráfico de influência e até ignorância. E falta concorrência no setor financeiro. É importante avaliar a concentração no setor. Talvez ele já esteja concentrado demais.

ÉPOCA – **O que mais o governo pode fazer para baixar os juros finais? Aumentar a concorrência entre os bancos?**

Fraga – Os estrangeiros andaram saindo daqui. Com o tempo, podem voltar. Existem outras questões importantes que determinam o spread bancário *(o que os bancos cobram a mais de juros de seus clientes, em relação ao juro básico determinado pelo governo)*. O BC sinaliza que vai trabalhar nessa área. No crédito para pessoa física, o tema quente continua a ser o cadastro positivo. O cidadão pode carregar a história dele de um banco para outro e forçar a concorrência entre eles. No crédito para empresas, tem a ver com a qualidade das garantias. Historicamente, no Brasil, o grosso do crédito tem sido sem garantia. Em função disso, é muito mais caro. Tem a ver com a eficácia da lei de falências, que precisa de uma revisão. O Ilan *(Goldfajn, presidente do BC)* chegou ao BC um ano e meio depois de mim *(Goldfajn foi diretor de Política Econômica do BC na gestão de Fraga)*. Ele assumiu um papel importante na redução do spread e conhece profundamente o tema. ▶

Foto: Stefano Martini/Editora Globo

MUITO A FAZER
Arminio Fraga na sede da Gávea Investimentos. Ele faz elogios às iniciativas do governo, especialmente no BNDES, mas alerta: talvez elas não sejam suficientes

ÉPOCA – **A taxa básica de juros também é alta demais. Como pode um país ter juro tão alto e inflação tão alta?**
Fraga – É outra encrenca. O Brasil tem juro muito alto há muito tempo, uma aberração quando se compara com o resto do mundo. Nessa área, estou envolvido num projeto de pesquisa caprichado, talvez a primeira vez que faço pesquisa para valer desde que terminei o doutorado. O trabalho passa por várias etapas de levantar dados sobre a longa história dos juros altos. Tenho um coautor que estava na PUC quando começamos a conversar e agora está no BC, o Tiago Berriel *(diretor de Assuntos Internacionais do BC desde julho)*. Está cedo para chegarmos a alguma conclusão heroica. Parece claro que o nó maior é na área das contas públicas, mas também que não é só isso. Outros países com situação fiscal precária não têm juro tão alto quanto nós.

ÉPOCA – **O governo Temer escolheu se concentrar em algumas reformas econômicas e especialmente no ajuste das contas públicas. É a tática correta?**
Fraga – Nossa política fiscal continua muito frouxa. Isso mantém a pressão pela elevação dos juros. Se você olhar a trajetória do saldo primário *(o resultado das contas públicas sem o pagamento de juros)*, houve uma piora de uns 6 pontos percentuais do PIB. O superávit se tornou um baita déficit. Metade da piora foi aumento de gasto, que inclui gasto com Previdência. A outra metade se pode dividir meio a meio entre desonerações *(suspensão de cobrança de tributos)* e recessão, que faz a arrecadação cair – mais ou menos 3 pontos de aumento de gasto, 1,5 ponto de desonerações, 1,5 ponto de queda da atividade. Se considerarmos as desonerações como uma decisão de gasto, três quartos do buraco vieram por aumento de gasto. Então faz sentido limitar o crescimento do gasto a zero. E faz sentido, como dizem o ministro *(da Fazenda, Henrique)* Meirelles e o secretário *(do Tesouro, Eduardo)* Guardia, reverter as desonerações.

ÉPOCA – **Mas os setores que receberam o benefício reclamam e usam argumentos com apelo, como desemprego.**
Fraga – Reclamam, mas isso é normal. Do lado do governo, ninguém me convence que não há onde cortar. É um trabalho de guerrilha. Acho que o governo deveria ter orçamento de base zero *(não manter destinações baseadas apenas no orçamento anterior, sem nova justificativa)*. E há espaço para acabar com as desonerações. O governo vem sinalizando isso, à medida que vençam os prazos das desonerações. O sistema tributário tem brechas demais. Tem de ser redesenhado para se tornar mais eficiente. O ICMS é um imposto caótico. No Imposto de Renda, estamos vendo uma profusão de novos métodos de redução do pagamento. Pessoa física virar pessoa jurídica é um deles, algo que não tem sentido. A saída de criar exceções e regimes diferentes não cabe. O Brasil está sempre buscando essas saídas fáceis. A carga tributária onera os setores de forma muito diversa. A indústria paga muito mais imposto que os serviços. Não é razoável nem justo. Há uma agenda enorme para trabalhar. É curioso que um governo de esquerda tenha patrocinado tantos subsídios, brechas fiscais e desonerações. Isso tem de ser desfeito.

ÉPOCA – **Mas fazer essas correções agora não vai esfriar ainda mais a economia?**
Fraga – Desonerações, subsídios e proteções deveriam desaparecer ou diminuir gradualmente, num prazo como cinco a dez anos. Não há que ter medo desse movimento do lado da demanda *(o consumo das empresas e famílias, necessário para reaquecer a economia)*. Porque essa correção certamente daria mais espaço para o BC cortar a taxa básica de juros e, quem sabe, caminharmos para ter uma taxa de juros mais normal. E tem sentido do ponto de vista da fragilidade das contas públicas – teríamos o impacto direto do corte de gastos e aumento de receita, e o impacto indireto do corte de juros *(que faria a dívida pública crescer mais lentamente)*. Teria impacto positivo também na confiança.

> **“A agenda no Congresso está pesada, mas esse é o papel do Executivo: manter a agenda viva, ambiciosa”**

ÉPOCA – **Na parte da agenda que depende do Congresso, qual deveria ser a reforma seguinte, após a da Previdência?**
Fraga – A trabalhista é mais simples e parece mais viável no curto prazo. A tributária envolve muitos aspectos complicados. Mas, neste momento de dificuldade para os estados, quem sabe a negociação não se viabiliza? É importante o governo ter essa reforma desenhada, para aproveitar uma eventual oportunidade no Congresso. Mesmo com a agenda carregada, vale a pena o Executivo insistir na reforma tributária. É papel dele manter a agenda viva, ambiciosa. Essa seria a troca: saem subsídios, desonerações e proteções, entram juro baixo para todo mundo, boas regras trabalhistas, infraestrutura melhor, sistema tributário mais arrumado.

ÉPOCA – **O governo Temer está fazendo o suficiente na parte da agenda que não depende do Congresso?**
Fraga – No geral, sim. Impressiona o trabalho feito no BNDES, na Petrobras e no setor de petróleo, na Eletrobras. Dado que este governo é relativamente novo e opera em condições adversas, acho que está avançando bem – o que não quer dizer que seja suficiente. O importante é continuar avançando. Trabalhar com aumento de produtividade no Brasil é um paraíso. Há tanta coisa malfeita, distorcida, tanta política pública sem sentido... quando vejo o BNDES anunciar os novos critérios, eu vibro! Para que serve o BNDES? Ele tem de atuar nas áreas em que há algo a mais, como dizem a Maria Silvia *(Bastos Marques, presidente do BNDES)* e os colegas dela, algo que interesse à sociedade inteira, pelo fator ambiental, pela tecnologia, pela educação. Isso é revolucionário. ◆

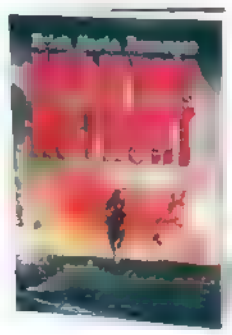
HELIO GUROVITZ

O livro preferido de Donald Trump

A palavra "carnificina" foi usada no discurso de posse de Donald Trump para descrever as gangues de criminosos, a violência que ele julga tomar conta dos Estados Unidos. "Esta carnificina americana acaba aqui e acaba agora", afirmou Trump. Ainda que pareça exagerada ou descabida, a imagem permite enxergar como ele vê seu país e o mundo: há uma guerra em curso; é uma guerra sangrenta; ele acabará com a carnificina. Trump teve formação militar. Sempre enxergou seus negócios como batalhas a vencer. Trouxe para a política o mesmo espírito belicoso. Curioso que, questionado sobre seu livro favorito no ano passado, tenha citado talvez a maior obra já escrita sobre a estupidez das guerras: *Nada de novo no front*, do alemão Erich Maria Remarque. Lançado em 1929, entre as duas grandes guerras mundiais, o livro narra a experiência de um grupo de estudantes, insuflado por um professor nacionalista a alistar-se para lutar na Primeira Guerra Mundial. Entre lama, fezes, ratos, piolhos e sangue, eles tombam um a um, numa sucessão de eventos que desnudam o horror da matança, o extermínio sem sentido da juventude europeia no conflito que, nas palavras do historiador John Keegan, "destruiu a cultura benevolente e otimista do continente".

A Primeira Guerra Mundial foi a maior carnificina de que a humanidade tinha notícia até então. Em 25 dias, 260 mil franceses estavam mortos. Ao todo, mais de 3 milhões perderam a vida no Front Ocidental, a faixa de menos de 800 quilômetros entre França e Alemanha que, palco do maior impasse militar da história, mal se moveu nos quatro anos de guerra. No fundo das trincheiras, os soldados alemães de Remarque procuram se defender com fuzis e granadas. Driblam fome e escuridão entre o silvo das balas inimigas. Desviam das ordens desencontradas de oficiais aturdidos. Ignoram por completo a razão de lutarem. No vaivém entre front e retaguarda, respiram ansiosos nas licenças, convalescem entre moribundos nos trens e hospitais de campanha, arriscam até uma aventura sexual. A descrição de Remarque, ele próprio um ex-combatente, é precisa, sem pieguice nem ironia, mais verbal que adjetiva: "O front é uma jaula, dentro da qual a gente tem de esperar nervosamente os acontecimentos. Acima de nós, paira a fatalidade. Vivemos na tensão da incerteza. É esse acaso que nos torna indiferentes".

Visto como libelo pacifista, o livro foi proibido e queimado pelos nazistas. Remarque se exilou na Suíça, depois nos Estados Unidos. Em 1930, o filme inspirado na obra ganhou o Oscar e mandou aos ares a imagem fantasiosa da guerra como um convescote de cavalheiros, regido pela disciplina e elegância militares. O olhar de Remarque é o antecessor de *Apocalypse now*, *Full metal jacket*, *O resgate do soldado Ryan* e de tantos outros filmes que mostram a guerra como ela é. Guarda parentesco com o olhar de Trump sobre intelectuais e normas estabelecidas. Todo o conhecimento do professor de nada vale quando, também obrigado a alistar-se, ele se vê comandado por um ex-aluno que lhe cobra disciplina rígida e o atulha de afazeres inúteis. Outro aluno, ás da matemática, morre assim que chega ao front, incapaz de calcular a trajetória de uma rajada. O cabo tirânico, que tanto infernizava a vida dos recrutas no treinamento, no front mal cuida de si mesmo, tantos são os regulamentos e a burocracia a cumprir.



LIVRO DA SEMANA

Nada de novo no front
Erich Maria Remarque

2004
226 páginas
R$ 20

A Primeira Guerra Mundial contou com o apoio daqueles que viam no conflito a resposta ao hedonismo que corroía a Europa. "Os intelectuais de 1914 queriam a guerra como forma de banir a equivalência moral – o relativismo, a decadência, o materialismo e todos os males familiares a uma sociedade que busca o prazer e o consumo", escreveu o jornalista Adam Gopnik. Na Inglaterra, diz Gopnik, era palpável o desejo de acabar com o mundo devasso de Oscar Wilde, para substituí-lo pela ordem conservadora de um Chesterton ou Rudyard Kipling. O nacionalismo era visto por governantes europeus como forma de barrar o avanço de ideias socialistas ou democráticas. Mas empresários e banqueiros eram contra a guerra. "A globalização da economia mundial, que havia atingido, na primeira década do século passado, um pico que só seria igualado no nosso tempo, dependia da paz. O desejo esmagador do capital era pela globalização contínua." Em paz havia mais de 40 anos, as elites nacionais não acreditavam que o conflito pudesse ser pior que as guerras do século XIX. Desconheciam o poder letal da nova tecnologia: metralhadoras, lança-chamas e armas químicas. Ao final, não houve nenhum resgate moral. Morreram no Front Ocidental os filhos de Kipling e Wilde. Das cicatrizes da disputa entre Rússia, Alemanha e demais países, nasceriam stalinismo, nazismo e um conflito ainda mais mortífero. Só depois da Segunda Guerra Mundial, a Europa se reergueu sobre bases mais estáveis – uma aliança com os Estados Unidos, hoje desafiada por Trump. ◆

Helio Gurovitz é jornalista **hgurovitz@edglobo.com.br** (e-mail)
@gurovitz (Twitter) **http://g1.globo.com/mundo/blog/helio-gurovitz/** (web)

Para Amalita, com amor

ÉPOCA descobriu a triste história da jovem pianista carioca, a quem o pintor Alberto Guignard devotou um amor platônico e uma coleção de desenhos e cartões apaixonados

Marcelo Bortoloti

Há 30 anos, o aparecimento de um álbum do pintor fluminense Alberto da Veiga Guignard (1896-1962) perturbou os amigos e estudiosos do artista. Era um conjunto de desenhos e cartões ilustrados que ele fez para uma pianista carioca chamada Amalita Fontenelle – de quem ninguém ouvira falar e que revelavam uma desconhecida e trágica história de amor. Guignard se empenhou tanto na produção desses cartões que eles têm a mesma qualidade de seus quadros importantes. Num momento em que as obras do pintor ganhavam grande valor de mercado, os colecionadores se espantaram com a descoberta de um conjunto tão precioso que permaneceu décadas numa gaveta.

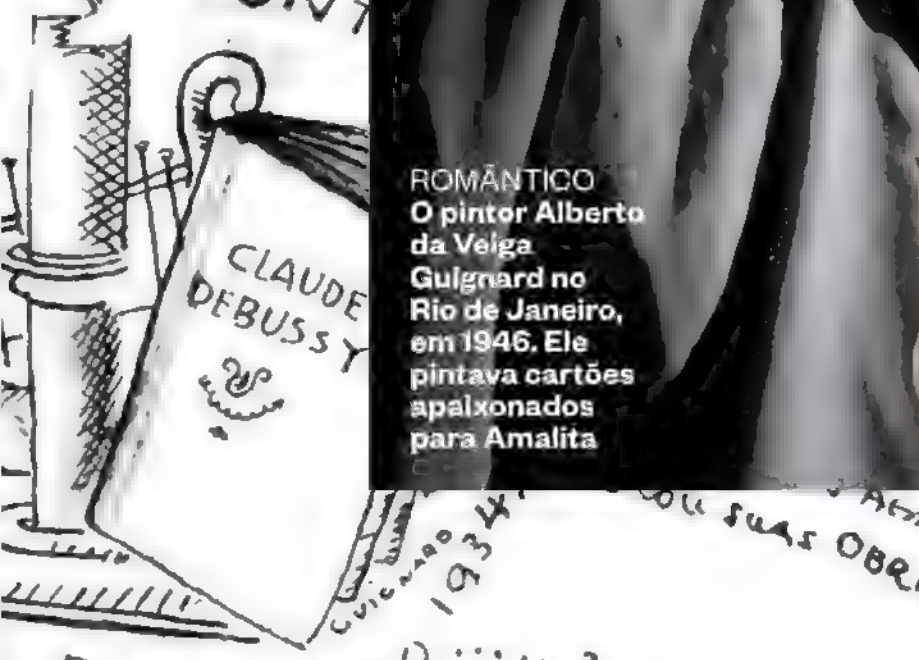
O álbum estava com uma nora do escritor Oswald de Andrade, amigo de Guignard, que o recebeu das mãos do próprio artista. Esse detalhe tornava a história de amor mais intrigante. Guignard poderia ter feito os cartões e nunca enviado. Ou os enviou e por algum motivo eles foram devolvidos. Eram 123 desenhos e cartões, produzidos entre 1932 e 1937, período em que o pintor morou no Rio de Janeiro. Na década de 1980, a nora de Oswald, Adelaide Guerrini (casada com o artista plástico Nonê Andrade, filho do escritor), vendeu o conjunto ao Museu Casa Guignard, de Ouro Preto, onde permanece como a parte mais importante do acervo. No entanto, pouco se sabe da história que o originou. Como teria sido esse romance? Guignard enviou ou não os cartões? Quem foi Amalita que esnobou o pintor?

Guignard nasceu com o defeito congênito do lábio leporino e não tinha o céu da boca. Isso lhe dava uma voz fanhosa e eventualmente gerava situações constrangedoras na hora da refeição, como grãos de arroz saltando pelas narinas. Foi educado na Europa, em colégios alemães e italianos, e era extremamente polido. Compensava a voz fanha fazendo muitas mesuras, como um mordomo gentil. O poeta Manuel Bandeira o chamava de "anjo mutilado". Apesar de ser um artista muito respeitado no meio, tinha uma ingenuidade quase infantil. Vivia em dificuldades financeiras, dependendo do favor de amigos.

Casou-se na juventude com uma estudante de piano de origem russa, chamada Ana Doring, filha da dona da pensão onde morava em Munique, na Alemanha. Por algum motivo, a jovem o abandonou durante a lua de mel, em Florença. Pelo resto da vida, ele carregou uma mecha de cabelos da esposa. E, desde que voltou ao Brasil, não teve outro romance conhecido. Frequentava prostíbulos e se derramava em paixões platônicas com as alunas de pintura, sempre galanteador, mas nunca atrevido. O caso com Amalita era singular porque durou cinco anos e resultou numa produção artística fascinante. ▶

Fotos. Instituto Moreira Salles, divulgação (3)

ROMÂNTICO
O pintor Alberto da Veiga Guignard no Rio de Janeiro, em 1946. Ele pintava cartões apaixonados para Amalita



SÉRIAS E COMPORTADAS **Amalita Fontenelle *(à esq.)* e suas irmãs, Anita e Lola. O celibato das irmãs se tornou folclórico na família**

Os cartões, escritos em português e francês, são cuidadosamente ilustrados, com desenhos delicados que aludem ao universo da música e da pintura. Além de declarações de amor, trazem mensagens de Natal, Ano-Novo e aniversário. São dedicados principalmente a Amalita, mas também a suas duas irmãs, Lola e Anita, à mãe e ao pai delas. Do conjunto, ainda fazem parte pequenos desenhos de paisagem e natureza-morta dedicados a Amalita, croquis de cartazes e uma espécie de diário ilustrado do romance. Tudo isso foi colado num álbum, aparentemente pelo próprio Guignard, no dia de seu aniversário, em 25 de fevereiro de 1937. Na primeira página aparece uma foto que as três irmãs enviaram a ele, jovens, bonitas e elegantes.

Segundo as cartas, Guignard viu Amalita pela primeira vez num concerto do Theatro Municipal. Ela tinha 23 anos, e ele 36. Depois de uma troca rápida de olhares, o pintor a seguiu no bonde, mas perdeu seu rastro. Continuou frequentando o mesmo bairro sem sucesso. No ano seguinte, encontraram-se por acaso num baile de Carnaval, dançaram e se conheceram. Ele soube que ela era estudante de piano, tinha duas irmãs e morava no Catete. Passaram a sair juntos, num relacionamento aparentemente casto: "Namorados que trocam beijos com os olhos", escreveu Guignard. O pintor ficou completamente apaixonado: "Saberá ela que a amo?", escreveu em um dos cartões. Neles, confidenciava que a amada inspirava sua pintura: "Minha palheta fica mais alegre, mais clara, mais colorida". Dois anos depois, parece ter havido um rompimento. Uma das cartas tem marcas de fogo. O pintor escreveu a Amalita: "Sentirei muito sua falta pois já considero você inclusa na minha vida. Os primeiros momentos serão terríveis".

Mesmo depois disso, Guignard continuou produzindo cartões de amor, com declarações derramadas, mas não é possível identificar se foram enviados ou não. Por vezes falava de culpa, dizia que seus desejos nunca foram maus e pedia desculpas caso a tivesse magoado por algum motivo. "Cada cartãozinho tinha tanto investimento criativo como um quadro convencional, não deixava nada a dever para uma obra de 1 metro de comprimento", diz o artista plástico José Alberto Nemer, que participou da compra dos cartões para o museu. "Guignard foi um dos poucos artistas que conseguiu aproximar sua existência da arte. A vida particular dele e sua obra tinham uma fronteira muito tênue." Mesmo reconhecendo o talento daquele artista apaixonado, a jovem Amalita deu um basta na relação. Pianista e filha de uma família da classe média, talvez esperasse pretendente melhor que um pintor fanho e tímido, que naquela época trocava obras por um prato de comida. Numa única mensagem que escreveu a ele, sugeria que encontrasse outra musa inspiradora: "Que o meu amigo encontre motivos tão interessantes e sugestivos para confirmação de seu talento e glória".

Algum tempo depois, Guignard migrou para Minas Gerais e afastou-se definitivamente do Rio de Janeiro. Nunca mais tocou no assunto. Continuou vivendo com dificuldades financeiras e morreu sozinho. Depois de morto, passou a ser valorizado como um dos pintores mais importantes do país, ao lado de Cândido Portinari e Di Cavalcanti.

Fotos: divulgação

Em 2015, um quadro seu representando um vaso de flores, pintado na mesma época dos cartões, foi vendido por R$ 5,7 milhões, fazendo desta a obra de arte mais cara de um artista brasileiro negociada em leilão.

ÉPOCA investigou o destino de Amalita e conseguiu solucionar uma ponta do mistério. Era carioca, filha de militar – e seu final foi tão melancólico quanto o do pintor. Ela morreu solteira, nove anos depois da morte de Guignard, aos 62 anos de idade. Não deixou bens nem filhos. Sofreu um infarto em decorrência da hipertensão arterial e foi enterrada em menos de 24 horas no cemitério São João Batista, no Rio. Suas duas irmãs também morreram solteiras. Anita sofria de problemas respiratórios. Lola morreu há cinco anos, num asilo para idosos. "Eram muito sérias e comportadas, mas viraram um exemplo negativo na família. Quando uma mulher demorava a se casar, todos diziam 'vai ficar igual às filhas do tio Virgílio'", diz Maria Sueli Costa, viúva de um primo de Amalita.

O pai da pianista, Virgílio Fontenelle, era militar e negociante, tinha uma loja de charutos e posteriormente foi leiloeiro. A família levava uma vida confortável. Amalita formou-se em 1934, no Conservatório do Distrito Federal, e passou a dar aulas em casa. O piano ficava na sala de visitas, onde ela recebia os alunos. A rotina permaneceu inalterada por anos. Com a idade, vieram os cabelos brancos, cortados na altura da orelha. Ela não falava sobre a paixão do pintor na juventude. Uma das alunas, que não quer se identificar, morava na parte de baixo do sobrado onde vivia a pianista. Conta que quando estava estudando em casa, e errava alguma nota, Amalita ouvia do andar de cima e batia com o cabo de vassoura no assoalho, para ela tocar direito. Na década de 1960, a família perdeu a casa e teve de se mudar para o apartamento de uma tia de Amalita, em Ipanema, passando a viver de favor. O pai sofreu um derrame e morreu pouco tempo depois. Os cartões de Guignard, caso estivessem com ela, poderiam ter rendido um bom dinheiro naquele momento. Chegaram às mãos de Oswald de Andrade, numa trajetória que continua uma incógnita. ◆

JAIRO BOUER

O impacto terrível das redes antissociais

Redes sociais são assim chamadas por permitir que as pessoas tenham uma maior possibilidade de interação com amigos e conhecidos e, em maior escala, com o grande público. São, então, instrumentos facilitadores do contato e cooperação entre as pessoas? Certo? Depende! Dois episódios recentes acontecidos aqui no Brasil mostram quanto elas podem ser extremamente antissociais.

O primeiro deles foi uma gravação feita de uma mulher que chegava a um restaurante sofisticado em São Paulo, caiu ao descer do carro e foi arrastada pela enxurrada por alguns metros, durante uma forte chuva que acontecia na cidade.

Alguém gostaria de ser filmado nessa situação e ver sua imagem "viralizada" pelas redes sociais?

É ético expor alguém a se tornar alvo de zombarias e chacotas online? Quem grava e divulga esse conteúdo poderia ser punido pelo prejuízo que causa à imagem da pessoa que sofreu a queda? Alguém sabe quem fez isso e qual a motivação de expor o outro ao ridículo?

O segundo fato foi um importante veredito da Justiça de punir um homem de 28 anos que difamou uma mulher de 21 no WhatsApp, decisão que pode servir de base para outras situações semelhantes. O rapaz vai ter de pagar uma indenização de R$ 10 mil à garota.

Em um grupo do aplicativo com 17 amigos, o homem afirmou, em áudios e mensagens de texto, que havia tido relações sexuais com a mulher e "tirado" a virgindade dela. A jovem conta que era apenas amiga do rapaz, nunca tendo tido nenhum tipo de contato mais íntimo com ele.

O rapaz pedia "sigilo" da história para os colegas, mas a informação "vazou", e a garota passou a se sentir ridicularizada. Ela deixou de ir à faculdade e sair de casa após as mensagens difamatórias. O homem envolvia ainda a irmã e a mãe da garota nas histórias, usando linguagem vulgar nas mensagens, segundo o desembargador que julgou o processo. Os amigos confirmaram que as mensagens aconteceram. A garota ainda tentou entrar em contato com a família do rapaz para que ele desmentisse os boatos, mas não obteve sucesso. Então, decidiu processá-lo por ferir sua reputação.

Fiquei aqui pensando o que leva um homem adulto a inventar um boato que prejudica outra pessoa e, ainda, compartilhá-lo com os amigos em uma rede social altamente porosa. Insegurança? Vingança? Fama? Falta de bom-senso? Machismo? Bem, aqui as respostas são apenas especulações. Mas, se a ética e os valores individuais vêm se mostrando insuficientes para barrar esse tipo de atitude antissocial nas redes, o Poder Judiciário tem de entrar em cena. É bom que a Justiça deixe o recado de forma clara: quem usa as redes sociais para agredir, difamar, caluniar ou injuriar pode, sim, ser punido por esses crimes. ◆

Jairo Bouer é médico formado pela USP, com residência em psiquiatria. Trabalha com comunicação e saúde
E-mail **jbouer@edglobo.com.br**

Bruno Astuto

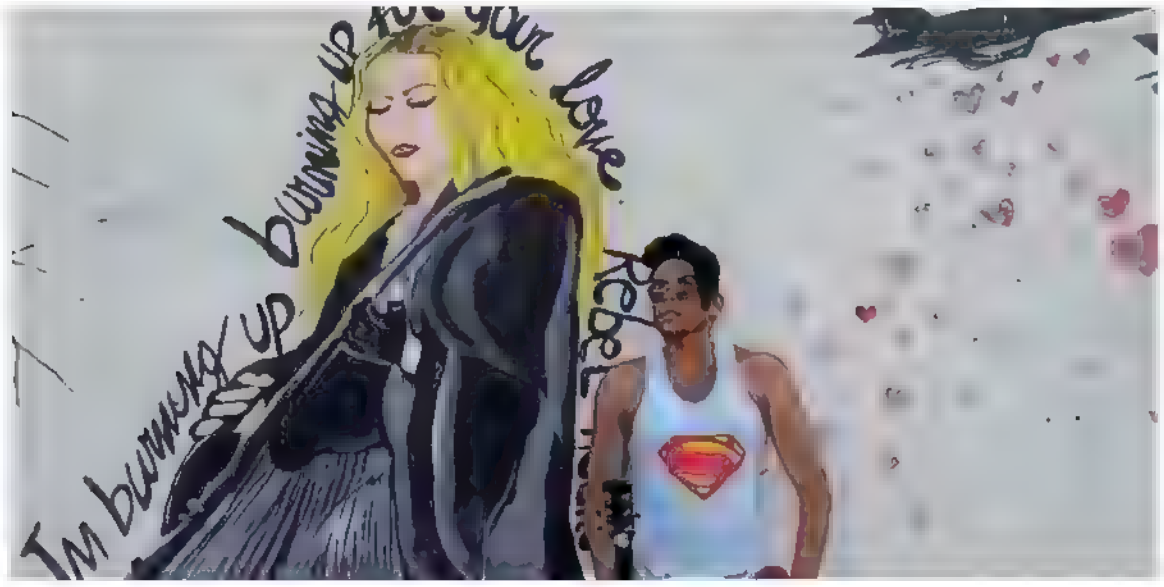
brunoastuto@edglobo.com.br

Delegata

Há alguns anos emendando uma novela na outra, **Flávia Alessandra** conseguiu uma folga da TV Globo em 2017 para se dedicar ao cinema. Em *Polícia Federal – A lei é para todos*, longa-metragem que fala sobre os bastidores da Operação Lava Jato, ela vive uma delegada da Polícia Federal. "Pouca gente sabe, mas me formei em Direito e cheguei a prestar exame para a Ordem dos Advogados do Brasil. Foi fundamental para mim e acho que todo cidadão deveria ter, ao menos, uma base em Direito para saber seus direitos e deveres", diz a atriz. Ela se preparava para abrir um escritório de advocacia, quando recebeu o convite para fazer a novela *A indomada*, de 1997. "Dei sorte. A vida artística é muito incerta. Tenho consciência de que faço parte de uma minoria que deu certo e vive muito bem da profissão. Falo sempre isso para os jovens atores: tenham um plano B para não pirar. Para mim, foi ótimo sempre ter o Direito como segunda opção."

Do Ceará para o Malaui

O artista visual **Wanderson Petrova**, de 24 anos, já tinha dedicado muitos de seus trabalhos a Madonna na cidade de Crato, região do Cariri, no Ceará. Dois deles, inclusive, já tinham sido compartilhados pela própria cantora no Instagram. Mas, no final do ano, chegou um convite inesperado: pintar, a convite da Rainha do Pop, um muro do Mercy James Institute, o hospital infantil que ela vai inaugurar no Malaui. "Precisou alguém como ela olhar para mim para que todos entendessem que faço mesmo arte", vibra ele, que viajará para a África em fevereiro e não cobrou cachê. "Quero retribuir às músicas dela que salvaram minha vida. Acredito na força de ajudar as pessoas. Vou materializar minha gratidão naquelas paredes."



Fotos: divulgação/BrazilFoundation; divulgação, Fael Gregorio, Marcelo Tabach/Ed. Globo, Emmanuel Giraud/Vogue, acervo pessoal

Com **Acyr Méra Júnior** e **Guilherme Scarpa**

Voos altos

Foi no último Festival de Gramado, em agosto, que o astro americano **Brock Kelly** *(de camiseta escura)*, da série *Supernatural,* abordou **Paulo Dalagnoli** sobre uma possível participação em seu novo filme, *Method of corruption (Método de corrupção)*. "Eu nem levei fé, mas mandei os vídeos de meus trabalhos na Globo", conta o ator, que meses depois recebeu um e-mail com o convite oficial. No longa-metragem, que será rodado em Los Angeles depois do Carnaval, Paulo viverá um jovem empresário americano que faz uma viagem de curtição com os sócios ao Brasil. "Tenho tido quatro aulas diárias todos os dias com um coach e fonoaudiólogo, porque não posso ter sotaque nenhum." Antes de filmar, ele vai desfilar em três escolas de samba. Na Viradouro, vem fantasiado de Super-Homem. "Vou até voar no Sambódromo do Rio."

Enfim, só

Após 17 anos de parceria com Maria Grazia Chiuri à frente da direção criativa da Valentino, o italiano **Pierpaolo Piccioli** viu-se sozinho no comando da marca com a ida dela para a Dior. Ele acaba de exibir em Paris e Nova York três coleções criadas simultaneamente e ovacionadas pela crítica. "De certa forma, agora é mais fácil, gerenciando tudo da minha maneira", diz ele em entrevista à *Vogue Brasil* de fevereiro. "A chave disso tudo é que eu amo de verdade o que faço, por isso não sinto a pressão. Todos os dias, quero lembrar aquele tempo em que sonhava em trabalhar com moda." Para a Valentino, a crise passa longe daqui: a grife abrirá em fevereiro sua nova butique no Shopping Iguatemi de São Paulo, o quinto endereço no país.

Cartas marcadas

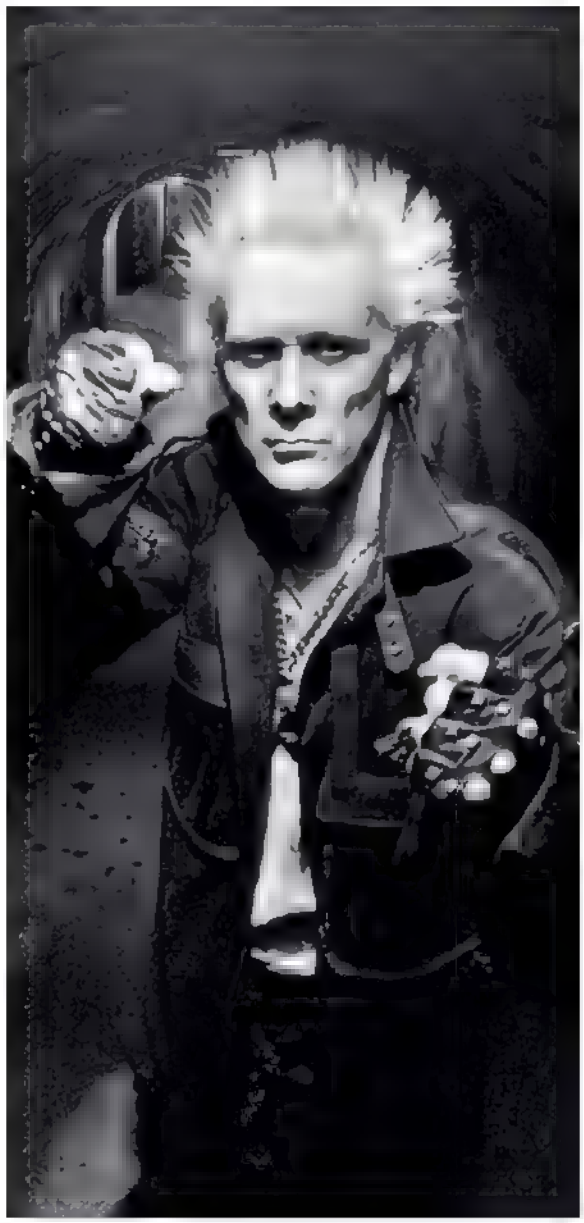
Lilia Cabral se prepara para viver uma jogadora compulsiva na próxima novela das 9, *A força do querer*, de Gloria Perez. "Aprendi a jogar tudo o que se pode imaginar, mas não me viciei. Na verdade, são jogos de carta, que são mais difíceis e requerem mais inteligência. Sei embaralhar muito bem", conta a atriz sobre a personagem Silvana. "Ela é uma mulher normalíssima, mas tem esse fraco, vai dar trabalho para a família. Tenho estudado muito, porque não tenho nenhuma maniazinha. Até gostaria de ter uma." Prestes a completar 60 anos em julho, Lilia vai rodar o longa-metragem *Maria Caritó*, inspirado na peça de teatro que encenou por anos, e voltará aos palcos com *Ainda estou aqui*, de Marcelo Rubens Paiva. "Não tenho segredos de beleza. Não bebo nem fumo, o que já ajuda muito. Faço uns exercícios, mas não me mato, não. A genética da família é muito boa."

ENTREVISTA

SUPLA
CANTOR

"Falo o que penso e tomo porrada"

Aos 50 anos, **Supla** vai rodar o Brasil com seu mais recente álbum, *Diga o que você pensa*, título de uma das 14 canções do CD, todas compostas por ele. Filho de Eduardo Suplicy, o vereador mais votado em São Paulo nas últimas eleições, e da senadora Marta Suplicy, ele faz no dia 4 um show ao lado dos Titãs no Circo Voador, no Rio de Janeiro, e fala das dificuldades que enfrenta por causa de seu "jeito livre de ser".



NA LUTA
Supla posa para fotos do novo álbum. Ele se sente perseguido

EPOCA – **Acha que paga um preço alto por dizer o que pensa?**
Supla – Quando Donald Trump disse que poderia chegar à Quinta Avenida, dar um tiro em alguém e, mesmo assim, não perderia votos, pensei: "Pô, meu, que mensagem esse cara quer passar?". Então fiz "Trump, Trump, Trump". Fui criticado, disseram que, com tantos problemas no Brasil, não tinha de fazer música sobre ele. Mas ele é uma incógnita para o mundo, e isso reflete aqui. As atitudes dele em relação à Rússia e à China, por exemplo, podem desencadear a Terceira Guerra Mundial... Sei lá, papito?!

EPOCA – **Considera-se um anarquista?**
Supla – Eu me pergunto: "Quem são vocês aí no Congresso para determinar as leis? Para vetar a descriminalização da maconha, por exemplo?". Que moral eles têm? Estão todos entupidos de acusações. Se pensar assim é ser um anarquista, o.k., então sou um. Anarquia, para mim, é liberdade, é cada um viver sua vida da forma como quer.

ÉPOCA – **É difícil não se enquadrar nos padrões?**
Supla – Sempre. Ainda mais quando surgiu o mensalão. Já ouvi: "Você é filho de ladrão, seu pai apoia o Lula", ou "Sua mãe é isso, aquilo, mudou de partido e blá-blá-blá". Eu não concordo com tudo o que meus pais falam e defendem, mas nos respeitamos. Talvez as pessoas olhem para mim, cabelo descolorido, filho de fulano, meio diferente, e achem que não sou politizado. Mas sou antenado, preocupado com o que acontece a minha volta.

Agruras de casamento

Longe da TV desde a última temporada de *Mister Brau*, **Guta Stresser** acaba de estrear no Rio de Janeiro a peça *Ela é meu marido*, que fala sobre a dificuldade de as mulheres de hoje encontrarem um homem. "É a história de duas amigas que, de tão frustradas nesse assunto, decidem ficar juntas. É uma ideia meio estapafúrdia, mas elas vão entendendo que o problema não está na questão do gênero, e sim no casamento", conta Guta, que é casada com o músico André Nervoso há mais de dez anos. "Ficar junto é uma arte, uma luta diária. O amor está na delicadeza, na tentativa de acertar. E as relações não são mais como no tempo de nossos avós, em que se varria tudo para debaixo do tapete."

Fotos: divulgação, Camila Marchon/ÉPOCA

COMECE O SEU NEGÓCIO AO LADO
DE QUEM MAIS ENTENDE DO ASSUNTO

JÁ NAS BANCAS

WALCYR CARRASCO

Dicas do médico: Botox, laser, lipo e pó facial

Marquei com o dermatologista para mostrar minhas pintas. Tornou-se rotina há anos, quando descobri uma perigosa. Não era nada, mas podia ter sido. Pintas são traiçoeiras. Escolhi um profissional que oferece outras coisinhas. Digamos, alternativas estéticas. Em minha juventude, homem que usava perfume demais já sofria bullying. Não tenho o hábito de passar cremes e coisas do tipo, embora compre. Vejo um creminho perfumado, gostoso, compro. Guardo para usar algum dia e vou deixando. Ah, que preguiça!

O médico observou minhas pintas com lupa. Tudo o.k. Aproveitei para saber de tratamentos estéticos. Ele comentou:

– Esses vincos na testa. A gente pode aplicar Botox.

– Pensei que me davam uma aparência sábia!

– Envelhecem.

Olhei os sulcos. Pareciam marcas de uma moto na areia da praia.

– Do lado dos olhos também, veja quantas preguinhas.

No espelho, aumentadas, não eram preguinhas, mas um leque. Minha dúvida:

– Doutor, vou poder fechar os olhos?

Explicou que não havia riscos. Essa história de não fechar os olhos acontece mais com plásticas exageradas. A pele fica tão esticada que as pálpebras não descem.

Mostrou o laser. Há várias coisas que se podem fazer com um bom laser. Tirar rugas.

– Dói?

– Dá uma sensação de queimado, mas não é demais.

– Seja franco. É churrasco a laser?

Certas perguntas não merecem respostas, foi o que concluí. O doutor fez uma sessão demonstração que, em 15 minutos, deixou meu queixo mais fino.

– Todas as manhãs, passe este creme.

Meu problema é esse. A palavra "manhã". Acordo tarde. Acordar é modo de dizer. Sinto-me como Drácula empurrando a tampa do caixão, num processo longo e sofrido. Arrasto-me para escovar os dentes e tomar banho. Como me dedicar ao creminho em tal estado psicológico?

– Não use sabonete comum para lavar o rosto à noite. Vou pedir uma espuma de romã, por manipulação.

Por que romã, e não uva, abacaxi ou melão? Ele devia ter seus motivos.

– Às vezes, fico com a aparência cansada, doutor.

– Tem esse pancake aqui. É muito usado por homens, porque é discreto. Veja. É quase do tom da sua pele.

Observei o pancake. O tom. Já vi muitos amigos, absolutamente héteros, quero ressalvar, com a pele naquele tom.

– Você também pode ressaltar os olhos com esse delineador. É discreto. E você devia usar um xampu especial.

– Meu cabelo é tranquilo.

– Vou passar a receita de um xampu que hidrata, ficará melhor.

– Doutor, sinceramente. Preciso de plástica?

– Bem... aqui e aqui. Se der uma puxadinha, mais uma... Vai adquirir uma aparência mais leve.

– Morro de medo de ficar esticado como um tamborim.

– Depois a pele relaxa.

– Além do mais, e a barba? O que acontece?

– Terá de fazer barba atrás da orelha. É comum.

– E as orelhas, não vão bater palmas atrás da cabeça?

– Talvez fiquem um pouco afastadas, mas você disfarça com o cabelo. Ah, sim. Se fizer plástica no rosto, aproveite para tirar um pouco da barriga. Faça uma lipo.

Já fiz, confesso. A lipo em si não foi dolorosa. Mas depois, ao longo de dois meses, é preciso usar um colete apertado, para dar forma ao estômago. No verão, ferve. E a barriga voltou. Voltará sempre, pois não sou de academia.

> VOCÊ VAI CONSEGUIR FECHAR OS OLHOS. MAS TERÁ DE FAZER A BARBA ATRÁS DAS ORELHAS. E APROVEITE PARA FAZER UMA LIPO

– Você tem de fazer exercícios para se manter – aconselhou o médico.

– Também preciso escrever. Trabalhar. Cuidar das pequenas coisas do cotidiano.

– Pense em como será feliz ao se olhar no espelho. Você tem sorte. Tem maxilar.

– Espera, doutor. Todos nós não temos?

– Alguns rapazes têm, mas muito fino. Então eles aplicam um produto que molda o osso, e o maxilar fica quadrado.

Lembrei de alguns astros de televisão. Rosto quadradíssimo. Huummm...

Fui para casa pensativo. Um amigo acaba de operar a gengiva inteira. Tirou 8 milímetros para ressaltar os dentes. Também fez a remodelação do maxilar. Uma tatuagem para encobrir a falha das sobrancelhas. E operou por dentro da gengiva para afinar o rosto. Tem um filho e diz com o maior orgulho:

– O garoto é minha cara.

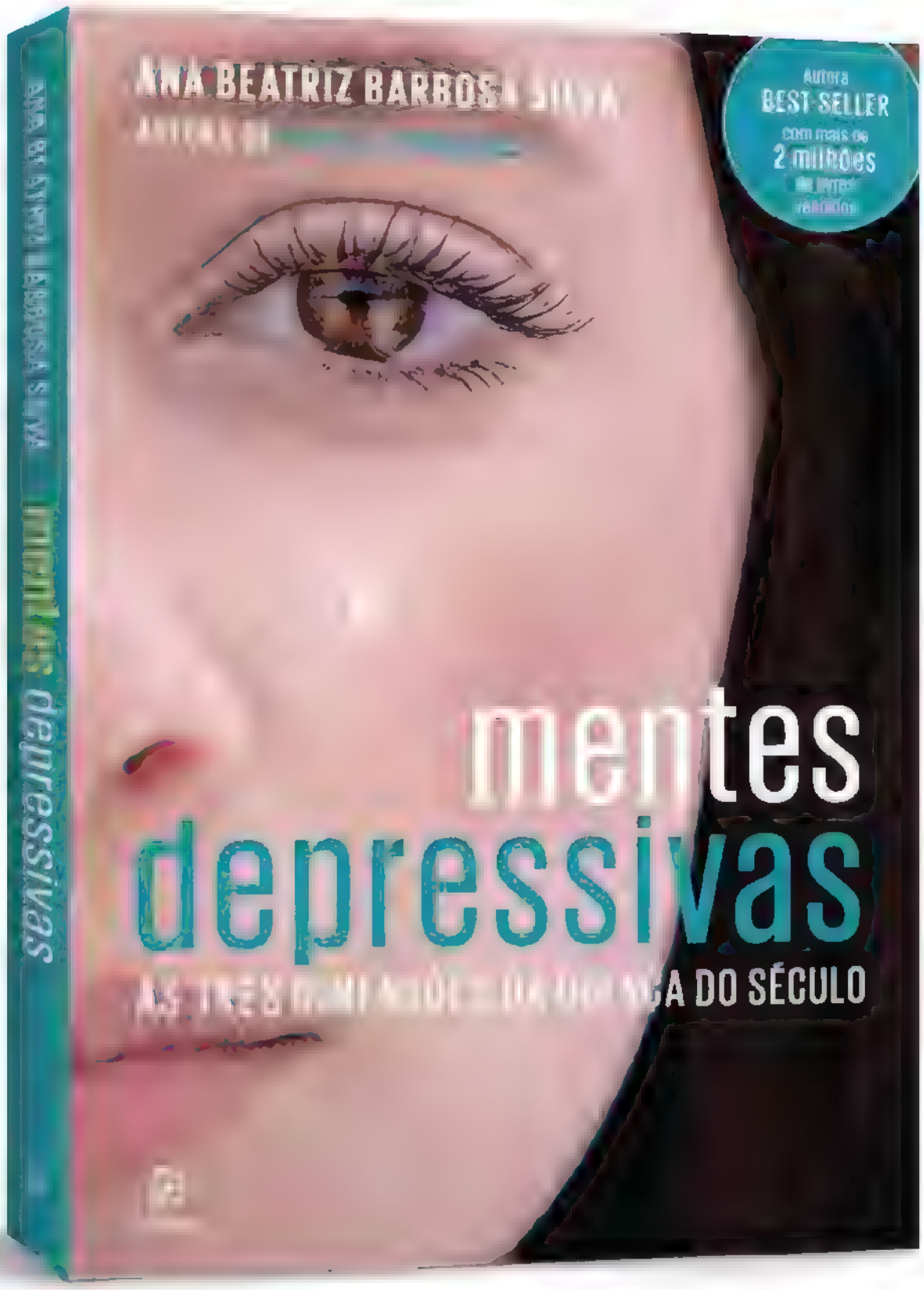
Será que o menino vai ficar parecido com as plásticas?

Fato: homem com pancake é comum na noite. Fato: homem gosta de ser bonito. Fato: eu adoraria fazer tudo isso se não fosse preguiçoso. Sou do tipo que rói unha e não tira a cutícula. Mas ser masculino, hoje, significa ter seu ritual de beleza. ◆

Walcyr Carrasco é jornalista, autor de livros, peças teatrais e novelas de televisão

AUTORA **BEST-SELLER** COM MAIS DE **2 MILHÕES** DE LIVROS VENDIDOS

Depressão não é frescura



Em *Mentes depressivas*, a dra. Ana Beatriz Barbosa Silva, médica psiquiatra e escritora, disseca a depressão de forma inovadora ao abordar a doença do século por meio de suas três dimensões: física, mental e espiritual.

NAS LIVRARIAS E EM E-BOOK

principium

Hollywood *vs.* Trump

Em reação ao governo com o maior número de homens brancos da história recente dos EUA, a Academia de Hollywood fará, neste ano, o Oscar da diversidade

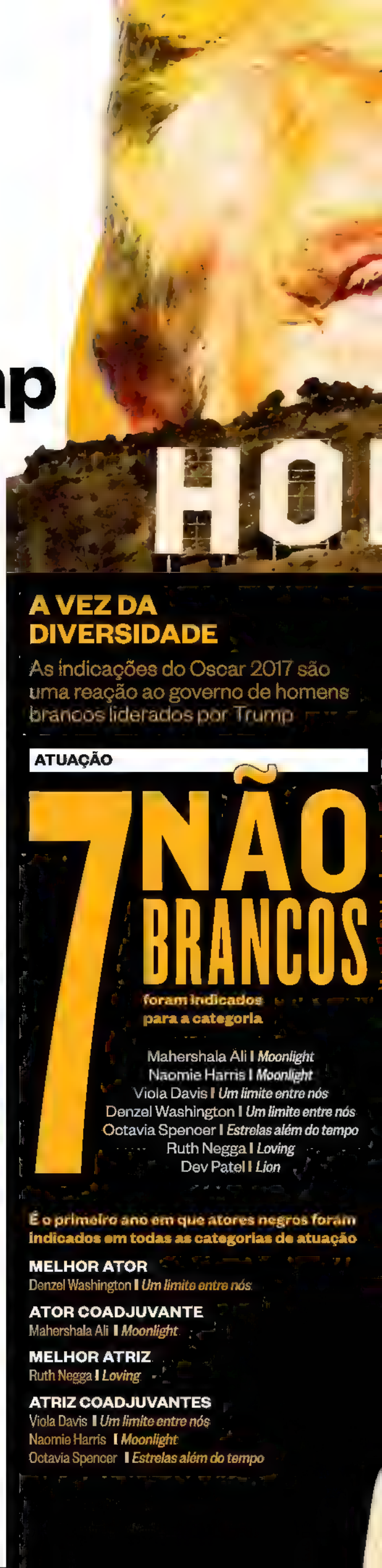
Nina Finco

Apenas um dia após a posse de Donald Trump na Casa Branca, milhares de mulheres tomaram as ruas das cidades americanas para protestar contra o nacionalismo misógino e branco do novo presidente. Na capital Washington, artistas e militantes dos movimentos feminista, negro e LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transexuais) subiram ao palanque para conclamar a uma luta de resistência contra Trump. "Nós representamos forças poderosas de mudança que estão determinadas a impedir as culturas moribundas do racismo e do heteropatriarcado de levantar-se novamente", afirmou a ex-Panteras Negras e filósofa Angela Davis. No mesmo palco, também esteve a cantora e atriz Janelle Monáe. "Nós estamos aqui hoje para lembrar aqueles que estão abusando de seu poder", discursou.

Janelle participa de dois longas-metragens indicados à estatueta de Melhor Filme no Oscar 2017, *Estrelas além do tempo* e *Moonlight*. Esses filmes integram uma lista contrastante de nomeações da Academia em relação aos dois últimos anos. Enquanto no Oscar 2015 e no 2016 as categorias de atuação pertenceram, sem exceção, a pessoas brancas, neste ano as indicações para atores, roteiristas e diretores negros bateram um recorde histórico. Num ano em que Trump montou um gabinete com o maior número de homens brancos desde o governo Ronald Reagan (1981-1989), Hollywood resolveu marcar posição na guerra cultural americana.

Por dois anos seguidos, a preferência da Academia por atores brancos incitou manifestantes na internet a criar a hashtag #OscarSoWhite (Oscar tão branco, em inglês). A onda de protestos levou a presidente da organização, Cheryl Boone Isaacs (uma mulher negra), a diversificar os eleitores – até então, esse grupo, com idade média de 62 anos, era formado por 94% de pessoas brancas e 76% de homens. Em julho, 683 pessoas foram convidadas a votar neste ano, entre elas um número expressivo de jovens, mulheres, latinos, negros e asiáticos.

A mudança deu resultado. Pela primeira vez na história, três mulheres negras concorrem na categoria de Melhor Atriz Coadjuvante, que tem cinco vagas. Entre os filmes escolhidos neste ano, há também histórias de afirmação social de minorias. *Moonlight*, com oito indicações, trata da vida de um negro gay no subúrbio de Miami. *Estrelas além do tempo*, que estreia nos cinemas brasileiros na quinta-feira, 2 de fevereiro, conta a saga de três mulheres negras da Nasa que foram imprescindíveis para levar o homem à Lua. *Loving* é um drama histórico sobre um casamento inter-racial. *Um limite entre nós* é protagonizado por um homem frustrado que enfrenta os conflitos raciais da década de 1950 enquanto mantém relações conturbadas com a mulher e o filho. Entre os concorrentes a Melhor Documentário, *A 13ª emenda* fala sobre o encarceramento massivo de negros nos Estados Unidos. *Eu não sou seu negro* mostra a tensão racial durante o movimento dos direitos civis. *O.J. Simpson:*



Montagem de Daniel Graf sobre fotos de Getty Images

made in America trata do julgamento do astro negro de futebol americano, acusado de assassinato. "É triste que ainda tenhamos de protestar contra o preconceito acerca de nossa cor da pele", disse Janelle a ÉPOCA. "É incrível ver papéis de destaque ser finalmente oferecidos a atores negros e que haja espaço para contar nossas histórias. Afinal, nós ajudamos a tornar a América grande."

Essas narrativas reforçam as batalhas de negros, mulheres e homossexuais nos debates incendiários sobre segregação racial e social, imigração, religião e identidade nacional, que têm marcado a crescente guerra cultural americana nas últimas décadas. Em seu livro *Uma guerra pela alma da América*, o historiador Andrew Hartman afirma que o que está em disputa é a essência dos Estados Unidos.

O passado da indústria cinematográfica foi marcado por representações estereotipadas, que reproduziam a ideia de uma América branca, e oportunidades limitadas para as minorias. Em tempos recentes, as estrelas de Hollywood passaram a se associar aos valores de uma "elite liberal e cosmopolita" que está em guerra com Trump. Na premiação do Oscar 2016, o diretor mexicano Alejandro González Iñárritu aceitou o prêmio de Melhor Diretor por *O regresso* com uma conclamação: "Vamos nos libertar de todos os preconceitos e do pensamento tribal". O vencedor de Melhor Roteiro Adaptado por *A grande aposta*, Adam McKay, advertiu o público contra "grandes bancos, petroleiras ou bilionários esquisitos". O ator Andy Serkis, ao apresentar o prêmio de Melhores Efeitos Especiais, comparou Trump a "um monstro megalomaníaco".

Agora, que Trump é presidente, o tiroteio tende a se acentuar. Na premiação do Globo de Ouro, a atriz Meryl Streep fez duras críticas ao presidente e recebeu um revide pelo Twitter. Trump a chamou de "superestimada" e "lacaia de Hillary *(Clinton)*". Na semana passada, Meryl recebeu sua 20ª indicação a um prêmio da Academia por sua atuação. No dia 28 de fevereiro, ela e a maior quantidade de atores negros já indicados na história da Academia estarão presentes na entrega do Oscar 2017. Estamos ainda apenas no ensaio das novas batalhas da longeva guerra cultural americana. ◆

DOZE HORAS

TEMPO LIVRE? ESQUEÇA. EIS O QUE VOCÊ PRECISA FAZER NESTA SEMANA

STREAMING
1 hora

Fome de gente

Quem disse que série de zumbi precisa ser assustadora? A trama de ***Santa Clarita diet*** promete altas doses de risadas ao colocar **Drew Barrymore** no papel de Sheila, uma mulher comum e inofensiva que, de repente, morre e volta à vida com muita fome de carne humana. Ela, o marido, Joel (Timothy Olyphant), e a filha Abby (Liv Hewson) precisarão descobrir uma forma de se adaptar à nova dieta da matriarca sem serem descobertos. A primeira temporada, produzida por Victor Fresco, responsável por sucessos como *Mad about you* e *Alf – O ETeimoso*, chega com dez episódios. **Netflix, estreia no dia 3/2.**

CD
2 horas

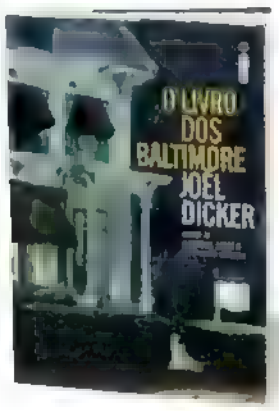
Judas do folk

Em 1966, ***Bob Dylan*** estava em tour na Europa. Por onde passava, causava alvoroço ao mostrar seu folk renovado, com acordes de guitarra elétrica (para horror dos puristas). Finalmente, o concerto no **Royal Albert Hall**, em Manchester, na Inglaterra – originalmente gravado para se tornar um disco ao vivo da CBS Records –, é lançado como CD duplo, com grandes sucessos como "Like a Rolling Stone". **R$ 64,90.**

LIVRO
2 horas

O que terá acontecido aos Goldmans?

Depois do retumbante sucesso de *A verdade sobre o caso Harry Quebert*, o escritor suíço Joël Dicker manteve Marcus Goldman como protagonista de seu novo livro, mas trocou o romance policial pela crônica familiar. A narrativa, porém, continua não linear e transpira mistério. Em ***O livro dos Baltimore***, após reencontrar uma paixão do passado, Goldman se põe a investigar o Drama, com D maiúsculo, que se abateu sobre a parte rica de sua família. O leitor terá de esperar a conclusão do livro para descobrir o que aconteceu com os Goldmans e como o protagonista conseguiu, enfim, se libertar do passado. **Intrínseca, 416 páginas, R$ 49,90.**



Por **Nina Finco**, mfinco@edglobo.com.br,
Ruan de Sousa Gabriel, rsgabriel@edglobo.com.br, e **Sérgio Garcia**

CINEMA
2 horas

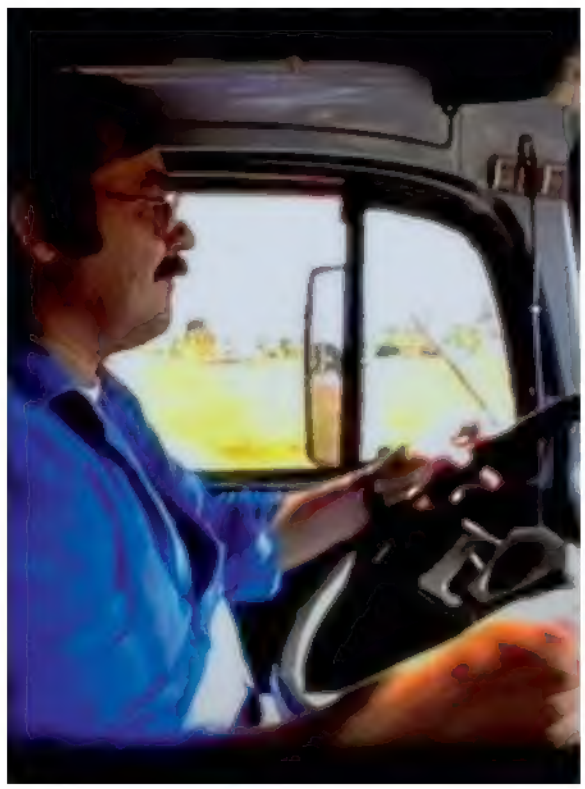
Queda de braço política

Quando uma poderosa lobista de Washington decide se ater a seu único limite ético, o mundo político do Congresso americano ameaça se desestabilizar. Esse é o cenário de ***Cartas na mesa***, filme com Jessica Chastain no papel de Elizabeth Sloane, uma mulher inescrupulosa que coloca sua bem-sucedida carreira em risco para travar uma batalha contra a liberação do porte de armas. O filme, do roteirista estreante Jonathan Perera, segue o estilo de outros longas-metragens sobre advocacia, espionagem e política: diálogos rápidos, nervos à flor da pele e reviravoltas de último minuto. **Estreia no dia 2/2.**

DVD
2 horas

Na estrada

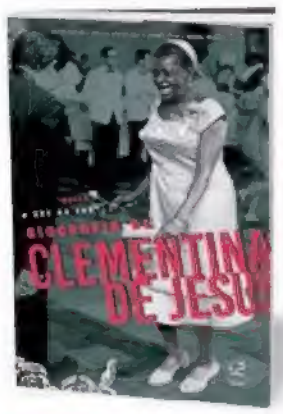
Qual o sentido da vida? Essa pergunta irrespondível guia ***Homem comum***, premiado documentário do cineasta Carlos Nader. Ao longo de quase 20 anos, Nader pegou carona no caminhão do paranaense Nilson de Paula e registrou como mudavam a vida do caminhoneiro e de sua família. As gravações de Nader são costuradas com cenas do cultuado filme dinamarquês *A palavra* (1955). Um livreto com um ensaio assinado por José Miguel Wisnik acompanha o DVD. **Instituto Moreira Salles, R$ 44,90.**



MOSTRA
2 horas

Vale a pena ver de novo

A mostra ***Os melhores filmes do ano*** exibe 12 das produções mais aclamadas que visitaram os cinemas em 2016. A programação, assinada pela Associação de Críticos de Cinema do Rio de Janeiro (ACCRJ), agradará a entusiastas do cinema nacional (*Aquarius* e *Meu amigo hindu*), de filmes cabeça (*Taxi Teerã* e *O filho de Saul*) e do melhor de Hollywood (***Café society*** e *Os oito odiados*). **Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro, até 6/2.**



LIVRO
1 hora

Salve, Clementina!

Clementina de Jesus (1901-1987) já era uma sessentona e trabalhava como doméstica quando surgiu na cena musical. E fez história. Com sua voz roufenha e grave, cantou lundus, jongos, curimbas e outros gêneros menos cotados, restaurando a ancestralidade ao samba. Neta de escravos e nascida em Valença, município cafeeiro do Vale do Paraíba, ela era um verdadeiro acervo de canções transmitidas pelos antepassados. Essa personagem fascinante é tema do livro ***Quelé – A voz da cor: biografia de Clementina de Jesus***, escrito por Janaína Marquesini, Luana Costa, Raquel Munhoz e Felipe Castro. **Civilização Brasileira, 384 páginas, R$ 49,90.**

Fotos: divulgação

RUTH DE AQUINO

Eike Batista, nem santo nem diabo

Eike Batista uma hora vai delatar. Não por maldade ou vingança. Não para crucificar a enorme lista de políticos que ele beneficiou, à vista de todos ou por baixo da mesa. Vai delatar porque nenhum empresário famoso consegue se manter "foragido da Interpol" por muito tempo, mesmo com passaporte alemão.

Vai delatar porque o ex-homem mais rico do Brasil, pai de Thor e Olin, ex-marido de Luma, se recusará a ser trancafiado em cela comum de presídio. Eike não concluiu o ensino superior de engenharia na Alemanha e, por isso, sem diploma, não tem direito a regalias. É o X do problema. Falência financeira, tudo bem, Eike já se reergueu com saídas mirabolantes. Falência moral é outra coisa para o filho do nonagenário Eliezer Batista.

Eike não se enxerga como chefe de quadrilha criminosa. Seus amigos e ex-funcionários tampouco o viam assim. Muitos ganharam e perderam dinheiro embarcando em seus delírios. Louco, visionário, audacioso, megalômano, empreendedor, místico e generoso – e até cafona e ingênuo – são adjetivos mais associados a Eike do que "bandido" ou "mau-caráter", segundo quem o conhece bem. Era "mão-aberta", não só em troca de incentivos fiscais. Não fazia segredo de sua carência maior: ser amado, especialmente no Rio.

Acusado de repassar e ajudar a esconder propina de US$ 16,5 milhões – um pingo no oceano que inundou as finanças do ex-governador do Rio de Janeiro Sérgio Cabral –, Eike é o alvo da hora da Operação Lava Jato. Mesmo antes de ter mandado de prisão preventiva contra ele, Eike já despertava misto de ódio e inveja. Era o 171 mais bajulado e contraditório do Brasil, recebido como Midas por banqueiros do mundo.

Hoje paga pela ostentação, pelos carrões na sala de sua casa no bairro do Jardim Botânico, os jatinhos, os barcos de corrida, os implantes de cabelo e Botox. Paga pela insistência em prever, com seu riso estranho, que se tornaria o homem mais rico do mundo. O povo não perdoa ricos exibidos.

O que me surpreende é que seus amigos não tenham coragem de vir a público defender seu outro lado. Uma vez testemunhei, no restaurante chinês Mr Lam, de sua propriedade, os efeitos de sua personalidade. O trabalho parecia ser sua maior diversão. Seus convidados, um bando de empresários orientais, só faltavam beijar seus pés. Ao longo de sua ascensão, vimos alguns admiradores ferrenhos de Eike.

"O Eike é nosso padrão, nossa expectativa e orgulho do Brasil", afirmou a então presidente Dilma Rousseff na inauguração do Porto do Açu, em São João da Barra, Norte Fluminense. Para Dilma, Eike tinha "capacidade de trabalho", buscava "as melhores práticas", queria "tecnologia de última geração", percebia "os interesses do País" e merecia "o nosso respeito".

Eike arrematou por R$ 500 mil o terno usado por Lula na primeira posse de janeiro de 2003. Era um leilão beneficente promovido pelo cabeleireiro da então primeira-dama, Dona Marisa, para arrecadar dinheiro para crianças do projeto Escola do Povo, na favela de Paraisópolis, em São Paulo.

Eike fez Madonna chorar, num jantar íntimo no Rio em sua casa, ao dar R$ 12 milhões para a Fundação SFK (Success for Kids), que ajudaria crianças brasileiras e suas mães vítimas de violência. Eike deu para a Santa Casa da Misericórdia um aparelho de ressonância magnética que custou quase US$ 2 milhões. "Todo mundo pede socorro ao Eike. Daqui a pouco vão ter de fazer uma estátua dele de braços abertos no alto de um morro", afirmou o neurocirurgião Paulo Niemeyer Filho.

> EIKE HOJE PAGA PELA OSTENTAÇÃO, PELOS CARRÕES, JATINHOS, BARCOS E BOTOX. O POVO NÃO PERDOA RICOS EXIBIDOS

Uma vez, caminhando no Morro do Borel com o ex-secretário de Segurança José Mariano Beltrame, perguntei sobre o acordo entre o governo do estado e sete grandes empresários que criaria um fundo para infraestrutura nas favelas ocupadas. "Só o Eike Batista honrou esse acordo", disse Beltrame. "Ele contribui com R$ 20 milhões por ano." A sede azul e branca da UPP exibia carros reluzentes. "Viu as camionetes?", perguntou Beltrame. "Todas compradas com a ajuda do Eike. As motos para coleta de lixo também."

O ator Rodrigo Santoro disse que o apoio financeiro de Eike foi "o fator decisivo" para que o filme *Heleno de Freitas* acontecesse. Eike ajudou Arnaldo Jabor a financiar *A suprema felicidade*, ajudou Cacá Diegues a realizar *Cinco vezes favela*. Nunca vimos antes no Brasil um pilantra com essas conexões.

Eike começou comprando ouro no Xingu aos 22 anos, magrelo, com botas e chapéu. Terminou vendendo ilusões e pasta de dentes – seu negócio mais recente. Dizia, no auge, que seu sonho era nadar "numa Lagoa Rodrigo de Freitas limpa" e por isso deu milhões para a despoluição-fantasma. Seu pesadelo agora é a cela comum de Bangu. ◆

Ruth de Aquino é colunista de ÉPOCA **raquino@edglobo.com.br**

TEM, MAS ACABOU. TÁ BOM PRA VOCÊ?

Oferta velha não resolve nada.
Imóveis, veículos, empregos e
muito mais no Classificados do Rio.
Só ofertas atuais com fotos
e navegação inteligente.

Anuncie
classificadosdorio.com.br
21 **2534-4333**

CLASSIFICADOS DO RIO
ESSE RESOLVE.

O GLOBO
EXTRA

MODERNINHA WIFI
#1
2016

De ~~12x R$ 59,90~~
por 12x
R$ 39,90*
Total à vista:
R$ 478,80

moderninha wifi

A maquininha campeã de vendas de 2016

- Sem aluguel e sem taxa de adesão
- Aceita os principais cartões e é a única com Wifi
- Conexão por chip e Wifi
- Chip e plano de dados inclusos
- Vem com Cartão Pré-Pago grátis
- Não precisa de conta bancária**
- Para pessoa física ou jurídica
- Envio grátis de comprovante de venda por SMS
- Frete grátis

3 ANOS GARANTIA

Moderninha Wifi aceita os principais cartões:

Débito e Crédito | Crédito | Refeição

pagseguro UOL

Peça já a sua, acesse ou ligue:
PAGSEGURO.COM.BR
4003-6624
Atendimento 24 horas, 7 dias por semana.

Moderninha Wifi: campeã de vendas do PagSeguro. Consulte condições da garantia em pagseguro.com.br. Bandeiras Amex, Hipercard e Diners são aceitas mediante leitura de tarja. Bandeiras Mastercard®, Visa, Elo, Ticket, Sodexo e VR Benefícios mediante leitura de chip e uso de senha. Verificar bandeiras aceitas em pagseguro.com.br. Para sua Moderninha aceitar cartão refeição ou benefícios, você precisa ser conveniado à Ticket e/ou Sodexo e/ou VR Benefícios. Saiba mais em pagseguro.com.br. Cartão Pré-Pago: sujeito às condições de contratação. O Cartão Pré-Pago é grátis apenas para os novos clientes que comprarem a Moderninha Wifi até 31/3/2017. Wifi requer conexão banda larga para funcionar. *Parcelamento do preço da Moderninha Wifi válido apenas para cartão de crédito. Consulte condições em pagseguro.com.br. **Não precisa de conta bancária exceto para transações realizadas com cartão refeição.